

Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação
Doutorado em Educação



Tese

Tese-crônica: uma prática de imaginação e escrita feminista
latino-americana

LIVIAN LINO NETTO

Pelotas
2023

LIVIAN LINO NETTO

TESE

Tese-crônica: uma prática de imaginação e escrita feminista
latino-americana

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, ao Curso de Doutorado em Educação, para a linha de pesquisa Saberes Insurgentes e Pedagogias Transgressoras, da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação da professora Doutora Aline Accorssi.

Pelotas
2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

N473t Netto, Livian Lino

Tese-crônica : uma prática de imaginação e escrita
feminista latino-americana / Livian Lino Netto ; Aline
Accorssi, orientadora. — Pelotas, 2023.

103 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em
Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de
Pelotas, 2023.

1. Educação. 2. Imaginação. 3. Escrita feminista. 4.
Escrita decolonial. I. Accorssi, Aline, orient. II. Título.

CDD : 370

Elaborada por Michele Lavadouro da Silva CRB: 10/2502

LIVIAN LINO NETTO

Tese-crônica: uma prática de imaginação e escrita feminista
latino-americana

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa 30 de agosto de 2023.

Banca examinadora:

.....
Prof^a. Dr^a. Aline Accorssi (Orientadora)
Doutora em Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil.
.....

Prof^a. Dr^a. Madalena Klein
Doutora em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.
.....

Prof^a. Dr^a. Eliana Peter Braz
Doutora em Educação
Universidade Federal de Pelotas, UFPel Brasil.
.....

Prof^a Dr^a Cristhianny Bento Barreiro
Doutora em Educação
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil.
.....

Prof^a Dr^a Raffaella Fernandez
Doutora em Teoria e História Literária
Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

Agradecimentos

Esta tese só pode ser feita porque eu não estive sozinha. Tudo que nela está escrito foi feito em comunidade. Em vários lugares, em que, ao longo desses últimos anos fomos, mesmo que devagarinho, abrindo as brechas para caminhos mais afetuosos. Mesmo que eu tenha chorado a dor do outro, eu também ri a alegria de viver em comunhão, que partilha amizade, companheirismo e projetos de futuro, dos quais não temos a certeza de que vamos vivenciar.

Esta tese é sobre esperanças pequenas, e sobre imaginação, capacidade a qual devemos sempre lutar para que não caia em desuso. Mesmo que eu escreva milhares de linhas, os agradecimentos desta tese serão feitos ao longo da vida, com atitudes que fortaleçam as amizades, os amores e as esperanças pequenas depositadas em anos de estudo, de trabalho e da possibilidade que é possível viver melhor.

Agradeço a minha mãe, Maria José, por nunca ter feito sua greve. Ao meu pai, Clair, por ser um homem que no que pode se comprometeu com a luta das mulheres, e que sua forma de fazer está presente no meu presente e na minha memória. Agradeço as minhas irmãs, Vivian pela vida da minha sobrinha Elis, e Aline, e ao meu irmão Raí, porque nos momentos difíceis estamos unidos nos fortalecendo.

Agradeço a Cristianny, mulher que é fundamental na minha vida e na minha trajetória, e nenhuma palavra bonita será capaz de expressar meu agradecimento e amor por ela.

A minha orientadora, Aline Accorssi, pela confiança corajosa de apostar em mim quando eu já tinha desistido de tentar. Pela companhia ao longo desses anos tão duros e pela paciência e escuta. Agradeço as professoras que compõem a banca, Raffaella, pela disponibilidade

comprometimento e leitura atenta, rigorosa que contribuiu para a escrita do trabalho. A Lana, pelos seminários atrasados, pelos encontros alegres e por saber ver desde muito antes as esperanças pequenas. A professora Madalena, por enxergar qual era a minha tese quando eu mesma não via.

Agradeço as amizades construídas, cultivadas ao longo da vida, as que passaram e as que permanecem. A parceria e a alegria de compartilharmos a nossa existência: Ariel, Ângela, Brisa, Bia, Marília, Elisa, Andréa, Marisani, Gillan (in memoriam), Danilo, Felipe, Sophia, Alexandra, Taís, Gleice, Raquel, Bárbara, Cauã, Paula, Juline, Marcella, Patrícia, Gabriela e André.

Agradeço ao grupo Mariposas, pela troca de saberes, pela comunidade de aprendizagem, pela parceria nesses longos quatro anos. Em especial, a Júlia Clasen, minha amiga, companheira de luta, de escrita e perseverança. A Diônvera, pelas escutas carinhosas e por me ensinar meu lugar de mulher branca, com afeto e cuidado.

A Isadora Ebersol, pela jornada compartilhada ao longo dessa escrita. A parceria de terminar esse trabalho sem me sentir sozinha, pelas conversas ao longo de todos esses anos que suportaram tantas coisas.

Para Maurício Bemfica, que mudou o significado da palavra construir, que tem o sorriso mais lindo do mundo, que é minha luz no escuro.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

NETTO, Livian Lino. **Tese-crônica: uma prática de imaginação e escrita feminista latino-americana.** 2023. 103f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

Esta tese se constrói a partir de um exercício de escrita, que pretendeu ser decolonial e feminista. Apresenta crônicas, frequentemente consideradas um gênero menor, com a intenção de narrar o cotidiano, se aproximando das vidas das pessoas. Para isso, utiliza uma linguagem que transgride ao cânone acadêmico. O texto hibridiza gêneros literários como um método para a construção do conhecimento. Dialoga com referências de mulheres de cor, racializadas, lésbicas, periféricas que, através do gesto da escrita, abriram espaços para que outras pudessem escrever. A escrita *mestiza* e sentipensante dá ênfase às experiências que imaginam outros modos de vida. O texto da tese é feito a partir do movimento da escrita, capaz de contribuir para a superação do silêncio, como ato de desobediência epistêmica, de sentipensar e esperar. Pode abrir fissuras nas estruturas coloniais e dominantes do mundo neoliberal. A tese foi escrita entre os anos de 2019 e 2023, nos quais o mundo enfrentava a pandemia de COVID-19. O Brasil estava sob o comando de um governo irresponsável que agravou a situação do país durante esse período. Assim, o exercício de escrita foi atravessado pelas angústias das quais era necessário criar fendas de esperanças para não sucumbir ao fatalismo. Para ampliar a ideia de escrita feminina, a escrita feminista é enfatizada, destacando o papel de mulheres na luta contra a opressão e na criação de novos significados, em que a imaginação como ação capaz de esperar e descolonizar. A escrita com brechas, mostra possibilidades apagadas pelas palavras não ditas e pelas histórias não contadas, e assim, podem criar oportunidades para diálogo e construção coletiva.

Palavras-chave: Educação. Imaginação. Escrita feminista. Escrita decolonial.

Resumen

NETTO, Liviano Lino. **Tesis de crónica: una práctica de imaginación y escritura feminista latinoamericana.** 2023. 103 y sigs. Tesis (Doctorado en Educación) – Programa de Posgrado en Educación, Facultad de Educación, Universidad Federal de Pelotas, 2023.

Esta tesis se construye a partir de un ejercicio de escritura, que pretendía ser decolonial y feminista. Presenta crónicas, muchas veces consideradas un género menor, con la intención de narrar la vida cotidiana, acercándose a la vida de las personas. Para ello utiliza un lenguaje que transgrede el canon académico. El texto hibrida géneros literarios como método de construcción de conocimiento. Dialoga con referentes de mujeres de color, racializadas, lesbianas, periféricas que, a través del gesto de escribir, abrieron espacios para que otras escribieran. La escritura mestiza y sentipensante enfatiza experiencias que imaginan otras formas de vida. El texto de la tesis se elabora a partir del movimiento de la escritura, capaz de contribuir a la superación del silencio, como acto de desobediencia epistémica, de sentir, pensar y esperar. Puede abrir fisuras en las estructuras coloniales y dominantes del mundo neoliberal. La tesis fue escrita entre 2019 y 2023, cuando el mundo enfrentaba la pandemia de COVID-19. Brasil estuvo bajo el mando de un gobierno irresponsable que empeoró la situación del país durante este período. Así, el ejercicio de la escritura estuvo permeado por inquietudes a partir de las cuales fue necesario crear lagunas de esperanza para no sucumbir al fatalismo. Para ampliar la idea de escritura femenina, se enfatiza la escritura feminista, destacando el papel de la mujer en la lucha contra la opresión y en la creación de nuevos significados, en la que se destaca la imaginación como acción capaz de esperanza y descolonización. Escribir con lagunas muestra posibilidades borradas por palabras no dichas e historias no contadas y, por lo tanto, puede crear oportunidades para el diálogo y la construcción colectiva.

Palabras clave: Educación. Imaginación. Escritura feminista. Escritura decolonial.

Abstract

NETTO, Livian Lino. **Chronicle thesis: a practice of Latin American feminist imagination and writing**. 2023. 103f. Thesis (Doctorate in Education) – Postgraduate Program in Education, Faculty of Education, Federal University of Pelotas, 2023.

This thesis is built on a writing exercise, which intended to be decolonial and feminist. It presents chronicles, often considered a minor genre, with the intention of narrating everyday life, getting closer to people's lives. To do this, it uses language that transgresses the academic canon. The text hybridizes literary genres as a method for constructing knowledge. It dialogues with references from women of color, racialized, lesbian, peripheral women who, through the gesture of writing, opened spaces for others to write. Mestiza and sentimental writing emphasizes experiences that imagine other ways of life. The text of the thesis is made from the movement of writing, capable of contributing to overcoming silence, as an act of epistemic disobedience, of feeling, thinking and hoping. It can open fissures in the colonial and dominant structures of the neoliberal world. The thesis was written between 2019 and 2023, when the world was facing the COVID-19 pandemic. Brazil was under the command of an irresponsible government that worsened the country's situation during this period. Thus, the writing exercise was permeated by anxieties from which it was necessary to create gaps of hope so as not to succumb to fatalism. To expand the idea of feminine writing, feminist writing is emphasized, highlighting the role of women in the fight against oppression and in the creation of new meanings, in which imagination as an action capable of hope and decolonization. Writing with gaps shows possibilities erased by unspoken words and untold stories, and thus can create opportunities for dialogue and collective construction.

Keywords: Education. Imagination. Feminist writing. Decolonial writing.

Sumário

Um projeto para ser derrubado	.10
Um chamado	.21
Qual é a tua tese?	.24
Tese – crônica: Coragem e desobediência	.29
Um convite a leitura: a escrita com aberturas	.35
O início do golpe	.41
Quanto vale a vida?	.42
Este texto não é uma ficção	.50
Você suportaria ficar mais um pouquinho?	.56
Para Gillan	.62
A greve da minha mãe	.66
	71. Sobre quem eu sou e como aprendi a esperançar
	77. Para meu pai
	81. Por uma imaginação decolonial e feminista – brechas para esperanças pequenas
	86. Por uma escrita decolonial como prática
	91. Por uma escrita feminista
Referências	.98

“Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade”

(Carolina Maria de Jesus, 1992, p.17).

Um projeto para ser derrubado

No dia 6 de maio de 2021, a Polícia Civil do estado do Rio de Janeiro, no Brasil, invadiu a favela do Jacarezinho. A operação contra o tráfico de drogas, deixou 29 mortos. Desses, um policial e 28 civis. Segundo o comando da polícia, até o final da tarde do dia 6, 24 dos mortos eram suspeitos, mesmo que, até o final deste dia, não haviam sido identificadas as vítimas.

No Brasil, o Estado mata, e não é só invadindo as favelas do Rio de Janeiro. Na semana que escrevo este texto, o presidente da república, imitando o mundo de outrora¹, passeia de moto com seus apoiadores na mesma cidade que que o seu Estado, ou, sob legitimação do seu discurso de ódio, fez uma chacina que coloca todos os seus mortos na condição de suspeitos. Segundo algumas matérias jornalísticas, o

passeio do presidente, custou aos cofres públicos 1 milhão de reais².

Neste momento, a TV Senado do Brasil, transmite a CPI da COVID, já que o Brasil ultrapassa 450 mil mortos, não há políticas sérias de vacinação. Faltam as vacinas, os insumos que são necessários para produzi-las, falta dinheiro para pesquisa, já que o orçamento da União está preocupado com a recuperação da economia, e talvez com o “cancelamento dos CPF³” do seu povo, para que a previdência social, seja com mortes ou com reformas, diminua sua receita.

O que há no Brasil em que o presidente é Jair Messias Bolsonaro é desinformação, gabinete do ódio, aglomeração em meio à maior crise sanitária do planeta, tratamento precoce sem comprovação científica, políticas para que a população possa se armar (mas que população é essa que vai se armar?). Há suspeitas, de orçamento paralelo, de interferência no trabalho da Polícia Federal, filho comprando mansão de 6 milhões de reais. Há também, aumento da pobreza, da fome, da inflação, do desemprego e

¹ Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/como-bolsonaro-mussolini-desfilava-de-moto-com-apoiadores>. Acesso em mai. de 2021.

² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/motociata-com-bolsonaro-amanha-deve-custar-pelo-menos-r-1-milhao-aos-cofres-publicos/>. Acesso em mai. de 2021.

³ O presidente da república, Jair Bolsonaro, foi fotografado nos bastidores de um programa de TV segurando uma placa de “CPF Cancelado”. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/cpf-cancelado-piadas-e-golpe-de-estado-a-entrevista-de-bolsonaro/>. Acesso em mai. de 2021.

das mortes. É o governo da morte, senão por infecção viral de SARS-COV2, morre de fome ou morre de tiro, porque aqui, no Brasil, o Estado mata.

Como não nos perguntamos quando isso começou? Não há sequer um dia de paz para quem se importa com o outro. De todas as distopias da história da literatura, com certeza o Brasil sob o governo de Bolsonaro, é uma das mais cruéis. Há vigilância, perseguição e morte. Há mortes políticas, e políticas de morte.

O projeto neoconservador do atual governo, com início em 2018, a partir da eleição do presidente Jair Bolsonaro. Marcado por uma ideia de moral, que serve como base à regulação da vida social, sob os “princípios de Deus”, com a ideia de “conservação família tradicional” e de cidadãos de “bem”. O seu projeto, pode ser entendido como uma aliança entre valores neoliberais, como os de mérito individual e empreendedorismo, e conservadores, especialmente com relação à ideais religiosos, particularmente evangélicos no que diz respeito a família (Vaggione, et al, 2020). Mesmo que, na América Latina tenha havido avanços com

relação à política sexual e de gênero, como por exemplo a legalização do aborto na Argentina⁴, também se consolidou uma frente conservadora que se intensificou nos últimos anos com o objetivo de manter uma ordem social patriarcal e o sistema capitalista (Vaggione, 2020).

Em 2019, com sua posse, não se imaginou que, tão em breve, o mundo passaria por uma crise sanitária sem precedentes, o que agravou e intensificou o projeto de desmonte do patrimônio público, com privatizações, fim de políticas públicas como o bolsa família⁵. O ano de 2020 foi decisivo para que brasileiras e brasileiros pudessem olhar para o que acontecia, a partir da evidência de contradições sociais. E, a partir dessa percepção, buscar de alguma forma, barrar a política de morte implementada tanto pelo atual momento, quanto pelas escolhas políticas.

No caso do Brasil neoliberal, a ameaça que o bolsonarismo, com sua ideia de família brasileira como princípio a ser preservado, é cunhado a partir do colonialismo, da escravidão e do sistema de privilégios, que marca a

⁴ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-12-29/votacao-historica-no-senado-de-projeto-para-legalizar-aborto-na-argentina.html>. Acesso em dez. de 2021.

⁵ O governo anunciou o final do programa Bolsa Família e criou o auxílio Brasil, que vai até dezembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/11/07/bolsa-familia-chega-ao-fim-em-meio-a-incertezas-sobre-seu-sucessor.ghtml> >. Acesso em dez. de 2021.

história brasileira, e a racionalidade autoritária. O que acaba por substituir um conjunto de crenças, narrativas e visões de mundo democráticas (Casara, 2021). Bolsonarismo então, pode ser definido como um fenômeno político que vai além da figura de Jair Bolsonaro. É uma narrativa, uma visão de mundo ultraconservadora que motiva a volta de “valores tradicionais” e assume retórica nacionalista e “patriótica”, sendo profundamente crítica a tudo aquilo que se aproxime, mesmo que minimamente da esquerda e do progresso (Rosana Pinheiro Machado, 2019)⁶.

É dessa forma que o governo Bolsonaro criou uma ideia fatalista da história, na qual brasileiras e brasileiros precisavam aceitar seus destinos pelo bem da família e da nação. Por fatalismo, Martín-Baró (2017) diz que é algo fatal, inevitável, trágico e infeliz. A fatalidade de um futuro inevitável e sombrio. Dessa forma,

O fatalismo é a compreensão da existência humana em que o destino de todos está predeterminado e todo fato ocorre de modo inescapável. Aos seres humanos não resta nada além de aceitar seu destino e submeter-se à sorte que é prescrita por sua sina.

(Martín-Baró, 2017, p.175)

O bolsonarismo agiu na busca de um Brasil em que os valores tradicionais, como a família, a religião e a disciplina estivessem perdidas. A direita bolsonarista, utilizou esse discurso para convencer que existem inimigos: a esquerda, o comunismo, a ideologia de gênero. A política do atual governo, é o medo.

Um dos assuntos que a direita mais radicalizada emprega como retórica no debate sobre seus valores e fundamentos éticos é a reinterpretação da ditadura, fazendo a releitura de que na ditadura a vida era mais segura e disciplinada e na democracia a vida é muito mais insegura. (Ester Solano, 2018). O Brasil sob Bolsonaro, começou em janeiro de 2019. Talvez em 2016, ou em 2018, nas eleições. Levitsky e Ziblatt, no seu texto “Como as democracias morrem” (2018), apontam que, os regimes democráticos vão se diluindo pelas mãos dos líderes eleitos. Se outrora o medo da morte da democracia se dava nas mãos de homens armados e golpes de estado, aqui no Brasil, podemos dizer que ele esteve morrendo. A narrativa desse homem, não cansou de insinuar que daria um golpe e que, mesmo que não seja um general, é um capitão reformado do exército brasileiro e que dá passos

⁶ Ao longo do texto, todas as referências que são mulheres foram feitas utilizando o nome completo das autoras.

largos rumo ao autoritarismo. Isso porque para esse governo, a

“democracia seria um sistema caótico no qual os corruptos governam, aberto para qualquer excesso e o cidadão de bem sente-se desprotegido”

(Ester Solano, p.24, 2018).

Na contramão dos sonhos⁷ de justiça social, bem-estar e bem viver⁸, o Brasil 22 manteve seus objetivos retrógrados, que favoreceu as elites, especialmente as ruralistas, passando a boiada⁹ enquanto o povo de Manaus morreria com falta de ar, sufocando. O Brasil sob Bolsonaro, apesar de ter criado muita indignação, quase nos roubou a capacidade de imaginação e de sonho do futuro. Apesar de já termos ele empenhado por uma medida que

congelou o que o governo chamou de gastos e nós, investimento.

O Sistema Único de Saúde (SUS) esteve em eminente colapso e, enquanto isso, houve suspeita de um esquema de corrupção em que o presidente manteve um orçamento paralelo para se manter intacto a um possível processo de impeachment. Poucas pessoas de fato tinham segurança e acesso às medidas de cuidado coletivo. Além disso, a troca de ministros da pasta da saúde, o projeto de desmonte do Sistema Único de Saúde¹⁰, o escândalo da Prevent Sênior¹¹, que orientava seus funcionários a prescreverem remédios sem comprovação científica contra o vírus e que, diminuíssem o oxigênio de pacientes para “economizar”. Assim foi desenhado o quadro que a pandemia assumiu no Brasil. Reflexo de uma política econômica internacional e de

⁷O título da seção faz referência ao texto de Rita Von Hunt, publicado em <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/nao-temos-nada-a-perder-a-nao-ser-os-nossos-grilhoes/>. Acesso em mai. de 2021.

⁸ Bem viver aqui é entendido como oposição ao neoliberalismo, refere-se à vida em pequena escala, sustentável e equilibrada como meio para garantir uma vida digna para todos e a própria sobrevivência da espécie humana e do planeta, baseada em relações de produção autônomas, renováveis e autossuficientes. Se expressa também na articulação política da vida, fortalecimento das relações comunitárias, solidárias, e nas mais diversas formas de viver coletivo, com diversidade e respeito ao próximo. (TURINO, P.15-16, 2016).

⁹ Ministro Ricardo Salles, do meio ambiente, durante reunião ministerial com o presidente, referindo-se ao afrouxamento das leis ambientais em benefício aos

ruralistas e ao agronegócio. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em mai. de 2021.

¹⁰Ameaça de desmonte do Sistema Único de Saúde - SUS. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1714-nao-iremos-tolerar-a-entrega-do-sus-para-a-iniciativa-privada-disse-pigatto-em-cerimonia-que-reconduziu-carlos-lula-a-presidencia-do-conass>>. Acesso em dez. de 2021.

¹¹ Caso Prevent Sênior - planos de saúde durante internações no período da pandemia. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/crem-esp-diz-cpi-que-prontuarios-da-prevent-senior-nao-tem-seguranca-podem-ser-alterados-25312398>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

uma atuação governamental que não foi construída de maneira individual e espontânea, mas teve amparo naqueles que se beneficiam com o lucro em oposição à vida.

Ainda, o ex-presidente aumentou o seu salário e de alguns de seus ministros militares em até 69%, em meio agravado da pandemia de COVID-19. Trabalhadoras e trabalhadores ganharam auxílio emergencial de 150 reais, enquanto a cesta básica subia cerca de 20% em relação ao ano anterior. Várias famílias voltaram a utilizar a lenha para cozinhar suas refeições¹².

Este cenário foi amparado em uma política neoliberal, com modos de governar as sociedades de acordo com a razão do capital, no caso do Brasil, por meio, por exemplo, do agronegócio. O estado¹³ neoliberal é um instrumento de transformação de toda sociedade. Seu objetivo final de mudança global está de acordo com as normas do mercado e de funcionamento de empresas. Pode perfeitamente incluir discursos fascistas para se impor contra as oposições, geralmente ligadas à

esquerda. Tem sido capaz de se adaptar aos mais variados contextos, e, promover mobilizações de massas, incentivar milícias armadas, dentre outras manifestações da sua força ideológica (Casara, 2021).

Durante o governo Bolsonaro, sumiram crianças das suas casas. Aconteceu em Belford Roxo, e foram meses sem respostas, pistas falsas e nenhuma notícia do paradeiro¹⁴. E, depois do massacre na favela do Jacarezinho, a polícia estabeleceu sigilo de 5 anos para suas ações. Uma resposta a exigência pelo cumprimento da Lei de Acesso à Informação (LAI).

Lembrando que, todos estes acontecimentos narrados até aqui, no Brasil sob o comando de Jair Bolsonaro, aconteceram em meio a pandemia de COVID-19, doença que já possuía vacina, mas o presidente recusou 11 vezes a oferta de um dos laboratórios que a produz. Brasileiras e brasileiros morreram, mas quais? Algumas personalidades convocam seus iguais a viajarem para Nova Iorque, cidade que

¹² Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/04/08/para-fugir-do-preco-alto-do-gas-consumidores-passam-a-cozinhar-no-fogao-a-lenha-em-palmas.ghtml>. Acesso em mai. de 2021.

¹³ A escrita de estado em minúsculo é uma referência a Catherine Walsh (2019), que deixou de crer na possibilidade da radical refundação e transformação estatal. Contra os perigos de engrandecer (com o poder da

letra e o significado) esta instituição que até com sua “vestimenta progressista” alenta e alimenta o sistema capitalista-patriarcal-moderno/colonial. Por isso mesmo, aqui neste texto o “estado” perde o seu poder “maiusculo” (Catherine Walsh, 2019, p. 105).

¹⁴ Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/maes-de-meninos-desaparecidos-em-belford-roxo-se-revoltam-com-versao-da-policia-25032461.html>. Acesso em ago. de 2023.

anunciou a vacinação dos turistas¹⁵.
Quem foram estes que puderam viajar e
garantir sua imunização?

¹⁵ Disponível em:
<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/05/roberto-justus-sobre-ser-vacinado-em-miami-quanto-mais-brasileiros->

[tomarem-vacina-nos-eua-melhor.html](#). Acesso em
mai. de 2021.

100.000
MORTOS E O
QUE MATA
E O NOSSO
SILÊNCIO

No Brasil, depois de 16 anos de governo do Partido dos Trabalhadores que, apesar da ampliação de políticas públicas, não chegou nem perto de romper com o capital, mas que, minimamente garantiu acesso das classes trabalhadoras à educação, por exemplo, acabou derrotado pela narrativa bolsonarista. Assim, grosso modo, o discurso de liberdades individuais, valores tradicionais, a criação de um suposto herói nacional que “quase deu a vida por nós” para tirar o Brasil da ameaça comunista, fez com que chegássemos em 2021 com quase 450 mil mortos pela ineficiência de seu mito.

A polícia federal, a mando do ex-presidente, intimou um de seus adversários políticos o enquadrando na Lei de Segurança Nacional. Essa redigida primeiramente em 1967, a partir do Ato Institucional nº2, e atualizada pela última vez em 1983, ainda no Regime Militar. O incrível é que o intimado, Guilherme Boulos, que faz parte do MTST – Movimento dos trabalhadores sem teto, criticou o presidente em uma rede social.

Ao responder uma postagem de Bolsonaro, escreveu:

**“um lembrete para
Bolsonaro: a dinastia de Luís
XIV terminou na guilhotina”**

em referência ao rei francês que ficou conhecido pela frase “o Estado sou eu”. Bolsonaro havia declarado que “*O pessoal geralmente conspira para chegar no poder. Eu já estou no poder. Eu já sou o presidente da República*”. Em outro momento, completou: “*Eu sou realmente a Constituição*”, se referindo a um ato antidemocrático em frente ao Quartel General do Exército, na qual manifestantes ergueram faixas contra o Congresso e o Supremo Tribunal Federal, em abril de 2020, já durante a pandemia do COVID-19.

O ex-presidente, que fora chamado de genocida, ao ter proliferado notícias falsas sobre tratamentos precoces, não comprovados cientificamente. Recusou a compra de 70 milhões de doses de vacinas, de acordo com o laboratório Pfizer, ainda em 2020. Por genocídio, entende-se “destruição de populações ou povos” e “extermínio de deliberado, parcial ou total de uma comunidade, grupo étnico ou religioso” (Triviños, 2016; Ana Luiza Pinheiro Flauzina, 2014, Nascimento, 2016). Há quem diga que o Brasil não teve um presidente, ou houve um desgoverno. Suas afirmações despolitizam suas ações. A despolitização é um fenômeno complexo, que não pode ser resumido à manipulação, desinformação ou ignorância. Esse processo envolve uma

alteração de significados políticos na sociedade.

No Brasil, é resultado indireto da conciliação de classes, métodos de coerção e construção do consentimento na base do senso comum no poder, bem como resultado direto do projeto de direita para promover, diluir ou contorcer a ideologia, alterar a consciência de massa, controlar a produção cultural e seus resultados, divulgar informações manipuladas e preconceituosas como legítimas (posteriormente elaborado como *fake News* e a era da pós-verdade), reter o pensamento crítico, e impedir a organização e mobilização coletiva, desde a ação de partidos políticos até comícios locais.

(Sabrina Fernandes, p.216, 2019)

Pensando sobre como o neoliberalismo gerencia suas ações, pode-se dizer que assim como Bolsonaro, as políticas neoliberais são genocidas. Um projeto político que visa acabar com a solidariedade, reestabelece novas condições de acumulação do capital, enfraquece o poder social e restaura elites econômicas (Harvey, 2008) em detrimento da vida de milhares de trabalhadores. Esses, são levados a acreditar que, sua falta de empenho, dedicação e entusiasmo são responsáveis pelo seu fracasso. Se tem uma coisa que o capital tem feito com êxito é esfacelar o trabalho organizado. Isso faz com que a classe dominante

tenha garantidos seus privilégios. Existiu um presidente. Ele foi eleito e esteve no poder. Então houve sim política, e ela foi a de morte.

O governo Bolsonaro tentou matar nossa capacidade de imaginação. Foram ataques diários ao povo. Soberba e deboche do ex-presidente, que, em cima de 450 mil cadáveres, lambuzou-se de leite condensado.

Nós, cidadãs e cidadãos desse país, devemos olhar para os lados, para nossos vizinhos, que, se levantaram – e seguem levantando-se - em meio ao caos para dizer que não aceitam a morte da utopia e da esperança.

Nos últimos anos, movimentos na América Latina ganharam destaque contra as ofensivas neoliberais e de direita. As greves de mulheres que surgiram na Argentina, por exemplo, que em 2017 ganharam força transnacional de luta contra a violência de gênero. Desde março de 2015 o coletivo *Ni Una a Menos*¹⁷ vem convocando mulheres na Argentina e América Latina para manifestações contra as diversas violências. Em outubro de 2016, com o assassinato de Lucia Pérez¹⁸, na Argentina um grande chamado foi realizado para uma greve: *Nosotras paramos*¹⁹. Outro exemplo

¹⁷ Disponível em: <http://niunamenos.org.ar/>
Acesso em mai. de 2021.

¹⁸ Disponível em:
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37692722> Acesso em mai. de 2021.

¹⁹ Disponível em:
<http://niunamenos.org.ar/manifiestos/nosotras-paramos/> Acesso em: 20 de maio de 2021.

recente foi o plebiscito que ocorreu no mês de outubro de 2020 no Chile. Esse, garantiu que houvesse uma assembleia constituinte para escrever uma nova constituição. Foi a primeira vez na história que se garantiu a equidade de gênero na votação.

Apesar desses avanços, a movimentação em torno do “*apruebo*” ou “*rechazo*” ao texto da constituição, mostrou uma disputa polarizada. No final do dia 4 de setembro, o *rechazo* a nova constituição obteve mais de 60% dos votos. Faz-se necessário pensarmos o papel das direitas nesse processo, e quais estratégias ela utiliza. As campanhas contrárias, tinham falas como: “*Vote com amor e alegria por uma outra constituição, melhor que esta*” – diz em um programa de TV uma defensora do “*rechazo*”²⁰. Mesmo com esse resultado, é preciso considerar que, deixar de lado a Constituição de Pinochet foi um movimento de mudança. A América Latina vem se erguendo frente ao neoliberalismo e as políticas de austeridade de seus governos de direita. É capaz de articular redes de solidariedade internacional, de comunhão entre as pessoas e reviver

o senso de comunidade ao mostrar que outro horizonte é possível.

Apesar de essa escrita trazer as lembranças que memória²¹ pode tentar esquecer, alguns fragmentos desse tempo não deveriam ser perdidos, de maneira que permaneçam aquecendo nossa vontade de mudar. Este texto compõe essa tese, tese-crônica, por uma escolha para lembrar que

“o caminho percorrido até aqui foi intenso, é verdade. Mas você sabe que ainda há um longo caminho a percorrer. O que o apavora é a perseverança da rebelião e a resistência vinda de baixo”.

(EZLN, 2015)

²⁰ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/78-noticias/621866-chile-vai-as-urnas-a-disputa-entre-o-rechazo-e-o-apruebo>. Acesso em set. de 2022.

²¹ Este trabalho não se propõe a realizar uma discussão sobre o conceito de memória. Mas se entende, conforme Walter Benjamin (2006) que no processo de rememoração, que experiências do passado que são evidências no agora, na qual a relação entre passado, presente e futuro não é linear.



Um chamado

Sabe quando tu estás tão cansada, tão triste e sem perspectiva? Sabe quando tu és golpeada, assolada e que parece que estás em um labirinto e não enxerga a saída? Sabe essa sensação horrível, essa sensação de doença, de desamparo. Esse nó na garganta que deve ser um grito preso. Um grito de raiva.

“como tantas pessoas nestes dias, tento gritar, mas o grito não se ouve, parece jamais chegar ao seu destino”

O grito inaudível, o fenômeno de não ouvir que indica que, mergulhamos sem perceber, na incomunicabilidade própria atmosfera totalitária, com seu estado de sítio midiático, com sua linguagem eufemística, com o encapsulamento dos sujeitos (Rita Laura Segato, 2022, p.101).

Essa condição de falar repetidamente de notícias ruins? É desgaste emocional. Brumadinho ficou debaixo da lama. As chuvas devastaram os estados de Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. O

pantanal e a Amazonia incendiaram por meses. Assassinato político de Marielle Franco e seu motorista, Anderson Gomes. As crianças mortas em Belford Roxo, Lucas Mateus, Fernando Henrique e Alexandre. O incêndio no Centro de Treinamento do Flamengo, que deixou 10 mortos. Ágatha Vitória Sales Félix, que estava dentro da kombi com sua mãe quando foi alvejada por um tiro, da polícia. A pandemia do coronavírus e as pessoas morrendo sem oxigênio em Manaus. Assassinato de João Alberto, no Carrefour em Porto Alegre. Ódio. Muito ódio. 704 mil mortes por COVID-19. O Brasil voltou ao mapa da fome.

Esta tese foi construída de muitos hiatos. Porque ao ler, ao estar no mundo, no Brasil, que durante parte dessa escrita esteve sob o governo de Jair Bolsonaro, em meio a uma pandemia – por meses sem previsão de vacina – fendas enormes foram abertas no meu corpo. Aberturas que iam rasgando a cada notícia. A cada morto sem nome, sem luto. Uma solidão enorme, uma solidão coletiva que corrói o coração e a alma. Acaba com a dignidade.

E eu chorei. Eu chorei todos os dias. e houve (e ainda há) quem me pergunte o motivo de tanto eu chorar? Você não se emociona com tudo isso? – penso. Não é possível que tenha acabado a humanidade de tal forma que tu não

sintas um embrulho no estômago. Eu chorei pelos desconhecidos. Por medo. Por quem estava na rua. Por quem morreu. Eu chorei por mim. E sabe, eu escrevo e eu derramo essas lágrimas, de indignação e raiva. Mas muitas vezes não deu. Não suportei escrever, e nem falar.

Meus amigos estiveram tristes, tanto quanto eu. E quem que tenha o mínimo de sensibilidade não esteve? Minha amiga foi morta pelo seu marido, e nesse dia, eu sentada no banco do ônibus, um dia depois do 8 de março, li que ela foi assassinada. E o pior: eu sabia que ia acontecer. É uma rasgadura. E foi e tem sido difícil. Esses eventos

“suspenderam toda gramática humana, ignoram todo contrato. Daí a dificuldade dos textos em tentar gerar a consciência necessária para abalar a ordem genocida e interromper a matança.”

(Rita Laura Segato, 2021, p.105).

E alguém não se perdeu nos dias? Eu escrevi quando deu. E eu forcei. Eu passei horas e horas. Muitas horas na frente do computador. Mas das páginas em branco, que seguem em branco ou pela metade. A página de um parágrafo.

Todas que precisam escrever uma tese já devem ter passado por isso. Durante a pandemia, tudo triplicou de intensidade, inclusive o trabalho. -Tu estás em casa, produz! Como tu não consegue? É só fazer! Vem cá, tu estás no mesmo lugar que eu? Eu preciso de pausas, senão capaz de eu morrer engasgada. E mesmo que escrever seja uma forma de desafogar, tiveram dias que não deu, porque as lágrimas embaçavam os olhos que embaçaram os óculos e eu só queria dormir até acabar. Haverá saída?

Esse choro que não cessa. É isso que sinto. E como eu me sinto, assim, eu preciso de pausas²². E aqui, eu sei que foi preciso uma pausa. Sei que cada um desses fatos te fez parar e respirar. Eu sei, eu entendo. Mas são nas pausas, nas rasgaduras, frestas, e margens desta tese, tese-crônica, que também faço um convite a olhar por entre elas. Olhares que

requerem um refinamento do olho, dos sentidos e da sensibilidade para poder ver, ouvir, escutar e sentir o muito outro devindo e sendo, e para reconhecer nele a esperança pequena que não apenas grita, mas também afirma e caminha vida”

(Catherine Walsh, 2019, p. 107).

A imaginação e a escrita, são um chamado ao olhar, ouvir e sentir, mas também esperar.

²² Ao longo do texto existem pausas marcadas por imagens, todas do arquivo pessoal da autora, e espaços em branco. Esses são intencionais.

É bem capaz de que lendo estes textos, a sensação de uma enorme confusão tome conta dos pensamentos. Também é capaz a sensação da falta de algo. Eu também sinto. Eu busquei uma ordem, um encadeamento, uma metodologia. Mas eu jamais imaginei que, eu ia precisar escrever durante um tempo tão nefasto. Talvez,

“o que escrevo aqui não se pode chamar de crônica nem de coluna nem de artigo. Mas sei que hoje é um grito. Um grito! de cansaço. Estou cansada! É óbvio que o meu amor pelo mundo nunca impediu guerras e mortes.”

(Clarice Lispector, 2010, p.71).

A grita que condensa em textos, como este, convulsivos, desassossegados, desvelados, não sai da boca, nem alcança seus interlocutores. (Rita Laura Segato, 2021, p. 101).

E aí, é preciso uma pausa. Não uma, muitas pausas. Um hiato. Uma falta, um intervalo, uma lacuna. É no espaço entre uma coisa e outra,

que ponho minha energia, esforço e atenção no encarnado, situado e local, nas fendas existentes - em processo e por vir - que desafiam, transgridem, interrompem e deslocam o sistema dominante, nas fissuras que vêm de baixo, onde se encontram, se constroem e caminham formas de estar-fazer-ser-sentir-pensar-saber-viver muitas outras e nas próprias possibilidades de fazer fender, fissurar.

(Catherine Walsh, 2015, p.106)

Pequenas faíscas de esperança estão acesas, e é preciso esperar (Freire,1987). Não haverá construção de outras formas de existir se o medo e a tristeza nos tirar a potência de agir.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

(Freire, 1997, s.p.)

Enquanto eu chorar com o absurdo, eu sei que não sucumbi ao desumano neoliberal, ao individualismo. Enquanto eu seguir me espantando com a insensatez, eu consigo parar, respirar, descansar e imaginar que é possível outro modo, outro mundo. E isso é possível se recuperarmos o sentido político da solidariedade e da comunidade. Apesar desse nó na garganta, esta tese é um convite, para que possamos, em comunhão, imaginar, escrever e, sobretudo, esperar, como ação que nos move para construir a solidariedade como afeto que derruba a farsa neoliberal.

Porque eu dou apoio a tudo que ameaça nossa opressão. Eu dou apoio ao que quer que parta nossas amarras, a não ser matar e mutilar. Eu apoio ao que quer e quem quer que seja que rompa nossas visões limitadas e desperte nossos potenciais atrofiados

(Gloria Anzaldúa, 2021, p.84)

Qual é a tua tese?

Acredito que, de todas as perguntas que uma pesquisadora que esteja em cursando o doutorado deseje responder é: qual é a tua tese? Uma frase curta, objetiva, quase que fatal. Se conseguir responder, pode ser que arranque sorrisos da banca. Talvez, uma ideia tão nova, quanto revolucionária, que mudasse os rumos das ciências – e elas existem.

Desde antes de ingressar no curso de doutorado eu busco pela resposta da pergunta. Quando saí do mestrado, tive várias conversas com diferentes pessoas, e em especial minha orientadora, sobre qual seria a minha tese quando eu conseguisse ingressar no curso de doutorado. Essa é a única pergunta que eu gostaria de saber responder: uma sentença. Responder uma frase curta e certa.

Ao longo da busca por essa resposta, foram muitas tentativas de ingressar no

doutorado, diferentes projetos e muitas fugas. Fugas tão audaciosas quando as possíveis respostas à essa pergunta. Nisso tudo, muitas histórias e muitos objetivos foram se construindo e reconstruindo. As fugas, elas seguiram. Já que essa tese, para mim, parecia uma desordem.

Quando ingressei no curso de doutorado, no ano de 2019, o meu projeto propunha pensar as lideranças femininas nas ocupações secundaristas que ocorreram no ano de 2016, em todo território nacional²³. Ao longo desse ano, era impossível prever que em 2020 o mundo estaria em meio a pandemia da COVID-19. No primeiro ano, a correria era entre o trabalho de 60 horas como professora de Sociologia²⁴ e as aulas das disciplinas obrigatórias do curso.

Ao iniciar o ano de 2020, em março, fomos surpreendidas pelo coronavírus, que se espalhou rapidamente exigindo medidas sanitárias rigorosas, que precisariam ser cumpridas, mas que nem todas poderíamos fazê-las. Iniciou-se o período de quarentena. Também iniciou uma corrida para organizar a maneira como nós, professores e professoras iríamos dar conta das aulas.

²³ Os estudantes resistem no ano de 2016, frente a imposição de medidas que apresentam severos retrocessos, como a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, que institui o Novo Regime Fiscal, estabelecendo limites para os gastos públicos em educação e saúde por vinte anos e a Medida Provisória (MP) 746/2016, que

propõe a Reforma do Ensino Médio, orientada pela Base Nacional Comum Curricular.

²⁴ Neste período mantive um contrato de 40 horas como professora substitua no Instituto Federal - Sul-rio-grandense - Campus Pelotas, mais um contrato de 20 horas no governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Era impossível que o trabalho parasse. No governo do Estado do Rio Grande do Sul, rapidamente as escolas prepararam o modo de trabalho, primeiramente pelas redes sociais, no caso das escolas nas quais eu trabalhava, o *Facebook*. Em 2020, minha carga horária havia diminuído para 40 horas, mas a sensação era de que o trabalho havia triplicado.

A lógica de trabalhar sem parar, usando o computador, o celular, em reuniões intermináveis, vídeo chamadas e, o total descontrole do horário, impuseram um ritmo devastador ao trabalho. Não aguentava mais. Esse ritmo é o que Ricardo Antunes chama de *uberização*²⁵. A precarização do trabalho se alastra com a ideia de progresso individual de quem se esforça. Todas estávamos cansadas.

Além disso, a pandemia aconteceu durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), que não teve a mínima preocupação com as brasileiras e

brasileiros, a não ser com ele mesmo e sua família. Era uma notícia infame a cada dia e isso consome quem se importa. Durante a escrita desta tese, as atrocidades cometidas pelo ex-presidente aparecem constantemente, porque não foi possível ignorar. Esse texto, precisa deixar registrado o que passamos nos anos que o Brasil ficou sob o comando desse homem. Por muito menos, no ano de 2016, a presidenta Dilma Rousseff sofreu um processo de impeachment, que convém chamar de golpe²⁶.

Todos esses fatos atravessaram a pesquisa. O modo de realizar a pesquisa e o tema dela. Atravessaram minha vida, como uma lança que tenta me fazer sucumbir. Não foi possível continuar sobre as ocupações secundaristas, então pensei em pesquisar as greves feministas do Sul. Na Argentina, o Coletivo *Ni una a menos*²⁷, chama a greve feminista que aconteceu em 2017, convocando às mulheres a pararem

²⁵ O termo “uberização”, uma derivação do nome da plataforma de transportes Uber, é empregado como um processo no qual as relações de trabalho são cada vez mais individualizadas e invisibilizadas, sendo o assalariamento e a exploração cada vez mais encobertos. ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0.** São Paulo: Boitempo, 2020.

²⁶ Refere-se ao processo de impeachment da então presidenta eleita Dilma Rousseff, acusada de crime de responsabilidade fiscal. Passados seis anos do fato, o ministro do Supremo Tribunal Federal, Luís Roberto Barroso, admitiu que o “real motivo” para o processo de impeachment da ex-presidenta foi falta de apoio político e não “pedaladas fiscais”.

²⁷ *Ni Una Menos* é um coletivo que “reúne um conjunto de vontades feministas, mas também é um mote e um movimento social”. “Nem uma a menos” é, segundo a página do movimento, a forma de declarar que é inaceitável continuar contando as mulheres assassinadas por serem mulheres ou corpos dissidentes e indicar o que a objeto dessa violência. <http://niunamenos.org.ar/quienes-somos/carta-organica/>

seus trabalhos, inclusive os reprodutivos, para protestar contra a violência de gênero, o feminicídio, a exploração econômica e no trabalho e a desumanização das mulheres, fazendo com que em três países, em especial os latino-americanos, fossem parados no dia 8 de março.

Aqui em Pelotas, a greve ocorreu. A ideia era conversar com as mulheres que construíram e organizaram o movimento na cidade. Aconteceu que, estávamos exaustas e não consegui realizar as entrevistas por diversos motivos: algumas mulheres haviam saído da cidade, outras não queriam ser entrevistadas por vídeo chamada, e mais uma vez, começou a reconstrução do que seria o projeto.

Uma das disciplinas obrigatórias do curso exige que apresentemos o projeto de pesquisa aos colegas, e tentei construir um caminho para que fosse possível discutir maneiras de encontrar a minha tese. Eu tinha claro o contexto de neoliberalismo, e de preferência que fosse sobre mulheres do/no Sul global. No dia em que apresentei minha proposta, havia escrito um texto sobre o caso do menino Miguel e sua mãe Mirtes²⁸, e após minha fala, ouvi atentamente professoras e colegas. Uma

das professoras me disse que, minha tese estava na maneira de escrever. Acredito que foi aí que o projeto começou.

O que acontece é que, para escrever sobre o Miguel, eu precisei de um dia. Mas para o texto ser construído e organizado, foram semanas, uma vez que, ao ler e reler, olhar os noticiários, redes sociais, um absurdo maior que o outro acabavam comigo. Com a minha energia, e eu sentia uma tristeza profunda. O que me incomoda é que tudo que acontece de violência, não para o mundo que a gente está. Inclusive, durante uma das reuniões da escola, por vídeo chamada, uma colega atendeu o telefone. Ela havia esquecido de desligar o microfone da chamada e então foi possível ouvir o diálogo: alguém de sua família havia acabado de morrer. Entre os segundos que demorou para que as pessoas entendessem e a continuidade da reunião, nem deu tempo de respirar. A resposta foi: “Morreu alguém, acho que a irmã dela, estava doente. Qual é o próximo aluno da lista? E tudo seguiu, como se aquilo fosse uma coisa qualquer.

Onde foi parar a humanidade? Quando foi que as pessoas deixaram de compreender a vida do outro como

²⁸Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/06/01/caso-miguel-a-queda-de-menino-do-9o-andar-que-levou-a-condenacao-da-patroa-da-mae-dele-por->

[por-abandono-de-incapaz.ghtml](https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/06/01/caso-miguel-a-queda-de-menino-do-9o-andar-que-levou-a-condenacao-da-patroa-da-mae-dele-por-). Acesso em set. de 2022.

importante? E essa ideia de que só trabalhar dignifica o ser humano? Não é possível. Será que fomos todos engolidos pelo grande monstro que é o capital? Mesmo que a resposta pareça ser afirmativa, não acredito nisso. Não, não fomos todas devoradas por ele, mesmo que pareça que sim. Mas então, como recuperar a comunidade e a solidariedade? Como imaginar e esperar? A resposta, pode estar na maneira como nomeamos o mundo, como contamos histórias. É movimento e revolta. É ter horizonte de utopia, e acreditar no futuro. E se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui - o futuro não existe, nós apenas o imaginamos (Krenak, 2022, p.8). Daí a potência de uma imaginação que

**“olhar atrás e adiante
podemos caminhar no
presente futuro”²⁹**

(Silvia Rivera Cusicanqui, 2019).

O futuro como libertação dos projetos históricos cancelados e interrompidos pela colonialidade. (Rita Laura Segato, 2021, p.73).

Mesmo “*urihi*”³⁰, rasgada pela exploração do garimpo, assim como a

mulher yanomami, dilacerada pela ganância e morta pela barbárie da doença e da fome³¹,

**“um povo como esse, mesmo
quando expropriado de tudo e
sem ter nem chão para pisar,
ainda consegue recriar um
lugar para ser habitado”**

(Krenak, 2022, p.20).

Crescimento, morte, deterioração, nascimento. O solo é preparado infinitas vezes, fecundado, arado. Uma constante mudança de formas, renascimentos de *la tierra madre* (Gloria Anzaldúa, 2005, p. 718). Assim como a terra, nós renascemos e resistimos. Resistir para construir. Uma resistência ética, crítica e digna (Catherine Walsh, 2019, p.95).

O caminho de esperança é feito nas fendas do que sobreviveu ao domínio injusto colonizador, um trabalho nas brechas e fraturas de uma realidade social existente (Rita Laura Segato, 2021, p.73). Nós, mulheres do terceiro mundo, sempre encontramos a fresta que pode nos libertar. Que pode libertar a todas. São nessas fissuras, nesses espaços de tempo, entre uma coisa e outra, que produzimos e fizemos

²⁹Disponível em: <https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2019/03/08/bolivia-silvia-rivera-cusicanqui-temos-que-produzir-pensamento-a-partir-do-cotidiano/>. Acesso em ago. de 2023.

³⁰ Palavra yanomami que significa terra-floresta.

³¹Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/07/fome-no-brasil-piorou-nos-ultimos-tres-anos-mostra-relatorio-da-fao>. Acesso em ago. de 2023.

circular nosso conhecimento, que construímos e contamos outros mundos, que escrevemos.

A fresta nesta tese é a escrita. Escrever é uma atividade colaborativa, um ato comunal, e não feita sob um teto todo seu (Gloria Anzaldúa, 2021, p.138). Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor (Gloria Anzaldúa, 2000, p.235).

O que proponho nesta tese-crônica é um exercício de escrita, feminista, decolonial, como prática para enfrentar projetos hegemônicos de dominação. Defendo aqui, a escrita como uma atitude (Maldonado-Torres, 2019), como ato de resistir, educar, letrar a partir da solidariedade. A escrita feminista decolonial como exercício de imaginação e criação do reencatamento do mundo. Uma prática descolonizadora para além de um discurso descolonizador. Escrever com uma linguagem “perto de nós”, como ação política de narrar e nomear o mundo, subvertendo a lógica da razão neoliberal.

Assim, ao narrar um mundo, em meio a pandemia de covid-19, a crise do neoliberalismo, o avanço da fome, da violência machista, estando no sul do Brasil sob o governo Bolsonaro, exercitei a escrita, já que

“escrever é a coisa mais ousada que já fiz, e a mais perigosa”

(Gloria Anzaldúa, 2021, 58).

Tese – crônica: Coragem e desobediência

Depois (ou antes) da pergunta qual é a tua tese? A principal questão que as pesquisadoras e pesquisadores precisam responder é, qual metodologia tu vais usar? A verdade é que todas as perguntas que um trabalho dessa importância precisa dar conta, são muitas – e desesperadoras para quem tem o compromisso com o conhecimento.

Uma coisa que muito me intriga ainda é a questão de como contar a pesquisa, para quem contar e quem vai ter acesso

ao conhecimento que, aqui no Brasil, ainda é restrito? Mesmo com as políticas públicas de expansão do ensino técnico e superior, e de cotas³², ainda estamos longe do ideal. Na pós-graduação, mais complexo se torna o cenário diante do descaso com a educação brasileira, especialmente os últimos quatro, entre 2018 e 2022, anos foram sem dúvidas devastadores³³.

Ao longo da minha trajetória como pesquisadora sempre me intrigou por que a escrita precisa se aproximar da linguagem dos opressores para ser reconhecida? bell hooks (2008) propõe uma ressignificação dos usos linguísticos para das opressões, quando discute o lugar da linguagem nas relações de poder, percebe que não é a língua que fere, mas o uso que os opressores fazem dela, como moldam para que seja uma arma de envergonhar, humilhar e colonizar.

Gloria Anzaldúa (2009) fala da consciência *mestiza*³⁴, que precisa se

³² Lei Federal nº 12.711/2012, conhecida popularmente como “Lei de Cotas”.

³³ Desde 2016, com a Pec 55, e hoje, Emenda Constitucional 95, que institui o novo regime fiscal da união, vem restringindo consideravelmente o orçamento para despesas em áreas como saúde e principalmente em educação. Com o mandato de Jair Bolsonaro, além dos cortes, houve a intensificação do discurso de deslegitimação da área, bem como da ciência, na qual justificaria a falta de investimentos nas pastas, afetando as Instituições de Ensino Superior e agências de fomento de pesquisas, agravando por exemplo, a situação de caos durante a pandemia de COVID-19 entre os anos de 2022 -2022.

³⁴ *Mestiza* é um produto da transferência de valores culturais, espirituais de um grupo para o outro. *La mestiza* tem que se mover constantemente para fora

das formações cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir. [...] Aprende a equilibrar as culturas. Tem uma personalidade plural, opera em um modo pluralístico – nada é posto de lado, o bom, o ruim e o feio, nada é rejeitado, nada abandonado. Não apenas sustenta contradições como também transforma a ambivalência em uma outra coisa. [...] O trabalho da consciência *mestiza* é o de desmontar a dualidade sujeito–objeto que a mantém prisioneira, e o de mostrar na carne e através de imagens no seu trabalho como a dualidade pode ser transcendida. (Gloria Anzaldúa, 2005, p.706 - 707).

mover para um pensamento divergente que se afasta dos padrões, rumo a uma perspectiva mais ampla, que pode ser capaz de superar a tradição do silêncio (2009, p. 312). Uma vez que a linguagem é um discurso masculino e eles querem nos conter com seu montão de regras de academia (2009, p. 306-307), e isso sempre me incomodou. Gloria Anzaldúa, na sua experiência ao cursar o doutorado na Universidade do Texas, entre os anos de 1976 e 1977, quis escrever sobre estudos feministas e literatura, ouviu de seu orientador que não parecia um projeto possível, uma vez que literatura chicana não era uma disciplina legítima, assim, diz ela,

Se você fosse um chicana em uma universidade, tudo o que eles ensinavam eram sistemas filosóficos vermelhos, brancos e azuis, disciplinas e formas de conhecimento - muito estadunidense. Não lhes parecia que os estudos étnico-culturais tivessem o impacto ou o peso necessário para entrar no mundo acadêmico, então em muitas dessas disciplinas me senti silenciada, como se não tivesse voz.

³⁵ No original: *Si eras una chicana en una universidad, todo lo que te enseñaban eran sistemas filosóficos, disciplinas y modos de conocimiento rojos, blancos y azules, bien estadounidenses. No les parecía que los estudios culturales étnicos tuvieran el impacto o el peso necesario para ingresar en el mundo académico, con lo que en muchas de estas asignaturas me sentía silenciada, como que no tuviera voz* (Gloria Anzaldúa, 2016, p. 274 -275).

³⁶ Durante a banca de qualificação desta tese, ao expor a angústia sobre sua escrita e como metodologicamente desenvolver o trabalho de maneira decolonial. Sobre o modo como foi escrito, a professora Raffaella Fernandez, na sua intervenção como leitora desta agora tese, fala sobre os motivos pelos quais ela acredita que essa escrita é decolonial. A importância da minha postura frente a isso, sendo necessário que, no texto final eu defendesse essa

(Gloria Anzaldúa, 2016, p. 274 -275)³⁵

Quem de nós, já não se sentiu silenciada nos espaços acadêmicos e em tantos e tantos outros? Se eu escrevo essa tese, tese-crônica, é porque fui acolhida³⁶. – Eu te acolho! Com essas palavras eu segui adiante com a escrita que está

“fora de uma linguagem teórica ou filosófica oficial. A minha é uma luta pelo reconhecimento e legitimidade dos excluídos, principalmente mulheres, pessoas de cor, queers e alteridades³⁷”

(Gloria Anzaldúa, 2018, sp.).

Escrevo do lugar de quem quer ser entendida – mesmo sabendo que nem sempre serei, porque a leitura depende do nosso lugar no mundo porque algumas de nós, aprendemos a ler somente como brancas, acadêmicas ou homens³⁸. Pela palavra, implodir a

escrita como forma de romper com o que nos foi imposto, inclusive pela universidade, ocidentalizada, colonizada e recolonizada, como produção legítima de conhecimento. Este debate está presente em Lélia Gonzales (1984), Silvia Rivera Cusicanqui (2021), Rita Segato (2021), Mary Garcia Castro e Raffaella Fernandez (2022), Henrique Rodrigues Leroy (2018; 2021; 2023).

³⁷ No original: *“afuera de una lengua oficial teórica o filosófica. La mía es una lucha por el reconocimiento y legitimidad de aquellos excluidxs, especialmente mujeres, personas de color, queers y otredades.”* Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/escribir-para-lidiar-con-la-bestia-sombra/>. Acesso em jul. de 2023.

³⁸ Gloria Anzaldúa (2021) fala sobre o treinamento, muitas vezes acadêmico – colonizado, dominante, masculino – que algumas mulheres de cor, mulheres acadêmicas e brancas aprendemos a ler. Temos mais treino em ler como homem (Gloria Anzaldúa, 2021, p.144).

prepotência colonizadora de padrões universais na busca de assentar a palavra na página em branco (Rita Segato, 2021). Como justifica Henrique Rodrigues Leroy, em sua Tese-Travessia³⁹, quebrar um paradigma da escrita acadêmica afim de descolonizar os saberes acadêmicos dominantes. Uma vez que,

“devemos ter coragem para desconstruir e descolonizar os saberes epistêmico-metodológicos que predominam em nossas pesquisas.”

(Leroy, 2018).

Às vezes *“tenho a sensação de que estou procurando às cegas uma coisa; eu quero continuar, eu me sinto obrigada a continuar. Sinto até uma certa coragem de fazê-lo”* (Clarice Lispector, 2010 p. 24). Mas, com coragem de jogar fora a

abstração e escrever com sangue, pus e suor (Gloria Anzaldúa, 2000), que esta tese foi escrita em forma de crônica⁴⁰, ou ensaio, afinal no Brasil, a primeira é a transformação do segundo (Coutinho, 1997). Assim,

ao formular novas formas de conhecimento, novos objetos de conhecimento, novas perspectivas e novas ordenações de experiência, estou lidando, quase inconscientemente, com uma nova metodologia – uma metodologia que espero não reafirme os modos predominantes

(Gloria Anzaldúa, 2018, sp.).

E, nessa busca por uma escrita, capaz de se construir como

ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se escritora ‘validada’ e legitimada, e ao reinventar a si mesma, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer foi nomeada

(Grada Kilomba, 2019, p.28).

Os últimos quatro anos⁴¹ da minha vida tem sido estudar e escrever essa tese. É fato que existem muitos manuais e

³⁹Utilizando como base a narrativa da personagem Riobaldo, de Grande sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, o professor Henrique Rodrigues Leroy percorre a sua travessia para a construção de sua tese, na qual ele, “professor-educador-pesquisador que aqui escrevo proponho-me a relatar as inúmeras veredas por onde percorri, ainda me enveredo e enveredarei, na minha práxis pedagógica, isto é, no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa” (Leroy, 2018, p. 13), por isso, Tese-Travessia.

⁴⁰ Não é objetivo deste texto, escrever uma história da crônica, sobre isso, pode-se consultar as obras de Afrânio Coutinho (1997), Antônio Candido (1992), Júlio França (2012). Cabe aqui pensar como a escrita – feminista e decolonial, em forma de crônica pode funcionar para uma ampliação dos processos de descolonização, no sentido de criar uma linguagem que afete as leitoras, incomode e ao mesmo tempo que possa

ser capaz de criar uma consciência, uma indignação, uma revolta que seja mobilizadora de atitudes decoloniais (Maldonado-Torres, 2018). Para, talvez, alcançar o que Silvia Rivera Cusicanqui chama de luta anticolonial. Para ela, as lutas anticoloniais são as verdadeiras responsáveis pelas desnaturalizações de todas as construções advindas dos movimentos pós-coloniais e decoloniais. Movimentos que, para ela, ainda garantem a permanência dos privilégios das elites (LEROY, 2023, p. 68).

⁴¹ Esta tese foi escrita entre os anos de 2019 e 2023, durante todo mandato de Jair Bolsonaro como presidente da república. Termina no início do terceiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, iniciado em janeiro de 2023

métodos, tanto de pesquisa, quanto de escrita de teses, como o livro de Umberto Eco (2008), “Como se faz uma tese”. O fato é que eu não queria seguir um manual completo. Eu não queria

“as soluções da colonial-modernidade para os males da colonial-modernidade”

(Rita Segato, 2021, p. 340).

Mas, a universidade e a escrita acadêmica e a universidade, nos fornecem ferramentas para que possamos superar os problemas que a colonialidade nos impôs.

Teremos que negociar de forma mais ou menos consciente, os regimes de autoridade, hábitos, estilos de retóricas desse meio (Rita Segato, 2021), e aqui pretendi fazer pela escrita, já que *“eu queria fazer do meu jeito, usando a minha abordagem, a minha linguagem”* (Gloria Anzaldúa, 202, p.154) e assim *“abrir-se-á criativamente a subversão dos campos disciplinares para estimular oportunidades para textualidades não canônicas”* (Rita Segato, 2021, p. 345).

Enquanto eu precisava escrever, pensar e organizar essa tese, o Brasil passava por um momento crítico de crise. neoliberalismo está sempre em cris

Uma crise se sentido (Silvia Rivera Cusicanqui, 2018), dos sentidos das palavras. Da linguagem. Uma disputa. Durante a escrita, tive,

momentos de grande angústia e bloqueio, momentos em que acreditei que não ia conseguir, momentos em que me confrontei com a importância deste trabalho no contexto do que se passa neste país, com acontecimentos cotidianos aparentemente mais graves⁴²

(María Cristina Suaza Vargas, 2008, p.12-13).

Eu só consegui escrever palavras não desejadas.

“Às vezes é o horror de tocar numa palavra que desencadearia milhares de outras, não desejadas”

(Clarice Lispector, 2010, p.58).

Nesse impulso escrevi. Não sabia como seria recebido o texto. Eu queria escrever sobre solidariedade e esperança, sobre imaginação e comunhão, mas eu só havia escrito sobre raiva, morte, injustiças, egoísmo, individualismo

“Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal

⁴² No original: *“momentos de mucha angustia y de bloqueo, momentos en los que creía que no iba a ser capaz, momentos en los que me confrontaba conmigo misma frente a la importancia de este trabajo en el contexto de lo*

que está sucediendo en este país, con sucesos diarios aparentemente más graves.” (María Cristina Suaza Vargas, 2008, p.12-13).

qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo”

(Freire, 1989, p. 36).

Mas escrever é “*examinar suas entranhas e dizer as outras pessoas: ‘esse pedaço de víscera é sobre aquele tempo tal e tal coisa aconteceu e está conectada a outras pessoas e ao mundo de tal e qual forma’*” (Gloria Anzaldúa, 2021, p.169-170). Seria o que eu escrevi com as minhas entranhas uma escrita menor?

Antônio Candido (1992), diz que a crônica parece ser um gênero menor, uma vez que ninguém imagina uma literatura feita de grandes cronistas. Alguém imagina uma pesquisadora forjada na escrita do cotidiano? O fato é que tanto a palavra da cronista, assim como a palavra da pesquisadora, manifestada na crônica, “*pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas*” (Candido, 1992). De maneira que “*a crônica pode tornar-se um poderoso agente de correção dos costumes, ainda quando tenha ares de um passatempo frívolo*” (Coutinho, 1997, p.122).

A tese como crônica, se apresenta como uma brecha de luta anticolonial (Silvia Rivera Cusicanqui, 2018) ao passo que,

ela fica perto de nós, pode servir como um caminho para a vida, que (...) na sua despretensão, humaniza: e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a

outra mão uma certa profundidade de significado.

(Candido, 1992, p.13 -14).

O que interessa é romper com o que pode, disfarçado de discurso libertador das oprimidas, funcionar como um processo de recolonização, através da linguagem, da academia e da ciência, já que a ideologia linguística colonizadora e dominadora começa a criar instrumentos de propagação dessa língua nomeada e inventada pelos que detinham o poder (Leroy, 2023). Assim, “*parece-se que não há nada mais urgente que começarmos a criar uma nova linguagem*” (Grada Kilomba, 2019, p. 21). A crônica pode ser um “lugar” negado no qual podemos fazer usos subversivos.

“Conscientemente fragmentária (e essa é a sua força), pois não pretende captar a totalidade dos fatos”

(Angélica Soares, 2007, p.65).

Nesta Tese- crônica, ou que se pretendeu ser assim, os textos são fragmentos de fatos que, ao longo do curso de doutorado, foram acontecendo. Os temas eram os que me incomodando, revoltando fizeram com que eu escrevesse sobre eles. Aqui, se rompe com a noção de crônica como narrativa do tempo linear, ou em que se deram os fatos. Afinal, uma tese escrita durante uma pandemia, na qual a noção

de tempo, de morte e de luto foram alteradas, eu diria, drasticamente.

Os textos podem, talvez estar fora de ordem, mas a história se move em ciclos. Passado-futuro podem estar contidos no presente, no qual o movimento é uma retroalimentação do passado sobre o futuro que vislumbra e realiza, ao mesmo tempo, a descolonização. Assim, o passado também é uma disputa. A escrita (ou reescrita) do passado, quem conta e como conta, é um exercício de romper com o cânone da escrita acadêmica, como uma prática descolonizadora. (Silvia Rivera Cusicanqui, 2021). A crônica, pelo *“fato de ficar tão perto do dia a dia age como quebra do monumental e da ênfase. Está sempre ajudando a estabelecer ou reestabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”* (Coutinho, 1997, p.14).

A perspectiva da escrita dessa tese, assim como a crônica *“não é as do que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do chão”*. Essa escrita, assim como a crônica,

“desafiam a ideia de apenas narrar o seu tempo”

(Santos, 2007).

É um território livre para a imaginação, é capaz de afastar-se da mera reprodução dos fatos, rasga as construções complexas e rebuscadas, e dos aspectos pequenos ou diminuídos

da experiência humana um valor extraordinário.

O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor” [...] é curioso como ela mantém o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maiores consequências, e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social.

(Candido, 1992, p.16-18)

A crônica, como não quer abafar ninguém, ela apresenta uma espetacular capacidade de se reinventar e se comunicar com as leitoras (Santos, 2012). E, hoje, cada uma de nós que está aqui, é porque, de um jeito ou outro, compartilha um compromisso. Com a escrita, com a linguagem, com o seu poder como ato de ressignificar essa linguagem que nos foi imposta (Audre Lorde, 2019). Assim como Carolina Maria de Jesus, a escrita, a nossa escrita é uma maneira de iniciar uma nova viagem – ou um retorno – criar outros territórios – narrativas – e engendrar novas formas – de mundo (Raffaella Fernandez, 2018).

Um convite a leitura: a escrita com aberturas

Não sei se deve haver um texto que seja completo. Nenhuma história pode ser escrita em sua totalidade. Por mais observadora que seja a escritora, e por mais habilidosa com as palavras, a escrita se faz com rachaduras, espaços, lacunas – ela deixa espaços. São pelas brechas deixadas pela escritora, que ao gritar seu texto, divide o espaço das palavras não escritas, e das histórias não contadas como possibilidade de diálogo e construção coletiva a partir da leitura. Todos os textos podem ser uma confissão de falta, e por isso é preciso o espaço das entrelinhas.

***“Mas já que se há de
escrever, que ao menos não
se esmaguem as palavras nas
entrelinhas”***

(Clarice Lispector, 2010, p.18).

Por entre as lacunas deixadas durante o movimento da escrita, podemos inclusive reescrever a história, que um dia deu a vitória aos nossos opressores. Silvia Federici (2019), por exemplo, reescreveu um passado, dando dignidade as bruxas, não contente com o se escreveu sobre elas. Assim, escreveu a história esquecida das mulheres, para entender como a caça às bruxas foi – e é⁴³ – usada como instrumento de controle e (re)colonização (Silvia Federici, 2019, p. 13). Ao contar a história das bruxas, da perspectiva de um olhar feminista para o passado, ela está disputando o espaço político da memória. Dá ênfase para a resistência e luta das mulheres ao longo do desenvolvimento do capitalismo. A bruxa, passa a ser um corpo político que foi queimado na tentativa de apagar a versão da história que conta da resistência, luta e conhecimento produzido pelas mulheres durante a idade média.

Afastadas do nosso próprio corpo, fomos impossibilitadas de escrever (Lúcia Castelo Branco, 1985). A tentativa de dizer o indizível, a escrita resiste, como tarefa de “dessimbolização” colonial da linguagem dos opressores. Agora, pretendemos *“ampliar a potência de um corpo que pensa e fala, que constrói*

⁴³ Para Silvia Federici (2020), a nova caça às bruxas se refere ao tipo de propaganda feita pelos políticos de direita e o novo uso da religião como uma forma de disciplinar as mulheres, os novos cercamentos em territórios comunitários em África, o controle dos

corpos, como por exemplo os discursos contra a legalização do aborto, e as novas formas de acumulação do capital, que utiliza, ainda, o trabalho de reprodução das mulheres no capitalismo.

narrativas e estratégias de luta que recriam, pelo seu próprio uso, o espaço político do qual somos excluídas” (CAROLINE MARIM, 2020).

“Porque falamos com línguas de fogo nós somos culturalmente excluídas⁴⁴”

(Gloria Anzaldúa, 2009, p. 310).

Transformaremos nosso silêncio em linguagem e ação. (Audre Lorde, 2022)

Eu não vou mais sentir vergonha de existir. Eu vou ter minha voz de indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente - minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição do silêncio

(Gloria Anzaldúa, 2009, p. 312.).

Aqui, eu as convido para termos a “*coragem dos vencedores*” para escrevermos nossa palavra nas páginas vazias (Rita Laura Segato, 2021). Vamos gritar!

“O grito que surge da articulação dos tempos. É preciso gritá-lo por escrito”

(Hélène Cixous, 2022, p. 33).

No movimento de transformar o silêncio em palavra e ação, espalhamos as ideias que nos são significativas. É a partir da escrita da vida cotidiana, das nossas particularidades, do excesso de trabalho. Ensinamos sobre aquilo que

acreditamos, além daquilo que compreendemos “*porque só assim podemos sobreviver, participando de um processo de vida criativo e contínuo que é o crescimento*” (Audre Lorde, 2019). Como mestiças, brancas, negras, indígenas. Como mulheres, lésbicas, transsexuais. Mulheres pobres, periféricas, do terceiro mundo, do Sul. Com nossas teorias e práticas libertárias (Angela Davis, 2018).

Quando li textos de feministas negras e feministas de cor, incluindo Audre Lorde, bell hooks e Gloria Anzaldúa. Eu ainda não havia lido nada delas. Essas obras me sacudiram. Tratava-se de escritos cuja base de conhecimento era fornecida por uma experiência de poder vivida no corpo. Uma escrita inspirada pelo cotidiano: os detalhes de um encontro, um incidente, uma celebração, são as fagulhas de um *insight*. Ler o trabalho de feministas negras e de feministas de cor mudou minha vida; comecei a perceber que, quanto mais a teoria se aproxima da pele, mais ela pode fazer.

(Sara Ahmed, 2022, p. 24-25).

Em comunhão, compartilhamos e encorajamos outras mulheres a se unirem a nós em solidariedade, já que a nossa conexão é o nosso poder. Vamos gritar juntas! Abrir fendas que nos permitam narrar outras histórias, inscrever no tempo nossas conquistas, criando sonhos ao recuperar a capacidade de imaginação que o mundo colonizado-capitalista-neoliberal nos

⁴⁴ Gloria Anzaldúa (2009) se refere ao terrorismo linguístico do uso da linguagem *mestiza*.

usurpou. Vamos abrir as brechas, as fendas.

“Por essa fresta respiram não só seus filhos, mas também os milhares de desaparecidos que estão desaparecidos no mundo”

(EZLN, 2015, sp.)⁴⁵.

Ao nos transformarem em Medusa⁴⁶, acharam que a maldição que recaiu sobre ela, a deixaria sozinha. Mas esqueceram que a Medusa tinha muitas línguas,

“basta olhar a Medusa de frente para vê-la: ela não é mortal, é bela e ela ri.

(Hélène Cioux, 2021, p. 62).

Ela é uma, mas pode ser várias, e se somos muitas,

e se nós somos uma legião, é porque a guerra de libertação abriu somente uma brecha por enquanto. Mas as mulheres correm até lá, eu as vi, aquelas que não serão domesticadas nem enganadas, aquelas que não terão medo do risco de ser mulher”

(Hélène Cioux, 2021, p. 79).

Ao escrevermos, vamos deslizaros pelas frestas que abrimos na parede da história, desafiando a inércia cinza do ódio⁴⁷.

“A partir das gretas, os gritos sonoros fazem tremer, mas também fazem fissurar”

(Catherine Walsh, 2019, p. 115).

Antes de dizemos nossas palavras, aprendemos leituras do mundo⁴⁸. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica, implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1989, p.9). “*Aprender a ler não é sinônimo de aprendizado acadêmico*” (Gloria Anzaldúa, 2021, p.144). Todas as pessoas são capazes de ler o mundo. Operárias, trabalhadoras, as *slamers*⁴⁹, mulheres do sul, periféricas, podem ler o mundo da forma que uma acadêmica, nem sempre pode, pois essas às vezes, “veem de dentro” ou “através de” disfarces inconscientes que esquecem as entrelinhas (Gloria Anzaldúa, 2021).

⁴⁵ SupGaleano. El Muro y la Grieta. Disponível em: <https://radiozapatista.org/?p=12929>. Acesso em 09 de ago de 2023.

⁴⁶ Referente ao texto o Riso da Medusa, de Hélène Cioux.

⁴⁷ Francisco el hombre. Como una flor. São Paulo: Independente, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ESxudIx8Ho>. Acesso em ago. de 2023.

⁴⁸ Vale lembrar que as leituras de mundo não são homogêneas, podem ser colonizadas, e formadas a

partir do local, do modo de vida, do contexto econômico, social e educacional de cada pessoa. Nem todas as leituras de mundo são críticas ou pretendem pensar outros modos de existir tanto individualmente, quanto coletivamente.

⁴⁹ FERNANDEZ, R. Comunhão decolonial no slam de mulheres latino-americanas. *Língua-lugar: Literatura, História, Estudos Culturais, [S. l.]*, v. 1, n. 4, p. 90–107, 2022. DOI: 10.34913/journals/lingualugar. 2021.e714. Disponível em: <https://oap.unige.ch/journals/lingua-lugar/article/view/714>. Acesso em: 10 ago. 2023.

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente

(Freire, 1989, p.13).

Quando escrevemos, sobre nossas ideias, nem sempre conseguimos explicar tudo.

“Eu quero que a leitora deduza minhas conclusões ou ao menos chegue as dela mesma”

(Gloria Anzaldúa, 2021, p. 144).

Não querendo escrever um texto com todos os significados, mas consciente das faltas na escrita, porque escrevo de onde leio o mundo, as fendas, lacunas, rachaduras que são deixadas no ato da escrita, são um convite a leitura, a escrita e a desobediência. Esses espaços permitem a leitora

“possuir um texto não apenas lendo atentamente as palavras, mas tomando-as para si”

(Manguel, 1997, p. 76).

Naquele texto escrito, podem, as leitoras trazerem suas experiências, criar imagens concretas, tornando a

escrita mais rica porque acrescentam elementos a ela (Gloria Anzaldúa, 2021, p.146-147).

A escrita com rachaduras, com fendas nesta tese, é uma esperança pequena⁵⁰ de

modos-muito outros de pensar, saber, estar, ser, sentir, fazer e viver que são possíveis e, ademais, existem apesar do sistema, desafiando-o, transgredindo-o, fazendo-o fissurar

(Catherine Walsh, 2019, p.105).

No exercício de uma escrita decolonial, com lacunas e esperanças pequenas, tentei fazer uma tese-crônica, uma vez que, *“ela apresenta uma espetacular capacidade de se reinventar e se comunicar com o leitor”* (Santos, 2012, p.14). E, apesar de *“parecem textos ligeiros, simples e superficiais, tamanha a facilidade de leitura. São pequenas obras-primas de emoção baseadas nos espantos e alegrias, decepções e surpresas do cotidiano”* (Santos, 2012, p.18). *“Principalmente porque elabora uma linguagem que fala perto do nosso modo de ser mais natural”* (Coutinho, 1997, p. 13-14).

Desobediente, a escrita desta tese, tese-crônica, tem por objetivo realizar um exercício de escrita decolonial, em que *“utilizo vários formatos narrativos*

⁵⁰ Catherine Walsh se refere a outros modos de ser, estar, ser, transgredir e mudar nas gretas do próprio sistema como aposta para a mudança. As gretas são então *“parte integral também das transgressões, indisciplinamentos, rupturas e*

deslocamentos que me obrigam a olhar-me criticamente, a aprender a desaprender para reaprender a pensar, atuar, sentir e caminhar de modo descolonial, individual e coletivo” (Catherine Walsh, 2019, p.106).

condizentes com as experiências sobre as quais reflito, e utilizo qualquer linguagem e estilo que corresponda à minha forma de trabalhar” (Gloria Anzaldúa, 2018, sp).

Passo a ler – o mundo – e escrever, deixando espaços para que a leitora possa ler o subtexto, interagir e introjetar suas experiências nessas lacunas. Assim, convido vocês, a entrarem nas fissuras deixas no texto, mesmo que de forma inconsciente, ou consciente da minha incapacidade de ver tudo. E se por acaso a parede estiver fechada, e *“se não houver rachadura, bom, então fazer arranhando, mordendo, chutando, batendo com as mãos e com a cabeça, com o corpo todo”* (EZLN, 2015, sp.) até que tenhamos por onde entrar.

Nós sabemos que as rachaduras e as frestas podem ser fechadas, por isso precisamos continuar a alargar as fendas que abrimos ao longo da história. A grande história, a que nos faz sucumbir ao fatalismo de que a nós é impossível reunir forças indispensáveis para o embate capaz de recriar o mundo (Freire, 1987). É essa narrativa, a grande, a qual vamos rasgando pouco a pouco com nossas esperanças pequenas, de mulheres, leitoras, de escritoras. *“E se não houver uma hora, um dia, uma semana, um mês ou um ano no calendário conhecido, bem, começamos a acumular frações de segundos, apenas minutos, e os*

deslizamos pelas frestas que abrimos na parede da história” (EZLN, 2015, sp.).

Para que as rachaduras que já abrimos, lendo, escrevendo, resistindo e desobedecendo não se fechem, continuemos a nossa luta,

“uma luta comum: aquela que transforma a dor em raiva, a raiva em rebelião e a rebelião em amanhã”

(EZLN, 2015, sp.).



O início do golpe

Em 2016, eu estava em outra cidade, trabalhando em uma escola e estávamos vivendo um clima muito estranho. Várias pessoas foram para as ruas do país inteiro gritando ou “Fora Dilma” ou “Fica Dilma”. Me senti muito cansada. A presidenta saiu do poder num ‘processo fajuto de impeachment, cujo nome verdadeiro é golpe’⁵¹ e pensei que o pior que este país iria viver já tinha acontecido e que nas próximas eleições “a gente daria um jeito”. Nesse momento, em setembro de 2016, revivo essa cena. Começaram os golpes nas madrugadas: aprovaram muitas medidas que desmanchavam anos e anos de melhorias. Mas já tinham deposto a presidenta em um episódio que começa com uma sessão da câmara de deputados em nome de Deus, da família, e de valores tradicionais. Logo, o vice decorativo⁵² assume e começa sua política em nome da economia e contra a corrupção. Uma delas, chamada de PEC da morte é

votada e desencadeia uma reação enorme em vários setores sociais. Mas são estudantes de todo país que criam um grande movimento e em outubro de 2016, escolas de todos os estados começaram a ser ocupadas. O movimento é liderado pelas jovens mulheres estudantes.

Até o final do mês daquele ano, mais de 1000 escolas estavam ocupadas. Há esperança! Em 2018 “a gente muda isso”. Chega o ano das eleições e o que parecia uma cena bizarra de filme de terror acontece e é eleito o messias. O que de pior poderia acontecer? Mas sempre pode piorar, já diz o ditado. E depois de muito machismo, racismo, deboche e o que há de mais insano entrou para a “normalidade” dos discursos – e não podemos normalizar o absurdo.

Em 2020, o coronavírus se espalha pelo mundo e escancara o buraco que estamos. Negacionismo, mais deboche e milhares de mortos, no mundo, no Brasil. O presidente, que tem no nome messias, e que de redentor enviado por Deus (quem quer que seja ele) não tem nada, ignora totalmente números, vidas, histórias, pessoas. Aqui, debaixo, onde estamos, só resta nos perguntar, quanto vale a vida?

⁵¹Disponível em: <http://www.dobrasvisuais.com.br/2017/11/futo-estranho-adelaide-ivanova/>. Acesso em set. de 2022.

⁵² Em referência a carta enviada para a ex-presidenta Dilma Rousseff pelo seu então

vice-presidente, Michel Temer. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>. Acesso em set. de 2022.

Quanto vale a vida?

Nesses dias de quarentena, nem sei mais como me organizar. Não perdi a noção total do tempo como alguns amigos e amigas e outras pessoas, já que as rotinas de trabalho e estudo não me permitem largar a agenda. Apesar de ser bagunçada, e de não precisar sair para os compromissos, consigo a façanha de me atrasar para os eventos.

No dia (não sei qual dos quantos) de isolamento, estou estranhando que não me sinto procrastinando em nada, eu sento e vou fazendo conforme as demandas chegam, é obvio que não dou conta, mas confesso, eu sinto saudade de enrolar um pouco sobre as coisas. Minhas costas doem, percebo que preciso de materiais que não precisava antes, ou achava que não. A demanda me parece muito maior, mas afinal, como dizem uns: estou no conforto do meu lar. - Ah! Tá bem!

Conforto do lar, tem até que rir, como se todas as casas fossem lar, como se todos os lares tivessem conforto e espaços adequados para trabalho. Aliás, o trabalho invadiu as casas, a intimidade,

como se não houvesse trabalho suficiente aqui, mas este, não, não é trabalho, não conta como dia trabalhado e não se recebe por ele. Conforto do lar, como se as pessoas não tivessem mães que pensam que estar no computador ou com o aplicativo de mensagens aberto é estar fazendo nada, com filhos e filhas implorando atenção, ou com os cachorros latindo. Coitados, estão confinados também. Isso que estou pensando sobre a minha realidade, que claro, é muito privilegiada sim. Dá vergonha de reclamar de cachorro latindo.

Eis que é um domingo, e sei que é pela programação da televisão, e eu preciso sentir que estou “fazendo nada”. Como posso? Já passo os dias no computador, até olhar um filme me cansa porque está em uma tela. Sinceramente, nunca mais vou dar desculpa para não sair de casa. Irritação é o que mais sinto, todos os dias. Já não basta estar no Brasil durante o governo Bolsonaro, em que acordar sempre parece uma tragédia, aliás, anunciada há anos. Denunciada. ELE NÃO! Por favor! Imploramos, praticamente. Não resolveu. Enfim, é domingo e eu preciso ver uma coisa “leve”. Leio uma postagem no Instagram da Cris Lisboa: *e se puder, me traga uma notícia boa*, ora, que boa notícia se pode ter?

Mas é domingo. Abro o computador e entro no YouTube. Engraçado, me aparece uma indicação de um documentário que achei que já tinha visto. - Azar, vou ver de novo.

Chico Science, um caranguejo elétrico⁵³, e começa:

A primeira sociedade com que travei conhecimento foi a sociedade dos caranguejos. Depois, a dos homens habitantes dos mangues, irmãos de leite dos caranguejos. Só muito depois é que vim a conhecer a outra sociedade dos homens - a grande sociedade. E devo dizer com toda franqueza que, de tudo o que vi e aprendi na vida, observando estes vários tipos de sociedade, fui levado a reservar, até hoje, a maior parcela de minha ternura para a sociedade dos mangues - a sociedade dos caranguejos e a dos homens, seus irmãos de leite, ambos filhos da lama.

(Castro, 2001, p. 13).

Toda vez que escuto alguma coisa que me desacomoda, vou procurar a referência. Mania de professora, ou vício de pesquisadora. Pura curiosidade de saber quem escreveu o quê. Esse trecho, é do Josué de Castro, médico e geógrafo do Recife, que se destacou pelo ativismo no combate à fome, publicando um estudo chamado Geografia da fome, em 1946. Chico, conterrâneo de Josué, também se

destacou. Levou a cidade do Recife para o mundo. Denunciou a fome, contou dos mangues, dos caranguejos e dos homens caranguejos. Apresentou a sociedade que Josué tinha ternura ao mundo. Criou um movimento⁵⁴, junto de outras pessoas. Surgiu um manifesto⁵⁵ e nele diz:

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade “maurícia” passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

Em contrapartida, o desvario irresistível de uma cínica noção de “progresso”, que elevou a cidade ao posto de “metrópole” do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da “metrópole” só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.

Ora, Chico, menino negro da periferia do Olinda, não é que moveu uma “nação”? Como não gostar de Chico, como não se envolver nessa batida e nessa música? Não tem como não. Isso lembra meu pai, sempre gostou de

⁵³ Documentário "Chico Science - Um Caranguejo Elétrico. Um filme de 86 minutos exibido pela TV Globo Nordeste e GloboNews em 2016.

⁵⁴ Mangubeat (também grafado como manguébit ou mangué beat) é um movimento e contracultura surgido no Brasil, na década de 90, e mistura ritmos regionais, como o maracatu, com rock, hip hop,

funk e música eletrônica. O movimento tem como principais características nas letras, críticas ao abandono econômico-social do mangue, da desigualdade de Recife (sendo apenas um reflexo do descaso do Estado fora do eixo Rio-São Paulo.).

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mangubeat>
⁵⁵ Fred Zero Quatro. Manifesto: Caranguejos com cérebro.

música, conheci Chico e a nação por ele. Tem afeto nesse gosto.

O documentário conta a trajetória de Chico, narrado por sua mãe e por sua irmã, grande parte dele. Tem algo de simbólico nisso.

Segui por 86 minutos assistindo ao documentário, e as músicas que denunciavam o capitalismo, a destruição dos mangues, a dos homens e mulheres, negros e pobres. Cantava a nação, o monólogo ao pé de ouvido:

Modernizar o passado é uma evolução musical

Cadê as notas que estavam aqui

Não preciso delas!

Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos

O medo dá origem ao mal

O homem coletivo sente a necessidade de lutar

o orgulho, a arrogância, a glória

Enche a imaginação de domínio

**São demônios, os que destroem o poder
bravio da humanidade**

Viva Zapata! Viva Sandino! Viva Zumbi!

Antônio Conselheiro!

Todos os panteras negras

Lampião, sua imagem e semelhança

**Eu tenho certeza, eles também cantaram
um dia.**

(Da lama ao caos, 1994)

É maio, dia 31, do ano de 2020, e é domingo. Chico morreu em um domingo. E sim, o homem coletivo sente a necessidade de lutar. Às mulheres também, Chico.

As cidades continuam a crescer, e é bem-dito que *“a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da “metrópole” só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano”*. E não é que saímos da lama e estamos no caos? Ora, se tu visses o que estamos vivendo... um vírus se espalhou pelo mundo, está matando milhões. Acredita, estão dizendo que ele é “democrático”. – Que noção de democracia heim?

Passei o resto do domingo comovida pelo texto final do documentário, que questiona: quanto vale a vida? Ao terminar com as falas saudosas sobre a morte precoce de Chico. E passei ouvindo a Nação e sim, pensando na nação.

Em 2012, na mesma cidade do Recife, a especulação imobiliária, as paisagens magníficas de praias paradisíacas, e um acordo, a partir de um consórcio entre empreiteiras e poder público, travaram uma batalha com movimentos sociais que são contrários a ocupação de espaços da cidade por empreendimentos imobiliários de alto padrão. Advinha quem perdeu?

No cais de Santa Rita se erguem dois enormes prédios, apelidados vejam só, de “Torres Gêmeas”, em que a construção ocupa uma área tombada pelo patrimônio histórico. O projeto que previa a construção dos prédios no Cais

José Estelita, Santa Rita e Cabanga chama-se, “Novo Recife”.

O que há de novo no “Novo Recife”? Nada. Em 25 de março de 2019 a prefeitura autoriza a demolição dos galpões do cais do porto de Estelita e na mesma noite do dia 25, integrantes dos movimentos sociais acamparam no local e anunciam que só saem de lá quando as máquinas que iniciariam os trabalhos de demolição saíssem também. Além dos ativistas dos movimentos sociais urbanos do Recife, a demolição atraiu outras pessoas: trabalhadores em busca de oportunidade de emprego, nas máquinas e nos empreendimentos. Aí está uma das contradições do capitalismo, nesse mundo se precisa mais de trabalho do que de natureza, é dela que se tiram as riquezas, se explora e se acumula, sem nenhuma preocupação do que vai acabar, e que em algum momento vamos pagar essa conta. Como já cantava Chico,

**O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas,
Que cresceram com a força de pedreiros
suicidas.**

**Cavaleiros circulam vigiando as pessoas,
Não importa se são ruins, nem importa se
são boas.**

**E a cidade se apresenta centro das
ambições,**

**Para mendigos ou ricos, e outras
armações.**

Coletivos, automóveis, motos e metrô,

**Trabalhadores, patrões, policiais,
camelôs.**

A cidade não pára, a cidade só cresce

O de cima sobe e o de baixo desce.

(Da lama ao caos, 1994)

Não há nada de novo no “Novo Recife”, nem no velho, nem no capitalismo, nem na política. O que há de novo, é a mudança da paisagem, as sombras dos prédios nas praias e quem e como se frequenta o cais de Santa Rita agora.

Eu, que queria uma coisa leve para um domingo, não atingi o objetivo. Passei o dia, a noite e a segunda-feira ouvindo Nação, pensando no Recife que nem conheci, nos homens caranguejo e que as mulheres coletivas também sentem a necessidade de lutar. Pensei na mãe de Chico, Dona Rita, costureira. Eu sabia que tinha alguma coisa de simbólico quando pensei que a narrativa da vida de Chico tinha sido feita por sua mãe. Rita. O mesmo nome do cais onde estão as “Torres Gêmeas” em Recife. A segunda-feira se foi, e toda minha lista de reprodução do YouTube. Não tem como cansar de ouvir o Chico, e não pensar que,

**A cidade se encontra prostituída,
Por aqueles que a usaram em busca de
saída.**

**Ilusora de pessoas e outros lugares,
A cidade e sua fama vai além dos mares.**

No meio da esperteza internacional,

A cidade até que não está tão mal.

E a situação sempre mais ou menos,

Sempre uns com mais e outros com menos.

(Da lama ao caos, 1994)

Não acaba essa quarentena, já deve ser “oitentena”. Não sei quantos dias já estamos em casa. No caso eu estou em casa. Nem todos podem estar, não esqueço disso. Não paro de pensar no segundo manifesto do mangue, que termina com uma citação que minha curiosidade não pode fazer achar, além do escrito no manifesto, não encontro referência, me faz falta. Mas que importância, depois do que está escrito ali:

Quanto vale a vida de um homem, enquanto cada um avalia a sua própria vida, a troco de que está disposto a mudá-la? Nós avaliamos muito alto o preço de nossas vidas. Valem um mundo melhor, nada menos. Homens e mulheres, dispostos a dar suas vidas, têm direito a pedir tanto quanto valem. Há os que avaliam suas vidas por uma quantidade de dinheiro, mas nós a avaliamos pelo mundo, esse é o custo do nosso sangue...

(subcomandante Marcos)

É terça-feira, já é junho de 2020. Acordei. lavei o rosto. Olhei para minha imagem refletida no espelho e pensei: quanto vale a vida? Não me sai da cabeça aquele manifesto.

Será que vale os trocados pelos quais se sai de casa todos os dias? Sim, tem gente saindo de casa. Uns dizem que não se deve, outros dizem para que as pessoas se esforcem por uma condição melhor, outros, que é melhor se conformar com o destino. Não sei o que pensar, é preciso

comer. No meu caso, sinto fome do básico, e o básico também é ter fome de esperança.

Esperança é uma palavra que está longe, e tem dias que não lembro mais como é senti-la. Não sei mais quanto vale a vida, mas cálculo quanto vale a vida dos meus, e ela custa alto, não aprendi a avaliar vidas por baixo.

O que difere o valor das vidas? Como se usa dinheiro para estabelecer quem vive, quem morre? Ouvi uma vez que tem dias que é melhor viver a “benção da ignorância” e não é que às vezes isso faz sentido? Passei o dia pensando o valor das pessoas. Já é final de tarde e já acabaram os compromissos, os quais me atraso, mesmo em casa, será que já é hábito?

São 18h e começa mais uma edição do telejornal. Lembro da Cris Lisbôa, e espero que tenha uma boa notícia. Que ilusão! A chamada diz: Criança de 5 anos morre após cair do 9º andar em prédio no centro do Recife. E segue,

“o caso ocorreu às 13h, no Condomínio Píer Maurício de Nassau, um dos imóveis do conjunto conhecido como “Torres Gêmeas”.

A mãe dele trabalhava no quinto andar do prédio.

Veja bem a situação, a mãe do menino estava trabalhando, isso significa que

ela, diferente de mim precisa sair de casa, e penso: quanto será que vale a vida dela? A primeira pessoa que morreu vítima do vírus que mata milhões em 2020, veja só, é uma mulher idosa e negra, que também trabalhava na casa de alguém, que não abriu mão do seu conforto para salvar a vida de outra pessoa. Que difícil escutar ou ler a notícia: *“No momento do acidente, ele tinha sido deixado pela mãe — que é doméstica e estava na parte de baixo do prédio passeado com o cachorro dos patrões — aos cuidados da patroa dela, a primeira-dama de Tamandaré, Sari Corte Real. A patroa foi presa em flagrante por homicídio culposo, quando não há intenção de matar, e solta após pagar fiança de R\$ 20 mil⁵⁶.”*

Quanto vale a vida de uma criança? No Brasil, 20 mil reais. Aqui, tudo depende da cor, da classe, do gênero. Pensando bem não é só aqui. Se a gente olhar para o mundo e para a crise atual, tudo depende da relação entre esses marcadores. Impossível separar uma coisa de outra. Claro que penso e escrevo isso, a partir do meu privilégio branco na sociedade racista estrutural que me coloca em uma posição menos ruim pela cor, mas não em uma melhor

pelo gênero e classe. De qualquer forma, é preciso entender o lugar de privilégio. Não tenho saído de casa, posso trabalhar daqui. O Estado me permite isso, com nenhuma garantia e muita exigência, mas estou em casa e, estando aqui, me sinto mais protegida. Não é o caso de várias outras trabalhadoras, elas saem de casa, todos os dias. No caso da Mirtes, mãe do Miguel, o trajeto entre sua casa e seu trabalho são três horas. Pensem vocês: três horas, em transporte público, com um vírus que mata mais mulheres, pretas e pobres e, ainda, precisa levar o filho pois não tem com quem deixar, já que, sua mãe, avó do menino, também trabalha fora, para a mesma primeira-dama.

Mirtes, e sua mãe, eram pagas com propina⁵⁷, pela terceirização do trabalho reprodutivo, realizando as tarefas do lar da Sari, no caso, e este trabalho inclui passear com os cachorros da patroa. Será que Sari também se incomodava com os latidos? Me senti mal por talvez ter mais isso em comum com ela. Eu, apesar de não ter empregada, e nem marido e nem propina, sou branca e me incomoda os latidos dos cachorros.

⁵⁶Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml>. Acesso em out. de 2020.

⁵⁷Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/06/mae-de-crianca-que-caiu-do-nono-andar-esta-registrada-como-servidora.html>. Acesso em out. de 2020.

Em um contexto de pandemia, Mirtes, registrada como laranja pelo prefeito da cidade de Tamandaré, mas que residia em Recife, expõe a realidade das mulheres, em especial as racializadas, das trabalhadoras e das classes mais baixas, com a qual já deveríamos estar indignadas faz tempo. Lembra, as mulheres coletivas também sentem necessidade de lutar. Mas como as mulheres podem se organizar para a luta, se precisam andar de ônibus por três horas para trabalhar?

No Brasil, segundo o IPEA⁵⁸ 43% das famílias em 2018 são comandadas por mulheres, e destes, 32% são mulheres solteiras e com filhos.

Não é de agora que vidas de mulheres vale menos, ou nada. Desde muito tempo, há mais de um século, vale pouco ou é de graça.

Sari, é a cara da elite desse país, e do Recife, mas não a que sai dos mangues e nem conhece a história dos homens caranguejo. Talvez, nem saiba o que é fome, e provavelmente não leu o Josué de Castro. E ele conta que,

Nesse tempo espalharam pelo interior um boato que o governo tinha criado um ministério para defender os interesses do trabalhador e que com os fiscais da lei, a vida na cidade estava uma beleza, trabalhador ganhando tanto que dava para comer até matar a fome. A família Silva ouviu esta história, acreditou piamente e resolveu descer para a cidade, para gozar das vantagens que o governo

bom oferecia. Logo na chegada a família viu que a coisa era outra. Não havia dúvida que a cidade era bonita, com tanto palácio e as ruas fervilhando de automóvel. Mas a vida do operário, apertada como sempre. Muita coisa p'ró olhos, pouca coisa p'rá barriga

(CASTRO, 1959, p. 25).

Josué escreveu isso em 1959, e já é 2020. Nada de novo no “Novo Recife”. Mas há de velho. Esse que insistem em chamar de novo. Não existe governo bom, e muito menos no Brasil de 2020. É o governo da família, a do Bolsonaro. Aquele que às mulheres coletivas imploraram: Ele Não! Mas dizem que sim, que o governo é bom. Defende às famílias, “homens de bem”. Mas, olhe, não são todas as famílias, nem a minha e provavelmente, nem a sua, muito menos a de Mirtes, ou de Rita, mãe de Chico. É a família da primeira-dama, que compra trabalho reprodutivo, que tem marido e tem propina. Que pode morar nas “Torres Gêmeas”, e que acreditam e vendem a “noção cínica de progresso”.

As cidades continuam a crescer, e sim,

“sempre mais ou menos, uns com mais e outros com menos”.

No caso de Mirtes, menos. Menos o filho, e menos o trabalho. Perdeu tudo. E, quanto vale a vida? Não me sai essa pergunta da cabeça. A do Miguel, o menino que foi morto pela família do

⁵⁸ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

governo do bem, que tem propina e que mora onde era para ter só a praia, mas tem os edifícios das pedras evoluídas vale 20 mil reais. A vida de Chico, quando na ocasião de sua morte, valeu 10 mil.⁵⁹ As vidas negras não valem nada. Nem as vidas pobres, e nem a vida das mulheres, tanto que Mirtes recebia dinheiro de propina, nem honesto podia ser o seu salário.

Miguel, não saiu do mangue, talvez nem soubesse dos seis rios do Recife, e muito menos que Chico existiu. Miguel nem teve tempo de conhecer o homem caranguejo, e nem pode querer buscar referências e assim, encontrar Josué de Castro. Miguel foi morto, pelas morais e costumes da família tradicional. Pelo sistema que seleciona quem pode pagar e quem pode morrer. Miguel, não saiu do mangue, mas saiu da favela, do Recife, das Ritas, das Mirtes, das praias, e dos consórcios que os governos bons fazem com as empreiteiras para construir “Torres Gêmeas” no Brasil.

O que vai valer a vida de Mirtes sem a vida de Miguel? Quanto vale a minha depois de ler tudo isso? Me esvaziei do que tinha de humano, mais um dia no Brasil de 2020, com um vírus que mata milhões e no Estado que mata mais que ele.

Ô Josué eu nunca vi tamanha desgraça quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça.

Se os Silva soubessem. Não tem governo bom. Não aqui.

Mirtes perdeu tudo. Miguel foi morto, pelo Estado, pela família, pelo governo bom. Impossível eu não pensar que, ele, menino negro, que saiu da favela podia fazer poesia, e podia questionar a cidade, e podia fazer maracatu. Miguel, nem conseguia saber o desenho do número 9, o andar de onde ele foi jogado para o destino que quem não tem valor. E se Miguel crescesse? Será que iria morrer como Ágatha, ou João Pedro? E eu sigo. Aquele manifesto não me sai da cabeça. Nem o primeiro, e nem o segundo, quanto vale a vida?

Mas segue a utopia, diz.

E,

num dia de Sol, Recife acordou com a mesma fedentina do dia anterior.

⁵⁹Chico Science morreu em um acidente de carro, no trajeto Olinda/Recife e, após perícia, constatou-se que houve falha técnica

no Fiat Uno que dirigia. Sua família recebeu 10 mil reais da montadora, como indenização pela morte de Chico.

Este texto não é uma ficção

O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la.

(Carolina Maria de Jesus, 1992, p. 25).

Eu preciso começar a escrever. Todos os dias são dias de escrever. Eu não conheço a fome para escrever sobre ela. Eu escrevo para entender, e para ver se deixei de olhar alguma coisa. Mas eu tenho sentido um buraco enorme às vezes no peito, às vezes no estômago, um vazio, ou um aperto.

“Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insípido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior”

(Carolina Maria de Jesus, 1992, p.155).

Achei que eram as sensações da ansiedade de saber sobre os rumos do mundo. Mas uma vez escrevo no aperto do prazo, eles não esperam o tempo das pessoas. O tempo de sentir, de

processar e talvez entender o que é esse buraco. No meu caso sei que não é fome. Mas a fome tem se alastrado um tanto tão rápido quanto as notícias ruins. Eu não sei o que é fome, além daquela que eu olho para a geladeira desejando algo que não se identifica.

Quando eu era pequena, ali pelos anos 90, tinha dois grandes medos: morrer de AIDS ou pegar cólera, porque as pessoas morriam de bactérias. Morrem ainda. E de vírus. Os textos desse projeto vão variar os dados de mortes de vírus. Foram escritos em momentos diferentes da pandemia do COVID-19. Hoje, são 598 mil vidas perdidas levadas pelo coronavírus ou em decorrência das sequelas da doença. E não se pode culpar o vírus pela fome. Os dados do desemprego no Brasil, que, segundo o IBGE é de 14,4 milhões no segundo trimestre de 2021⁶⁰, me lembram de quando eu assistia aos noticiários da TV, em que as pessoas tinham sede no Nordeste, e se morria de fome. Esse assunto saiu dos noticiários faz uns anos, e talvez tenhamos esquecido que a fome, não essa que eu sinto e nem essa que você sente, ela existe.

⁶⁰ Disponível em:
[https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.p](https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php)
[hp](https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php). Acesso em abr. de 2022.

Hoje, é dia quatro de outubro de 2021. Eu ainda estou em quarentena e sigo saindo para atividades essenciais, mas não é o caso da maioria. A vida, para várias pessoas voltou ao normal. Tem festa, tem alegria, tem fotos na internet. Eu não tenho sentido alegria. Sinto uma tristeza profunda, de um buraco enorme que cresce dentro de mim e esse não é de fome.

Na quinta-feira do dia 29 de setembro, eu não tinha aula. Mas um dia que me sentei depois do café da manhã na frente do computador e imaginei digitar algumas linhas, na esperança de ter um projeto. Lembra, o prazo ele não se importa com sentimentos. Nem com a paralisia da gente de saber da fome do outro. Me sinto esquisita de escrever sobre isso, já que não sei o que é. Eu leio o que é, mas eu nunca senti. A Helena Silvestre (2021) sentiu, e ganhou um prêmio por contar do buraco da barriga dela. Mas, ela também escreveu sobre o buraco que aumenta em mim, e disse:

Por fome não me refiro apenas à nossa imperiosa necessidade de alimentar os corpos, mas também à ausência de sentido — como um buraco na barriga da razão. Me refiro à necessidade de romper com a ciranda onde estamos enclausurados e de

manejar ferramentas das quais estamos aparentemente (ou conscientemente) desprovidos para realizar rupturas que permitissem um pouco de ar em nossas rotinas acachapadas pelo peso da miséria e da subsunção capitalista que homogeniza tudo e mata o que somos, ainda que nos deixe vivos.

(Helena Silvestre, 2021, p.12)

Toda vez que sou cobrada por escrever e estou paralisada diante do horror dos últimos anos, penso no que disse a Helena, o que disse a Silvia, e a Angela⁶¹. No que disseram mulheres as quais eu não conhecia, e, não fosse a obrigação e o compromisso de escrever uma tese, não conheceria. Mas todas apontam para o mesmo horizonte: é preciso se organizar!

Eu, que não sou organizada politicamente, ao querer fazer uma pesquisa sobre mulheres que se organizam e rompem as lógicas da fome, da dívida e do trabalho reprodutivo, me sinto uma farsa. Mas, alguém precisa olhar. Observar o mundo e importante, já que nos apresentam ele como se estivesse sendo construído ao acaso⁶². O que agora eu observo é o aumento da fome, que não é a minha e nem a tua. A desesperança do futuro. A paralisia, a minha, inclusive para escrever. Como alguém pode ver esse mundo e acreditar que ele acontece ao acaso? Como pode olhar para fome dos outros, essa que a Helena sentiu.

⁶¹ Helena Silvestre (2021); Silvia Federici (2018; 2019; 2020); Angela Davis (2018)

⁶² Sobre o mundo apresentado ao acaso, ver: <https://www.youtube.com/watch?v=8KrE8PhxJ7Q>

Muito difícil pensar com fome. Muito difícil desenvolver-se com fome, cantar com fome, amar com fome, desapegar-se, estando com fome. Tudo aquilo que mora na mais rica experiência da vida, vai sendo arrancado de nós e nossos corpos se atrofiam, como radares embaçados que não captam bem a luz.

(Helena Silvestre, 2021, p. 4)

Eu, que não sinto fome, sinto que a vida vai sendo arrancada de mim, de nós e sinto que até a vontade do desejo se atrofia. E, no 29 de setembro, eu não tinha aula. Eu já disse isso. Eu também não tinha fome. Mas neste dia, enquanto eu pulava de um texto para o outro, e lia uma página ou outra, de um livro e outro eu recebi uma mensagem. Era uma foto, uma captura de tela de uma reportagem de um grande portal de notícias. Abri a foto e senti aquele buraco me engolir por inteiro. Eu chorei, como tem sido em vários dias dos últimos anos e mais, nos últimos dois. Lembrei que, nesse momento de pesquisar para o doutorado, conheci Josué de Castro, e, no prefácio da nona edição do seu livro Geografia da fome, André Mayer escreveu,

A fome — eis um problema tão velho quanto a própria vida. Para os homens, tão velho quanto a humanidade. E um desses problemas que põem em jogo a própria sobrevivência da espécie humana, a qual,

para garantir sua perenidade, tem que lutar contra as doenças que a assaltam, abrigar-se das intempéries, defender-se dos seus inimigos. Antes de tudo, porém, precisa, dia após dia, encontrar com que subsistir — comer. E esta necessidade, é a fome que se encarrega de lembrá-la. Sob o seu ferrão e para lutar contra ela, a humanidade aguçou seu gênio inventivo. Ninguém o ignora. E todo mundo sabe também que, nesse velho combate contra esta praga permanente, o homem conseguiu apenas uma vitória incerta e precária

(Castro, 1984, p. 5.)

O Brasil, que eu lembro de ter saído do mapa da fome em 2014, por vezes fez a gente esquecer que a fome podia voltar. Não que tenha deixado de existir, já que é um “problema tão velho quanto a própria vida”, mas ela ficou em algum lugar de esquecimento da memória. Acontece que a mensagem que me enviaram no dia 29, era uma imagem. E eu quis ler, o que dizia a reportagem da imagem de um homem misturada aos restos de ossos, nas qual se confundia o que era gente e o que era carcaça.

“Pediam para o cachorro. Hoje, é para comer”⁶³

diz José Divino, o homem que dirige o caminhão de restos de carne dos supermercados da cidade do Rio de Janeiro e que por piedade de quem sente fome, antes de chegar ao destino, o final da rota que percorre duas vezes por semana, e que leva os restos para as fabricas de ração

⁶³Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/garimpo-contrafome-sem-comida-moradores-do-rio->

[recorrem-restos-de-ossos-carne-rejeitados-por-supermercados-25216735.html](https://extra.globo.com/noticias/rio/garimpo-contrafome-sem-comida-moradores-do-rio-recorrem-restos-de-ossos-carne-rejeitados-por-supermercados-25216735.html). Acesso em: out. de 2021.

para animais e de sabão, espera que as pessoas retirem os restos de ossos e carne, mesmo que estragadas, para fazer a mistura⁶⁴.

— Tem dias que chego aqui e tenho vontade de chorar. Um país tão rico não pode estar assim. É muito triste as pessoas passarem por essa situação. O meu coração dói. Antes, as pessoas passavam aqui e pediam um pedaço de osso para dar para os cachorros. Hoje, elas imploraram por um pouco de ossada para fazer comida. Duas ou três pessoas em situação de rua passavam aqui e levavam. Hoje, tem dia que tem umas 15 pessoas – narra José Divino.

(reportagem jornal extra, o globo)

Carolina Maria de Jesus, em Quarto de despejo (1960) relata como é viver com fome, e via os caminhões de carne chegarem na favela.

17 de maio. Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com meu filho José Carlos sem motivo.

...Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: é assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganância de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.

Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monótono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas:

– Hum! Tá gostosa!

A dona Alice deu-me uma para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre.

(Carolina Maria de Jesus, 1960, p. 29).

E eu, que não sinto fome e não consigo escrever, me pergunto como a Carolina e a Helena conseguiram. Como é que a gente não vê a dor do outro? Como a gente ignora a fome? Para que eu vou escrever sobre essas coisas? Não resolve a situação de quem não come, e, na verdade me sinto uma fraude, escrever o que não vivo. Parece uma ironia ou um deboche. Talvez a fome delas, e também a minha, é a fome do dizer.

Tenho me sentido fora do lugar. Parece que não há espaço para mim e paras as minhas preocupações com as pessoas que eu converso. O que fez delas tão alheias a vida de outros? É óbvio que não são todas, caso fossem a existência seria mais insuportável. De qualquer modo egoísmos me incomodam. Soluções vazias também. A gente aqui de casa ainda consegue pagar pelo gás, mas ele está custando mais de 100 reais. E essa história de fome e caminhões de lixo, que são comidas, me lembram do texto de “Ilha das Flores”⁶⁵, quem assistiu na escola? Quem não, é urgente que veja. Toda vez que eu assisto, eu fico impressionada, já são quase quarentas anos e os caminhões seguem levando resto,

⁶⁴ No site do dicionário informal da língua portuguesa, mistura significa: No português brasileiro, é o complemento da alimentação comumente consumida (arroz e feijão). São consideradas misturas: Carne, Salada, Massas e

outros acompanhamentos do arroz e feijão.

Disponível em:

<https://www.dicionarioinformal.com.br/mistura/>. Acesso em: out. de 2021.

⁶⁵ Jorge Furtado, 1989.

lixo, tomates e provas de história que são comidas para as pessoas. Na Ilha das Flores, quase não há flores. Mas assim como no Rio de Janeiro, há o tomate, e os ossos com resto carne, que outro ser humano, e cachorros e porcos julgaram inadequados para consumo, será usado como alimentação para mulheres e crianças.

José Divino, que dirige o caminhão na cidade do Rio de Janeiro, julga inadequado para alimentação de outros seres humanos,

— Às vezes, está meio estragado, a gente fala, mas as pessoas querem assim mesmo —

e, aquilo que não serve para sabão e para ração de outros animais, como os cachorros, são o alimento da Vanessa, da Karlinca e da Denise⁶⁶.

Estas mulheres são seres humanos, telencéfalo altamente desenvolvido, polegar opositor e nenhum dinheiro. Não tem dono, e o que é pior, são muitas⁶⁷.

A Vanessa, assim como a Carolina e a Helena, falar sobre a fome, que não é essa que eu sinto e que provavelmente é a que tu

sentes. Ela não convive com seus filhos por não ter dinheiro.

A gente limpa e separa o resto de carne. Com o osso, fazemos sopa, colocamos no arroz, no feijão... Depois de fritar, guardamos a gordura e usamos para fazer a comida — explica Vanessa, que lamenta não conviver com os cinco filhos. — Não tenho como cuidar deles. Por isso, eles são criados pela minha mãe. Não temos quase nada. O que temos é de doações. Lá, pelo menos, eles têm um pouco de dignidade.

Carolina convivia, com os filhos e com a fome. Eu, assim como Helena, não tenho filhos, mas eu, não sei escrever sobre a fome como ela.

Arrisco-me a ser aquilo que o outro não entende, par e passo com a o fato de que eu também não entendo nada, mas aqui estamos, comprovando a possibilidade sincrônica de existir integrando o mesmo sistema, sem que se igualem as peças e sem que nenhuma experiência subalternize as demais no assassinato universalizante da equivalência geral.

(Helena Silvestre, 2021, p.6)

No Brasil de 1960, 1989 e de 2021, existe fome. Como a gente esqueceu que ela existia? Eu, que nunca senti, será que dormi e não vi mais nada? Não passava mais no jornal, nem fome, nem AIDS e nem cólera. Não tenho mais medo de morrer disso. Mas o buraco da fome que eu não sinto, me engole olhando a fome dos outros. Eu que não como carne, e aqui eu poderia dizer de toda a exploração das outras espécies pelos seres humanos, no extrativismo, no capitalismo e o quanto o agronegócio aumenta a crise ecológica, me

⁶⁶ Nome das mulheres entrevistadas na reportagem do jornal extra - o globo.

⁶⁷ Texto de Ilha das Flores, 1989.

sinto com vergonha. Não que essa seja uma pauta ilegítima, mas as pessoas morrem de fome. O buraco me engole e me deixa tantos dias paralisada. Como Carolina escreveu com fome?

Segundo o relatório “Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil”⁶⁸, cerca de 125,6 milhões de pessoas sofreram (sofrem) com segurança alimentar desde o início da pandemia no país. Isso equivale a 59,3% da população, conforme aponta a pesquisa realizada entre os meses de agosto e dezembro de 2020. Além disso, soma-se a inflação com previsões catastróficas, que faz com que os preços de alimentos, carne e tomates subam consideravelmente, deixando cada vez mais pessoas perto da fome, e que por mais que eu leia sobre isso, rezo todos os dias para não sentir. Mas não quero

ser como os amigos de Helena, que

“ao elaborar por muito tempo sobre a fome alheia, confundiram na teoria seu lugar de existência com o nosso lugar de existência”.

⁶⁸Disponível em: <https://refubium.fu-berlin.de/bitstream/handle/fub188/29813/WP>

[%234_final_version.pdf?sequence=2&isAllowed=y](#). Acesso em: out. de 2021.

Você suportaria ficar mais um pouquinho?

Faz muito tempo que estamos suportamos muitas coisas. Tem dias que eu sinto muita dor no estômago, e com isso são exames, médicos e remédios. Mas eles não fazem efeito. E tem dias que, mesmo sem nenhum deles, me sinto como que anestesiada diante de tanta coisa que é preciso processar. O que é esse sentimento de desconforto? É para sentir culpa? Medo?

Nos matam todas um pouco a cada dia. De desesperança, de tiro, de pauladas. Com a boca tapada ou engasgada com um líquido gosmento. Para nenhuma dessas mortes, existe o tempo do luto. Nem o enterro digno. Silêncio. Um vazio assustador entre o fato e a revolta.

O conselho mais razoável, por motivos diferentes continua sendo “não conte para ninguém”. Asfixiada entre duas ordens. Morra, sua puta, como se diz por aí. Então, a palavra é evitada. Por causa de tudo o que ela encoberta. Tanto no campo das agredidas, quanto dos agressores, contorna-se o termo. É um silêncio cruzado.

(Virginie Despentes, 2016, p. 33)

Nos fodem todas. O Estado opressor é o macho estuprador⁶⁹. É ele o responsável por armar quem nos golpeia. A performance militante “*Un violador en tu caminha*”, do coletivo chileno “*Las Tesis*”⁷⁰, que foram repercutidas mundialmente, denunciam nosso principal agressor: O Estado. Sobre isso, é preciso dizer que, durante o governo de Jair Bolsonaro, a licença para o uso de armas cresceu cinco vezes, isso significa que o número de pessoas com certificado de registro de armas de fogo cresceu 474% nesse período.

Um relatório publicado pelo Fórum Brasileiro de segurança pública⁷¹, apontou que em 2021, uma em cada quatro mulheres com mais de 16 anos sofreu algum tipo de violência doméstica no país. Além disso, o número de feminicídios foi 0,7% maior que do ano anterior, 2020. As chamadas para o 190, denunciando violência sofrida por mulheres subiu 16,3%. Os dados coincidem com a pandemia

⁶⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50711095>. Acesso em: out. de 2021.

⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aB7r6hdo3W4>. Acesso em: out. de 2021.

⁷¹ Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/atlas-violencia-2021-v7.pdf>. Acesso em: out. de 2021.

de COVID-19, e que, os números já haviam sido aumentados durante o primeiro ano de governo do atual presidente.

Totalmente contrário aos dados publicados pelo Fórum, o discurso⁷² da primeira-dama durante a convenção do Partido Liberal (PL), atual partido do marido. Michelle tenta convencer os eleitores e, principalmente as eleitoras do presidente de que ele é preocupado com mulheres. No seu discurso inflamado defendendo a honra de Jair Bolsonaro, como *“homem de coração puro, limpo, capacitado por Deus, e que gosta de mulheres”*.

Ele representa o que há de mais misógino, retrógrado e nojento para uma mulher. Ele me dá náuseas. Suas falas me dão enjoo e raiva. Eu penso como pode uma mulher não se sentir violada por este homem? Por tudo que ele representa? Outros homens o apoiarem, não me admira. Apesar de um esforço de compreensão da ignorância alheia, é doloroso ver mulheres que não sintam perturbação insuportável.

Mas o homem que chamou a própria filha de “fraquejada”⁷³, em novembro de 2003, disse a deputada Maria do Rosário que

*“Jamais iria estuprar você, porque você não merece”*⁷⁴. Onze anos depois, em 2014, ele repetiu a violência havia cometido contra a deputada e voltou a dizer, na tribuna *do “Fica aí, Maria do Rosário, fica. Há poucos dias, tu me chamou de estuprador, no Salão Verde, e eu falei que não ia estuprar você porque você não merece. Fica aqui pra ouvir”*, disse. O ataque aconteceu depois da fala da deputada para comemorar o Dia Internacional dos Direitos Humanos e tratar da entrega do relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV).

Não satisfeito, voltou a repetir a fala em entrevista ao jornal zero hora⁷⁵ ao qual afirmou que, *“Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece.”* Quando ele afirma isso, ele legitima que as mulheres podem ser estupradas.

Por algum motivo, ou circunstância, homens podem nos violar. E há quem nos diga que não existe uma cultura do estupro, os mesmos que dizem que há um espectro que nos ameaça, e não é da violência.

⁷²Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/07/24/convencao-do-pl-de-lancamento-da-candidatura-de-bolsonaro-no-maracanazinho.ghtml>. Acesso em: out. de 2021.

⁷³Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2017/4/5/bolsonaro-eu-tenho-filhos-foram-homens-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-veio-uma-mulher-19902.html>. Acesso em: out. de 2021.

⁷⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvIjc>. Acesso em: out. de 2021.

⁷⁵Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-diz-que-nao-teme-processos-e-faz-nova-ofensa-nao-merece-ser-estuprada-porque-e-muito-feia-cjkf8rj3x00cc01pi3kz6nu2e.html>. Acesso em: out. de 2021.

Está na nossa cultura, desde a Bíblia e da história de José no Egito, a palavra de uma mulher que acusa um homem de estupro, é, antes de tudo, uma palavra da qual duvidamos. Por fim, acabei por admitir: estupros acontecem o tempo todo. Eis aqui um ato aglutinador, que, conecta todas as classes sociais, idade, corpos e personalidades.

(Virginie Despentes, 2016, p.29.)

Assim, como simbolicamente, em 2016, fizeram com a presidenta Dilma Rousseff, simbolicamente violada⁷⁶.

O que há é uma foto da presidenta eleita Dilma Rousseff impressa em formato de adesivo, para colar na boca do tanque dos carros, em fotomontagem em que ela aparece levantando a saia, com as pernas abertas, para que seja simbolicamente violada por uma bomba de gasolina. Dá para comprar na internet, inclusive (...) O que há são inúmeros memes em que a presidenta eleita Dilma Rousseff é ameaçada de estupro e assassinato, é aconselhada a transar mais, e é xingada de “quenga”, “sapatão”, “mentirosa”, “cão chupando manga”, “filha Dilma puta”, “dragão” e sobretudo de “bruxa”.⁷⁷.

Em 2018, Mariana Ferrer disse ter sido drogada e estuprada em uma casa noturna. Em 2020, ela foi humilhada durante a audiência do caso.

Porque em um estupro você sempre precisa provar que não estava de acordo. A culpa está submetida a uma atração moral não enunciada eu faz com que a balança sempre

pese mais do lado de quem foi fodida do que de quem fodeu.

(Virginie Despentes, p.37, 2016).

O advogado do réu, que foi absolvido, mostra fotos de Mariana e as classifica como “ginecológicas”; seu choro, como “dissimulado, falso”; suas “lagrimas de crocodilo”. O advogado afirma “que não deseja ter uma filha ou que seu filho se relacione com alguém do ‘nível’ da vítima e que o ‘ganha-pão’ da vítima é a ‘desgraça dos outros’”⁷⁸.

**a sentença
duas releituras de duas odes de Ricardo
Reis**

I

**pesa o decreto atroz, o fim certo. pesa a
sentença igual do juiz iníquo.**

**pesa como bigorna em minhas costas: um
homem foi hoje absolvido.**

**se a justiça é cega, só o xampu é neutro:
quão pouca diferença na inocência
do homem e das hienas. deixem-me em paz!
antes encham-me de vinho**

**a taça, qu'inda que bem ruim me deixe
ébria, console-me a alcoólica amnésia
e olvide o que de fato é tal sentença:
a mulher é a culpada.**

II

⁷⁶Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/adesivo-com-imagem-de-dilma-de-pernas-abertas-e-vendido-no-mercado-livre>. Acesso em: out. de 2021.

⁷⁷ Adelaide Ivanova. Fruto estranho. Festa Literária de Paraty – RJ, 2017. Disponível em:

<http://www.dobrasvisuais.com.br/2017/11/fruto-estranho-adelaide-ivanova/>. Acesso em: out. de 2021.

⁷⁸Disponível em: <https://theintercept.com/2020/11/03/influence-r-mariana-ferrer-estupro-culposo/>. Acesso em: out. de 2021.

**pese do fiel juiz igual sentença
em cada pobre homem, que não há motivo
para tanto. não fiz mal nenhum à mulher e
foi grande meu espanto**

**quando ela se ofendeu. exagerada, agora
reclama, fez denúncia e drama, mas na hora
nem se mexeu. culpa é dela: encheu à brava
a garbosa cara.**

**se a justiça é cega, só a topeira é sábia.
celebro abonançado o evidente indulto
pois sou apenas homem, não um monstro!
leixai
à mulher o trauma.**

(Adelaide Ivanova, p.37, 2017)

No mesmo ano de 2020, no caso da criança do Espírito Santo, que precisou ser levada ao Recife para realizar o procedimento do aborto. A criança era estuprada há 4 anos por seu tio. Em frente ao hospital, dezenas de fanáticos que se denominam “provida”, tentaram linchar o médico, e chamaram a criança de “assassina”, “criminoso”, “abortista”. Seu nome foi vazado nas redes sociais, assim como o endereço da casa de sua família.

Neste ano de 2022, uma juíza do Estado de Santa Catarina interpela uma criança de 11 anos, vítima de um estupro. Ela foi retirada da família, levada sob custódia do Estado para um abrigo com a justificativa de “*permanecer até verificar-se que não se encontra mais em situação de risco [de violência sexual] e possa retornar para a família natural*”. A mãe e a menina

ao afirmarem que não gostariam de manter a gestação, sofrem uma série de violências. A juíza interpela a criança em uma audiência e questiona: “-

“Você suportaria ficar mais um pouquinho?”

e complementa: “*A gente mantinha mais uma ou duas semanas apenas a tua barriga, porque, para ele ter a chance de sobreviver mais, ele precisa tomar os medicamentos para o pulmão se formar completamente*”.

A violência segue quando a juíza chama o estuprador de pai. Não tem pai. É de dar ânsia de vômito.

- Você acha que o pai do bebê concordaria pra entrega para adoção? -

Não sei - diz a menina, em voz baixa. Como ela tem coragem de chamar o estuprador de pai? Não sei.

Apesar das imagens da audiência permanecerem sobre sigilo judicial, uma fonte anônima as enviou para um site jornalístico. Elas estão disponíveis na internet. Está disponível também todas as agressões do atual presidente contra Maria do Rosário e, também contra Vera Magalhães, jornalista da TV Cultura.

Durante o debate dos presidenciais, no dia 28 de agosto, o candidato e atual presidente, ao ser citado para fazer um comentário, a uma pergunta sobre o plano de imunização e vacinação no Brasil,

dirigida ao seu concorrente Ciro Gomes, Bolsonaro dispara: *“Você eu acho que dorme pensando em mim. Você tem alguma paixão por mim”*.

O estupro é um programa político preciso: esqueleto do capitalismo, é a representação crua e direta do exercício do poder, designa um dominador e organiza as leis do jogo para que possa exercer seu poder sem restrições.

Roubar, arrancar, extorquir, impor, se assegurar de que sua vontade se exerça sem entraves e de possa gozar de sua brutalidade sem que a outra parte manifeste resistência. O gozo da anulação do outro e da sua palavra, da sua vontade, da sua integridade. O estupro é a guerra civil, a organização política através da qual um sexo declara ao outro: eu tenho todos os direitos sobre você e te forço a se sentir inferior, culpada e degradada.

(Virginie Despentes, p.42, 2016)

Também está disponível o vídeo em que um estuprador, na posição de médico anestesista, é flagrado pela equipe de enfermeiras, estuprando uma mulher que está dando à luz em uma mesa de cesariana, na frente de seus colegas⁷⁹.

Já era o terceiro parto realizado neste dia do qual o anestesista participava. As enfermeiras, desconfiadas das atitudes do homem posicionam o celular em um armário, escondido. O que acontece durante o parto de cesariana, é que ele seda a paciente mais do que o necessário e a estupra. Nas cenas, é possível ver o homem, sem nenhum constrangimento, medo ou vergonha de ser pego no ato. Ele se masturba, ajeita a cabeça da mulher, tira o

pênis para fora da calça e enfia na boca da vítima. Ele a violenta por longos 10 minutos. Após o ato, ele limpa o rosto da mulher. Mesmo que ele queira limpar os vestígios, duvido muito que tenha achado que seria pego.

A vítima, é informada pela delegada do caso e seu marido. Ela narra que *“estava acordando sem entender como eu dormi. Eu percebi que tinha algo na minha boca. Alguma coisa, assim... um líquido meio gosmento, meio... Isso aí não é vômito, porque não tem gosto de vômito. Eu tentava cuspir, mas não consegui”*, disse ela.

Hoje é dia 7 de setembro, e eu estou reescrevendo este texto. Paro e leio novamente as notícias, porque às vezes parece ser inacreditável o que estou escrevendo. É insuportável. Fiz uma pausa para do descanso e olho para a televisão. Hoje estão comemorando os 200 anos da independência do Brasil. Enquanto eu escrevo sobre esse amontoado de absurdo que entala na garganta como aquele líquido gosmento, o presidente da república proclama um discurso, cheio de moralismo cínico. Enquanto exalta as características da família conservadora e aconselha homens a buscarem “princesas”, beija a primeira-dama,

⁷⁹Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/video->

[mostra-momento-em-que-medico-anestesista-estupra-gravida-no-rj](#). Acesso em: out. de 2021.

agradece a Deus e entoa um coro:
Imbrochável! Imbrochável⁸⁰!

O presidente, em rede nacional exala misoginia, o machismo, em sua fala egocêntrica sobre o seu pau “imbrochável”. É a tentativa desesperada do macho de não ser castrado. O presidente representa todos os homens que estão nas histórias escritas aqui. É como se o pau dele, e de tantos outros, também atravessasse minha boca. E, depois disso se você não sentir enjoo, medo, nojo ou revolta, desconfio que tenha perdido toda a humanidade. Talvez *“você suportaria mais um pouquinho”*

⁸⁰ Disponível em:
<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsona>

[ro-puxa-coro-de-imbrochavel-em-discurso-no-dia-da-independencia/](https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsona-ro-puxa-coro-de-imbrochavel-em-discurso-no-dia-da-independencia/). Acesso em ago. de 2023.

*Para Gillan*⁸¹

Depois de um dia inteiro de trabalho o que a gente quer é chegar em casa, beber uma água e respirar fundo. A esperança de que o sono chegue em breve, nos faça desligar de todas as coisas cansativas das quais precisamos passar longas horas conectadas durante a jornada de trabalho. Foi assim, em uma quinta-feira de março que encerrei mais um dia. Era mais ou menos 21 horas de 50 minutos quando subi no ônibus para o voltar para minha residência. Mas a gente nunca sabe o que nos espera em uma quinta-feira. Assim como a gente também não acredita que, todas as coisas que assistimos na televisão, lemos em jornais ou postagens de internet, podem assombrar os nossos dias e fazer parte da nossa história.

Na quinta-feira, dia 09 de março, tu fosses morta. Te arrancaram de nós, assim como quem arranca uma flor que brota no meio das pedras das ruas, essas que não reparamos mais. Tanto faz se tem flor

ou vida, o problema é que estamos perdendo a capacidade de relacionar uma coisa com outra.

A morte pode ser traduzida também como esquecimento (Niara de Oliveira; Vanessa Rodrigues, 2021). Quem vai lembrar de nós? Quem vai lembrar como te mataram? Como vão contar a tua morte? A verdade é que quando matam uma mulher, ela segue sendo morta enquanto houver memória, afinal ‘alguma coisa ela fez’ ou ‘pediu para acontecer’. Por que contigo seria diferente? E pensar que poderia ser eu, ou nós⁸² e foi tu, minha amiga.

No ano de 2017 quando eu ingressei como professora da rede estadual na cidade de Pelotas, te conheci. Uma mulher aparentemente conservadora. Acontece que, a convivência com outras mulheres muda a gente. E nós vimos tua mudança. Vimos teu crescimento, tua defesa do mestrado. Nossa amizade foi alimentada de risadas, confissões, mas todas as pessoas têm seus segredos. Tu tinhas os teus, assim como eu tenho os meus. E no fundo, nem tão fundo, a gente sabia que os teus poderiam ser fatais, e foram.

Escondesse tuas dores, violência, tristezas como quem fosse poupar tua vida. Nenhum agressor nos poupa a vida. Mas sabemos que

⁸¹ Este texto foi escrito depois do assassinato da professora Gillan Garcia no dia 09 de março de 2023. Gillan era minha amiga e colega de escola durante os anos em que fui professora na rede estadual do governo do estado do Rio Grande do Sul. Notícia disponível em:

<https://agenciagbc.com/2023/03/10/professora-e-morta-a-tiros-pelo-marido/>. Acesso em ago. de 2023.

⁸² Neste texto, intitulado “Para Gillan”, a terceira pessoa do plural, refere-se a mim, e outras duas amigas com as quais compartilhamos a amizade, e a tristeza do teu assassinato.

“mostrar um inferno não significa dizer-nos algo sobre como retirar as pessoas do inferno”

(Adelaide Ivanova, 2017, sp.).

Por mais que nós estivessem contigo e por mais que pudéssemos te alertar, não foi possível te tirar do inferno. A questão é que, quando eu li a notícia do teu assassinato, eu não duvidei que fosse verdade, e isso doeu e dói.

“Há sangue no grito rasgado, há sangue dos tiros que deram contra ela”⁸³

(Monique Martins ‘Amora’, 2018, sp.)

Por mais que no Brasil se matem em média quatro mulheres por hora⁸⁴, a gente nunca espera que seja alguém tão próximo, ou a gente mesma. No caso de feminicídio, 81,7% das vítimas, tinham vínculo com seu assassino, sendo eles seus parceiros ou ex-parceiros, e 65% morreram em suas casas⁸⁵. Essa violência define novas as “formas de guerra” (Rita Laura Segato, 2014), que tem como alvo o corpo das mulheres.⁸⁶ O corpo das mulheres está em jogo e como Silvia Federici (2017) fala, existe uma guerra permanente em que o

ponto comum é a desvalorização da vida das mulheres. Contigo, minha amiga, não foi diferente.

Também não foi diferente o tratamento que te deram depois do teu assassinato. Não bastou tua morte violenta, por tiros desse homem, esse que nunca vi, vimos. Desse que tínhamos horror mesmo sem ver. Não bastou ele ser covarde e te matar pelas costas, no outro dia, tive, tivemos que ler que o motivo pelo qual ele te tirou a vida foi “a tua conduta como mulher uma vez que, supostamente terias o traído”. como se fosse justificativa.

Nos casos de feminicídio, muitas matérias sugeriam que as mulheres teriam alguma responsabilidade pela própria morte com a justificativa usual, e sem questionamento, de que eram crimes passionais — por ciúme ou pela não aceitação do fim do relacionamento.

(Niara de Oliveira; Vanessa Rodrigues, 2021, p.35)

–Assim, seguem circulando as histórias de mortes matadas contadas feito histórias de morte morrida (Niara de Oliveira; Vanessa Rodrigues, 2021) das mulheres vítimas de violência.

Mais do que relatar um fato, a escrita e a linguagem para contar esses crimes, perpetuam “a ideia de que homens matam por ciúme — ou de que, por amarem demais, se descontrolam” é tão “brutal é o

⁸³Disponível em: <https://slamdigital.com.br/poesia/o-sangue-nosso-de-cada-dia/>. Acesso em ago. 2023.

⁸⁴ Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf?v=v2>. Acesso em ago.2023.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Existe uma tendência de atribuir uma ideia de patologia à violência machista. É nesse sentido que existe uma reconceitualização da violência, afastando as noções como de “epidemia” ou “surto” para se referir à violência (Verónica Gago, 2020, p.80-81).

assassinato de mulheres, com inúmeras facadas, tiros, pauladas” (Niara de Oliveira; Vanessa Rodrigues, 2021, p. 44). A escrita e a linguagem – masculinas – das notícias, tentam defender a honra dos supostos agressores, que alegam estarem defendendo sua honra⁸⁷, matando, mais uma vez, a mulher que já foi morta, justificando o comportamento do ‘acusado’. Depois do dia que te mataram,

(Adelaide Ivanova, 2017, sp.).

**“eu perdi o controle não
consegui mais almoçar e sei que
não vou conseguir dormir, mas
de que adianta minha insônia e
meu jejum”**

– e esse texto – *“a compreensão dele não salvaria a vida da mulher”* (Adelaide Ivanova, 2017, sp.). Mas ninguém “doma uma língua selvagem” (Gloria Anzaldúa, 2009, p. 305), e nossos silêncios não nos protegem (Audre Lorde, 2019). E Gillan, nós te plantamos um jardim, mas sabe que textos – e jardins –

“tal qual leis não mudam nada sobre isso já foi legislado e dito em todas as línguas, também em português”, mas

**“de que adiantaria meu
silêncio? de quem estaria meu
silêncio a serviço?”**

⁸⁷Em março de 2021, o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, por unanimidade, que a tese da “legítima defesa da honra” contraria os princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana e da proteção à vida e da igualdade de gênero. Por isso, ela não pode ser usada em nenhuma fase do processo penal

nem durante o julgamento perante o Tribunal do Júri, sob pena de nulidade. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=503655&ori=1>. Acesso em ago. 2023.



A greve da minha mãe

Se eu tenho uma memória que marca quem é minha mãe, é sua reivindicação de greve. Toda vez que algo não é feito como ela gosta ou como ela deseja, se ela está cansada, ou alguém suja algo que ela acabou de limpar – em especial a louça e o chão – ela anuncia a greve por vir.

Boa parte desse texto foi escrito por ela nunca ter feito a sua greve. Enquanto eu ainda estava professora na Secretaria do Estado, com 60, 30 ou 40 horas de aulas por semana, além do doutorado, era pelo trabalho que ela sempre fez e que nunca deixou de fazer, que eu realizava o meu. No Brasil, em 2019, a greve de mulheres foi realizada perto de completar um ano do assassinato de Marielle Franco, que denunciava:

Choque de Ordem, ocupação das favelas, criminalização do modo de vida e à cultura popular são as marcas características do poder público para as regiões ocupadas. O que amplia a desigualdade territorial, expulsando os 120 pobres para áreas distantes do Centro, através da remoção forçada de

várias favelas. As manifestações que eclodiram em 2013, já citadas anteriormente, são expressões de revolta diante da retirada de direitos na “cidade-empresa”. A rua voltou a ser protagonista de mudanças. Os levantes de junho, seguidos pelas greves dos profissionais da educação, correios, bancários, petroleiros, entre outras mobilizações, provaram que a conquista de direitos é impulsionada pela resistência popular

(Marielle Franco, 2014, p.119-120).

Essa greve, acompanhando o movimento latino-americano, foi as ruas pelo direito ao aborto, mas também conta a PEC 6/2019, apresentada pelo então presidente Jair Bolsonaro. A PEC era o texto da reforma da previdência que atacava toda a classe trabalhadora, mas especialmente o direito das mulheres. Desde essa greve, e até hoje, Marielle Franco, que denunciava a violência nas comunidades do Rio de Janeiro, é lembrada e não podemos esquecer de fazer a pergunta:

Quem mandou matar Marielle?⁸⁸

Esse texto é o reconhecimento ao trabalho da minha mãe, uma vez que, ela lavou minhas roupas e fez meu almoço, além de me levar pipoca quente enquanto eu assistia aulas remotas ou trabalhava em milhões de exigências do estado de pandemia – parece que, tudo precisa ser instantâneo. Imediato. Como se tivéssemos a capacidade da onipresença. Nem

⁸⁸ Durante a revisão desse texto, o caso do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes teve atualizações com o depoimento do ex-policial militar Élcio Queiroz, afirmando que o sargento reformado Ronnie Lessa foi o autor dos disparos que mataram a vereadora e seu

motorista. Élcio também relatou a participação de um ex-bombeiro, Maxwell Simões Corrêa, conhecido como Suel. Com esse depoimento, os próximos passos da investigação é apurar quem foram os mandantes do crime.

mentionei o trabalho anterior, até eu chegar aos meus quase 40 anos de vida. Ainda tinham meus irmãos, meu pai, minha bisavó – avó da minha mãe – e o tio dela, irmão do meu avô, pai da minha mãe. Todos cuidados pela mãe.

Quando do casamento de meus pais, minha bisavó estava morando sozinha, e ela já era velha, bem velha. Lembro dela a partir dos seus 70 anos, eu acho. Meu pai e minha mãe, foram os que aceitaram cuidá-la, e depois do casamento foram para a casa dela – onde mora minha mãe até hoje. Quando minha bisavó se acidentou, para evitar que seu filho, o tio da minha mãe fosse atropelado por uma bicicleta, foi minha mãe que passou anos cuidando dela e do seu tio. Minha bisavó, quebrou o fêmur nesse acidente, e nunca mais pode andar. Segundo os médicos, era muito idosa para a recuperação. Minha mãe assumiu toda a responsabilidade com a saúde dela. Ainda, minha bisavó tinha um filho, que sofria de doença mental, acho que esquizofrenia. Minha mãe, assumiu os cuidados dele. Basicamente, ela se responsabilizou por todos que na minha família foram envelhecendo e “davam trabalho”⁸⁹. Minha bisavó, analfabeta, não sabia nem assinar

seu nome, o qual ela odiava: “*minhas irmãs, Beatriz, Manuela e Isabel, e eu: Osmidia!*”.

Minha bisavó não escrevia, mas contava, narrava suas histórias, e assim, fui aprendendo sobre essa mulher, que tentei ensinar a assinar o nome. Minha mãe, que estudou até o que se chamava de sétima série do ensino fundamental, não tinha o hábito de escrever. Não sei se também fala tudo que sente. Foi depois da morte do meu pai que, notei que ela começa a escrever penas anotações. Eram feitas em cadernos que não utilizamos na escola, agendas antigas. Os pequenos fragmentos que li, eram sobre coisas que ela assistia ou lia. Às vezes – muitas vezes – orações, que ela compartilhava com outras mulheres do seu grupo da igreja. Minha mãe, depois da morte do meu pai, percorreu diversos espaços religiosos, até que encontrou um grupo, no qual se sentiu acolhida e fez novos amigos, com os quais hoje, ela interage, inclusive por aplicativo de mensagens.

Meu pai tem uma enorme influência em quem eu me tornei. Na nossa casa, era quem trabalhava fora, fazia as compras, a comida, e como ele mesmo dizia gostava de trabalhar as suas seis horas por dia para se manter perto dos seus quatro filhos. Meu

⁸⁹ Sobre o cuidado, Flávia Biroli no livro *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil* (2018) dedica uma discussão acerca da questão do cuidado de crianças e idosos. Aponta para a dimensão das desigualdades de gênero, classe e raça de quem cuida, uma vez que o cuidado é um problema cotidiano das pessoas que não está

incluso como um problema político dentro dos debates sobre democracia. A ampliação da responsabilidade do social pelo cuidado, deveria ser construída em um processo democrático, de uma maneira que ao longo da vida encontrássemos alternativas de termos nossas demandas atendidas adequadamente.

pai, era funcionário público municipal, e apesar da remuneração deixar nosso orçamento apertado, sempre esteve presente. Minha mãe e ele, eram muito amigos, e não sei se não romantizo essa relação, mas o fato é que, nunca minha mãe passou por violência nas mãos dele. Diferente da maioria das mulheres no Brasil, em que uma é vítima de violência a cada quatro horas⁹⁰.

O trabalho - invisível - da minha mãe, que às vezes a deixei de fora, foi - e é - fundamental. Estudar tanto sobre esse assunto, fez eu reconhecer o trabalho da minha mãe. Ela, que sempre reivindicou sua greve e nunca de fato fez, não sabe que outras tantas mulheres pensam como ela:

**“se eu parar de trabalhar,
quero ver como vocês vão se
virar”**

- e não devem ou não podem fazer sua greve. A verdade é que até chegar a nossa vez de reproduzir a nossa vida no ambiente doméstico, talvez a gente não pense na casa como local de trabalho - mas isso pode ser suposição minha. Até que, um dia, você percebe o quanto de horas se gasta para cozinhar ou deixar o lugar minimamente limpo. Chega o final do dia, e

estamos exaustas, pois além de ter a demanda da casa, ainda, muitas de nós precisamos dar conta das 8 horas - ou mais - das jornadas de trabalho assalariado.

Também quando contratamos alguém, geralmente outra mulher para realizar o trabalho doméstico, não estamos pensando em quem são elas. Só queremos nos livrar das tarefas para ter “tempo livre”. Cabe dizer que minha mãe, assim como eu, é uma mulher branca. Admitir ser branca é admitir que privilégios nos foram historicamente concedidos. Não ouvir, sistematicamente, ser a doméstica, merendeira, servente (Lélia Gonzalez, 2020). Nos anos 70, houve um movimento pela remuneração das tarefas domésticas. A ideia de que donas de casa produzem mercadorias tão importantes quanto os homens - os trabalhadores (Selma James; Mariarosa Dalla Costa, 1975). Mas é importante considerar que mulheres de minorias étnicas estão sendo remuneradas por este trabalho há muitos anos, e acrescentando o fator racismo, muitas mulheres negras tiveram (e tem) de cumprir as tarefas de sua casa e ainda, na casa de mulheres brancas que, porventura pagam pelo trabalho doméstico⁹¹.

⁹⁰ Dados disponíveis em:
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf> Acesso em ago. de 2023.

⁹¹ Em 2021, no Brasil, 31 casos de resgate de pessoas em situação de trabalho doméstico análogo a escravidão. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/nos/crescem-resgates-de-trabalho-escravo-domestico-no-brasil,d266591e1eefa5d27bc1d92944104c7bc05dhq8l.html>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

Angela Davis (2016) questiona se o salário doméstico libertaria mulheres da opressão, uma vez que as tarefas domésticas deveriam ser socializadas, caminhando para a abolição do capitalismo e assim, a libertação. O feminismo⁹², como diz Angela Davis (2018) deve desenvolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, capacitismo, a mais gêneros que possamos imaginar e sexualidades que possamos nomear. Ele deve reconhecer conexões entre discursos, identidades e ideologias, as quais se tende a examinar separadamente, unindo coisas que parecem separadas e que, algumas vezes, nos fazem cair em armadilhas de discussões teóricas que não avançam em teoria feminista, rumo à prática e a uma política feminista.

Aqui cabe lembrar que *“a libertação da mulher branca tem sido feita às custas da exploração de mulheres negras”* (Lélia Gonzales, 2020, p. 43). Trabalhos terceirizados, mal pagos, sujos, expostos a produtos químicos, ao trabalho braçal e pesado aos quais seus corpos são submetidos. O capitalismo neoliberal cria uma dialética entre corpos burgueses e eficientes, em busca de uma perfeição padronizada e os corpos exaustos das

mulheres que abrem as cidades. Mulheres no mundo todo, ocupam a tarefa de limpá-lo. No contexto de pandemia, a mistura de trabalho e vida evidencia que a reprodução se viabiliza como produção: como se controla e se produz a hora do trabalho estando em casa?⁹³

Minha mãe tem razão, se ela, e outras mulheres convocarem uma greve e pararem o seu trabalho, desmonta tudo, uma vez que,

a reprodução de seres humanos é o fundamento de todo sistema político e econômico, e que a imensa quantidade de trabalho doméstico, remunerado e não remunerado, realizado por mulheres dentro de casa, é o que mantém o mundo em movimento.

(Silvia Federici, 2019, p. 17)

Na Argentina, Cecília Palmeiro, porta voz do Coletivo Ni una a menos, convoca:

“Se o nosso trabalho não vale, produzam sem nós”⁹⁴.

Com esse lema se levantou a greve feminista que aconteceu em 2017, convocando às mulheres a pararem seus trabalhos, inclusive os reprodutivos. Ao parar, as mulheres tornam visível o trabalho historicamente desconhecido e desvalorizado. Trabalhadoras somos todas. A greve também se fortalece em sua

⁹² Cabe lembrar que o feminismo não é um movimento homogêneo, e possui diferentes vertentes as quais nem todas dialogam entre si, aqui me refiro ao feminismo ao qual Angela Davis se associa, e defende.

⁹³ Disponível em: <https://data.unwomen.org/publications/whose->

[time-care-unpaid-care-and-domestic-work-during-covid-19](https://data.unwomen.org/publications/whose-time-care-unpaid-care-and-domestic-work-during-covid-19). Acesso em: fev.de 2021.

⁹⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/10/estilo/1486744741_095547.html. Acesso em: fev.de 2021.

impossibilidade: mulheres que não podem parar, mas desejam fazê-lo, porque querem rebelar-se contra esse esgotamento (Verónica Gago, 2020, p. 276).

Estamos aqui porque outras caminharam antes e porque outras vão caminhar depois. Penso que não é apenas a revolução das filhas, esta é a revolução também das nossas mães e das nossas avós. O movimento de mulheres nos interpela a construir essa transversalidade

(Anabel Fernández Sagasti, senadora argentina)⁹⁵.

Minha mãe sempre se rebelou contra o esgotamento, mas de fato nunca fez a sua greve, no máximo, uma paralização. Não fazia o trabalho na hora esperada e ia ver televisão. Minha mãe, nunca se achou no direito de parar efetivamente, já que como ela mesma refletia, precisaria alguém para fazer, e como ela queria. Acho que minha mãe nunca fará a sua greve.

⁹⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/dez-frases->

[que-marcaram-legalizacao-do-aborto-na-argentina-24817127](https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/dez-frases-que-marcaram-legalizacao-do-aborto-na-argentina-24817127). Acesso em: fev.de 2021.

Sobre quem eu sou e como aprendi a esperar

Terça-feira dia 27 da quarentena. Acordo engasgada, com um sentimento de coisa por dizer e que não digo para manter os ânimos. Péssima mania a de tentar compreender sempre o lugar do outro. Penso em todas as palavras que não saem da boca, e nem dos dedos, e de todas as respirações profundas para manter o respeito, a civilidade e acreditar que foi só um dia ruim e que depois de tudo uma mágica consciência será manifestada e terei a oportunidade de ler: desculpa, me excedi.

Triste ilusão. A pecha de feminista me foi dada muito cedo, está tão impregnada na minha vida, no meu discurso e, inclusive no meu corpo, sobre como não podemos aceitar determinadas coisas e em como teoricamente podemos mudar o mundo, já que sim, no meu ponto de vista quem vai fazer uma revolução são as mulheres. Não porque vamos chegar aos cargos altos de empresas e disputar com os homens. Não porque vou brigar pela roupa que eu uso ou pelo direito de estar onde eu quiser.

Tem gente que pensa que é fácil manter um discurso alinhado com a prática, essa é minha maior tentativa, pois apesar da contradição que move o humano, alinhar as coisas e acomodar o coração não é assim tão simples. Ora, por este motivo, escrevo pensando sobre o conceito de amor, já que, frequentemente ao dizer que amo, sou apontada como má feminista, que fico disposta para um homem que me oferece pouco e o qual eu digo que amo.

Para mim nunca foi sobre ter uma guerra. Essa disputa é para uso político do capital e do patriarcado. Por sorte, li bell hooks (2017) que nos lembra que ensinar a transgredir é uma mudança de valores. A revolução começa na vida cotidiana. Ciente de que vivemos em uma cultura de dominação, quais valores e hábitos refletem o meu compromisso com a liberdade?

“Transformar a raiva interiorizada em uma energia construtiva e autoafirmativa que possamos usar de modo eficaz para resistir à dominação”

(bell hooks, 2017. P. 147).

Compreendo que homens seguem presos em padrões dominantes, e que, por condição de gênero e classe, demoram a se dar conta das correntes que os prendem. Desde muito cedo, minha principal referência masculina foi meu pai, e

procuro na minha memória, qualquer apontamento da estrutura que eu vejo hoje na minha educação como mulher. Ou eu criei uma ficção, ou tive muita sorte, e aposto na segunda opção. Sempre fui dada aos afetos, e tive muito afeto do meu pai, que perdeu o dele muito cedo. Foi criado apenas pela minha avó, chamada Amélia, que, citada na música – era a mulher de verdade. Apagada, que aceita, que não tem vaidade⁹⁶. O retrato construído de como querem que nós sejamos. Não que querer ser Amélia, não seja possível, desde que não se construa como a imagem do ideal. Por isso a polêmica com a manchete de Marcela Temer, “bela, recatada e do lar”⁹⁷, esposa ideal de um homem branco e mais velho, que se comporta como uma dama, como nos dizem para ser. Vendida escancaradamente como o melhor possível de ser mulher, negando a todas as outras, não brancas, gordas, pobres, feias o lugar de não mulher e de não amável. Desde cedo aprendi que eu podia fazer tudo e que poderia estar em todos os lugares. Quando cheguei na adolescência, aprendi que eu sabia disso, mas nem todos

sabiam ou gostariam ou respeitariam. Meu pai me ensinou que eu não poderia deixar ninguém me tocar sem consentimento e que caso acontecesse eu deveria imediatamente relatar para ele o ocorrido. Na minha casa nenhum corpo era proibido ou feio até que, também na adolescência aprendi que me apontariam e que outras mulheres competiriam comigo estar em determinados lugares ou não.

Nunca pensei que precisaria passar por opressão e desacreditar de mim, já que eu, pedido atendido de meu pai, sempre soube de tudo sem mentiras. Nunca fui proibida de usar qualquer roupa ou de me comportar de determinada forma. Minha irmã, sempre se vestiu “como menino”, tinha cabelo curto e isso nunca foi uma questão colocada a prova sobre quem ela era dentro da minha casa. Eu podia contar tudo para meu pai e minha referência de homem era de cuidado e divisão de tarefas, afeto e de poder abraçar, para mim é difícil não ter carinho e toque com os que amo.

Lembro do meu primo, oprimido pelo meu tio, na minha casa brincava de boneca, era pai delas e nunca foi proibido pelo meu pai

⁹⁶Em uma busca no Google pela palavra “Amélia”, o primeiro resultado é seu significado no dicionário *Oxford Languages*, que define como: substantivo feminino, de cunho informal e pejorativo no qual Amélia é mulher considerada amorosa, passiva e serviçal. A música *Ai que saudades da Amélia*, foi composta por Mário Lago e Ataulfo Alves em 1942, e conta a história do homem que lembra a maneira como era tratado pela personagem da música, exaltando valores patriarcais, machistas e misóginos sobre a mulher. Amélia é a representação do que um homem ou a sociedade machista – colonial – colonialista – patriarcal – capitalista espera do comportamento de mulheres em geral. Submissas, que não se revoltam contra a opressão e que aceitam a

violência. O movimento de mulheres e alguns movimentos feministas, lutam pela libertação desse estereótipo criado socialmente, que tenta enquadrar os corpos e as consciências de mulheres nesse sistema. Digo alguns feminismos pois cabe ressaltar que é um movimento amplo e diverso, que também apresenta contradições e divergências. A respeito disso, ver nota número 88.

⁹⁷Referência a matéria da Revista *veja*, em abril de 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em 26 de agosto de 2022.

- na minha casa o único brinquedo proibido eram as armas, que minha mãe nunca comprou nem de presente para nenhum dos meus primos.

Quando eu fui para o mundo, fui muito bem orientada. Sempre podia fazer o que me desse vontade - só não morre, dizia meu pai, seguido de: - eu confio em ti, meu medo são os outros.

E assim seguia o acordo. Lembro de um baile de carnaval no qual eu fiquei com um menino que era amigo de outro menino que já tinha beijado. Eu, sempre mais lerda para as coisas, achava que baile era coisa de aproveitar dançando, me divertia assim. Mas nesse dia eu beijei. Minha irmã, fez uma cena, e proferiu: - vagabunda! Porque eu beijei os amigos, e nem foi no mesmo dia. Senti vergonha e quando cheguei em casa, como de costume, contei para meu pai, que, deu sua punição: - tu vais no baile amanhã, e tua irmã, vai aprender a te respeitar, sendo assim, ela fica em casa. Minha irmã ficou e eu fui só com minhas amigas. E assim eu soube que ninguém poderia se referir a mim com essa palavra, nem mesmo minha irmã.

A escola, os bailes e as amigas, te ensinam a competir. Não exatamente elas, mas toda a estrutura familiar, escolar, social das quais formam e validam quem serve, como serve e como deve ser. Fora disso, é desajuste e precisa punição. Daí a violência e não é só entre nós mulheres que aprendemos a competir, apesar de ser forte, enraizado e

muito estimulado. Aprendemos a competir com os homens. Mas essa “consciência feminista” é bem recente em mim. Tornar-se feminista e ter consciência disso é um processo no qual começamos a identificar que o que acontece comigo acontece com outras pessoas. E fazemos isso a partir do modo como descrevemos novamente o mundo em que estamos (Sara Ahmed, 2022).

O feminismo, ao lhe dar um lugar aonde ir, permite que você revise os lugares pelos quais já passou. Podemos nos tornar mais conscientes sobre o mundo nesse processo de nos tornar mais conscientes sobre as injustiças - fomos ensinadas a fazer vista grossa para tantas coisas. Um mundo pode nos inundar se o deixarmos entrar, se destrancarmos a porta de nossa resistência.

(Sara Ahmed, 2022, p.57-58).

Uma conscientização feminista denuncia a maneira como o mundo é organizado, estruturado a partir da violência do estado e do capitalismo neoliberal. E, diante de tanta violência e opressão, nós, mulheres não podemos cair nesse discurso. E os homens? Eles estão preocupados em não parecer frágeis e perdedores, como “mulherzinhas”. Mas, a conscientização feminista para os homens é tão importante para o movimento revolucionário, quanto para as mulheres.

“um homem despojado de privilégios masculinos, que aderiu às políticas feministas é um companheiro valioso de luta”

(bell hooks, 2019a, p.31).

Eu via meu pai como esse companheiro.

O feminismo é uma política sábia e amorosa, uma vez que onde há dominação, não há amor (bell hooks, 2019a). Assim como o amor também entrou na lista de breguices que temos que nos desprender na busca de um mundo cheio de possibilidades. Pensando hoje, nesta terça-feira, o que me faz achar que é amor? Como eu amo as pessoas? Como eu sei que é isso e não essas armadilhas de estruturas que nos dominam?

É uma pergunta difícil. Em especial se eu pensar no amor com um parceiro romântico. Posso dizer que, meu primeiro namorado, não foi um amor, foram inúmeras investidas e que cedi e acabei por me acostumar. Depois, percebendo os caminhos que eram diferentes, um do outro, desmanchar este vínculo foi muito complicado e a gente acaba acostumando-se. Eu percebia as diferenças, e nesta época já estava na especialização e em grupos de pesquisa. Me dei conta que, minha própria vida é construída a partir das coisas que leio, escuto, compartilho, e que me acompanham nessa trajetória de formação, e assim, me transformo a partir disso, do meu posicionamento no mundo, de ser, de estar e de mudar.

Obviamente, como o destino das majorias de pessoas que se relacionam e estão em perspectivas diferentes, o fim veio cheio de violência, tortura e um desmanche

enorme de autoestima e confiança. Tudo que aprendi com um homem, meu pai, foi dissolvido e a luta para que eu me olhe e lembre todos os dias no que eu acredito, tem sido constante. Acreditar nos outros, e em especial em outros homens, sempre fica mais complicado. Escutamos deles: - nem todos são iguais, parem de generalizar. Não se dão conta que a estrutura da opressão já é generalizada e que deles exige tanto esforço quanto de nós, mulheres.

Nunca eu quis casar e ter filhos. Sempre sonhei com o mundo. Queria levar outras e outros comigo e por este motivo, escolhi ser professora. É uma tarefa difícil sustentar um discurso que quer a liberdade como prática quando o coração te prende onde não deve.

Mas nem todas as pessoas sabem amar, ou estão preparadas para essa liberdade. Confesso que não estava. Aqueles pensamentos sabotadores da minha potência eram assombrados por diversas cenas repetidas na minha cabeça, mesmo quando eu fechava os olhos e abria em um espelho, olhando para dentro de mim e dizendo: olha quem tu é. Eu sei quem sou e quem quero ser. Custei muito, e ainda me custa, libertar padrões dos quais não acredito, mas que me foram enfiados pelo corpo. Aprender a dizer não, e o não libertador pode ser essa palavra.

Fico pensando o que me faz acreditar que amo quem eu amo. Sempre ouvi que a gente

ama quem a gente admira. Algumas palavras que nos fazem sentir como não ter nenhuma importância, além de satisfazer seus desejos de relaxar o corpo, me pergunto: - o que tu gostas nele? Estou até agora pensando e posso eleger como principal a possibilidade de mudança. Dessa vez, posso ver no amor a possibilidade de caminhar junto e de mudar o mundo. Sinto profundo respeito. Ao mesmo tempo, minha esperança de que amor mude pessoas, e palavras libertas também, são totalmente dissipadas quando o desejo maior é o aparente egoísmo. Penso que para alguns é difícil libertar a palavra, assumir o que sente, ser sensível. Ouvir. Calar. Reconhecer. Não consigo compreender como a sensação de poder possuir é capaz de fazer as pessoas profetizarem palavras só para nível de efeito: sinto saudades, te admiro, nós vamos. Aprendi a aceitar sem questionar quando se trata de vontade.

Eu gostaria de reivindicar o uso das palavras. Que se mudasse o sentido de várias delas, como já fizeram com tantas outras. E, não há amor onde há dominação. Não há amor onde não há cuidado. Mas não desisto do amor, pois amar é um ato político. Acreditar e esperar um pouco as pessoas que foram privadas de amor aprenderem que ele existe, e que o afeto é revolucionário, é lutar pelo mundo que eu acredito, é uma postura frente ao mundo.

QUANTO
VALE SEU
TEMPO?



Para meu pai

Hoje é terça-feira, mais uma desse tempo de isolamento. Dizem que estamos nos conhecendo já que, quem respeita as orientações, segue longe de outras pessoas. Neste caso, longe fisicamente, se criaram outras formas de estar junto, que, nunca foi uma questão de presença. Aprendi isso por ocasião da morte, especialmente a do meu pai. Achei que a primeira pessoa na minha vida que ia partir e me deixar um buraco seria minha bisavó, com seus 90 e poucos anos, mas não, foi meu pai.

Eu tinha 18 anos, entrei na universidade e nem terminei o primeiro semestre e no meio de uma greve, em 2003, ele se foi, assim, bem rápido mesmo, como esta frase. Sempre fomos muito amigos, e ele sempre contou como desejava uma filha mulher para chamar de Livian, e eu, já ousei não gostar do meu nome pelo fato das pessoas não acertarem ele, que disparate. Me disse certa vez, perto da ocasião de sua morte, como quem quisesse deixar claro que iria partir que – eu era o pedido atendido. Que delicadeza, eu fui desejada e é tão bonito quando isso acontece. Talvez meu pai,

assim como minha mãe, apenas estivessem a cumprir o protocolo da sociedade “normal” dos matrimônios: ter filhos. No meu caso, não sei, eu fui o pedido atendido e fico feliz de ter sido realizada.

Meus pais se casaram nos anos 80, exatamente, e eu cheguei cinco anos depois. Conta minha mãe que sempre fui muito dengosa, só dormia mamando e depois desta fase meu pai sempre me fazia as melhores comidas, depois de sua morte. Convivi mais tempo com ele do que meus irmãos, creio que isso me trouxe características de personalidade: ninguém pode comer iogurte que está na geladeira se não tiver para todos as pessoas da casa. Aprendi sempre a dividir e me incomodo com egoísmo. Esta parece uma qualidade, de não ser egoísta, mas eu sei o quanto as vezes me machuca, por mais que compreenda que sou única, saber que geralmente as pessoas não aprendem a compartilhar me deixa incomodada. Também foi essa característica que fez meu avô me chamar de comunista, aos 9 anos de idade, já que tudo que eu ganhava era repartido entre todos que estavam perto. Mais um adjetivo, que ironia.

Dividir, a meu ver, deveria ser uma premissa básica da vida, assim, como ela mesma, a vida, que não deveria ser tirada de ninguém tão rápido. Muito menos na frente dos filhos. Lembro do olho do meu pai em desespero, fixo no meu, sufocado sem poder falar – creio que ele já sentia o

desfecho. Já me doeu mais essa imagem, por sorte, nunca nada ficou por dizer, e não sinto por ter deixado de falar. Esse foi um ótimo aprendizado, a máxima de dizer o que sente pelo outro evita comprometimentos.

Não são todas as pessoas que conseguem, mas eu aprendi. E como é bom dizer pelo simples fato de tirar do coração e saber que pode mudar um dia ou muitos de outra pessoa, mas também aprendi que fundamental é mudar o meu. Faz tempo que penso no meu pai, aliás, nunca esqueci, creio que é a saudade mais legítima que tenho no corpo, já que tatuei em mim a lembrança da vida dele.

Faz umas semanas, nesses dias de doutorado, que trocando textos e escritas para revistas, minha colega enviou o seu. Na fala durante mais uma aula dessas pela tela, sem café, sem toque e abraço de acolhida, ela disse que enviaria por e-mail a carta que escreveu para seu pai. Lembro que na hora disse: - acho que não consigo ler! Imaginando algo do mesmo tipo que eu tinha com o meu, e que ela também fora um pedido atendido⁹⁸.

Quando o texto chega, abro e me deparo com o título: de filha para desconhecido. O

meu desconforto foi tamanho, tanto quando a minha vergonha em ignorar que ter um pai nesse país é quase que uma raridade. Não que não se tenha os pais, mas eles, esses homens, se isentam de qualquer relação, inclusive com seus filhos e filhas e isso lhes é permitido sem nenhuma recriminação, e até com justificativas: - ele não estava preparado. - Ele é muito jovem, tem a vida pela frente. Às mulheres, isso não é permitido, nem às filhas e aos filhos, e me sinto estranha por vezes em ter essa referência masculina.

Ao mesmo tempo em que me doía saber que ela escrevia para o pai desconhecido, senti um enorme afago de saber que eu fui querida desde antes de existir e que meu nome já seria Livian, que era o desejo de meu pai. Assim, nesse movimento de escrita, utilizo um

gênero híbrido, um novo modo discursivo, que chamo de ‘auto-história’ e ‘auto-história-teoria’. Ao conectar experiências pessoais com realidades sociais, obtenho uma auto-história, e teorizando sobre essa atividade, termino na teoria da auto-história. Esta é uma forma de inventar e produzir conhecimento, significado e identidade por meio de autoinscrições. Ao fazer de certas experiências pessoais o objeto deste estudo, também esfumo as fronteiras entre o público e o privado⁹⁹

(Gloria Anzaldúa, 2018, sp.).

⁹⁸ Pages Camargo, T.; Lino Netto, L.; Coelho Da Silva, D.; Alves Guimarães, I.; Farias Barrios, A.; Rocha Clasen, J.; Veiga Júnior, Álvaro; Accorssi, A. Carta ao meu pai: em direção a uma consciência feminista. **Revista Feminismos**, v. 10, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/45575>. Acesso em: 13 set. 2022.

⁹⁹ No original: *auto-historia*” y “*autohistoria-teoria*”. *Conectando experiencias personales com*

realidades sociales, obtengo auto-historia, y teorizando sobre esta actividad, desemboco en autohistoria-teoria. Esta es una forma de inventar y producir conocimiento, sentido, e identidad a través de auto-inscripciones. Al hacer ciertas experiencias personales el objeto de este estudio, borro también las fronteras entre lo público y lo privado”. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/escribir-para-lidiar-con-la-bestia-sombra/>. Acesso em ago de 2023.

Tese-crônica- crônica - tese.



Por uma imaginação decolonial e feminista – brechas para esperanças pequenas

Até aqui, eu sei, parece difícil idear qualquer esperança, mesmo as pequenas. Mas quero lembrar que

“para mudar ou reinventar a realidade, você envolve a faculdade da sua imaginação¹⁰⁰”

(Gloria Anzaldúa, 2015, p.44).

É fato que a colonialidade também colabora para corromper nossa capacidade de projetar o futuro, e quando fazemos, estamos sempre em risco de cair

nas armadilhas do capitalismo. Esse sistema que pretende infiltrar o subconsciente para colonizar nossos sonhos, e contaminar desejos e projetos pela cultura do capital¹⁰¹. Cria um realismo capitalista¹⁰² (Fischer, 2020), um fatalismo, (Freire, 1987), que podem ser uma forma de recolonização (Silvia Rivera Cusicanqui, 2021).

A questão é que, diante da demanda de trabalho, intensificada com a pandemia, e as demandas da vida, de uma maneira mais geral, como as tarefas domésticas, o tempo de lazer cada vez mais reduzido, assim como nossos orçamentos. *“O fatalismo que perdura nas áreas populares brasileira intocadas ainda pela luta política e que se junta a sua nova versão, o fatalismo neoliberal”*, (Freire, 1987, p.43). Assim, as injustiças sociais seriam uma fatalidade do nosso tempo, e que nenhuma utopia é possível, já que, o futuro – e o presente – é impossível de mudar. A exploração capitalista, acrescida do discurso fatalista é um eficaz instrumento de dominação (Freire, 1987) e de manutenção das colonialidades.¹⁰³ De certa forma, isso

¹⁰⁰ No original: “To change or reinvent reality, you engage the facultad of your imagination”. Anzaldúa, Gloria. *Light in the Dark/Luz en lo Oscuro: Rewriting Identity, Spirituality, Reality*. Durham, Duke University Press Books, 2015.

¹⁰¹ Cultura do capital é entendida aqui como a produção de um mundo baseado nas relações de mercado, em que as ideias de lucro, individualismo são apresentadas como naturais e imutáveis e se

relacionam com as ideias de competitividade, obtenção de vantagens e lucro (Casara, 2021).

¹⁰² O realismo capitalista de Mark Fischer (2020), é como uma atmosfera que penetra e condiciona não apenas a cultura, mas a regulação do trabalho e da educação que age como uma barreira que limita o pensando e a ação. Ele insiste em criar doenças mentais e tratar como se fossem naturais. Se infiltra no inconsciente e coloniza até os sonhos da população.

¹⁰³ Aqui, colonialidades, se referem as dimensões poder, saber, do ser e de gênero (Quijano, 1992, Maldonado-Torres, 2018 e Maria Lugones 2020).

limita nossa consciência do modo que, ao estar sempre cansada, refletir e revolucionar às vezes, se torna uma tarefa secundária, já que as *“pessoas que têm que lutar dia e noite por um pedaço da vida. Pessoas que devem lutar para arrancar algo da realidade para se sustentar”* (EZLN, 2015).

A nossa vida, nesse tempo de ideologia neoliberal, já se torna cheia o bastante para que a gente se ocupe da realidade além da nossa. Essa aniquila os sonhos e o desaparecimento da utopia, acabando com o máximo de esperanças pequenas, e nos tirando as forças para abrir as fendas necessárias para vermos a luz no escuro (Gloria Anzaldúa, 2015). Torna, dessa forma, cada vez mais difícil conectar nossa biografia, com a história, a sociedade, e o mundo (Mills, 1975).

“Acontece que, nas narrativas de mundo onde só o humano age, essa centralidade silencia todas as outras presenças”

(Krenak, 2022, p.21).

E assim, o tempo de luto encurtado, a dinâmica do excesso, de trabalho, de produção e produtividade, vão enchendo nossa consciência com tamanha exaustão rumo ao seu objetivo: não sermos capazes de ter esperanças, uma vez que é mais fácil

imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo (Fischer, 2020).

Pois alternativas existem, mas se elas forem implementadas serão outros afetos que circularão, fortalecendo aqueles que recusam tal lógica fascista, permitindo enfim que eles imaginem outro corpo social e político. Tais alternativas passam pela consolidação da solidariedade genérica, que nos faz nos sentir em um sistema de mútua dependência e apoio, no qual minha vida depende da vida daqueles que sequer fazem parte do “meu grupo”, que estão no “meu lugar”, que tem as “minhas propriedades”. Esta solidariedade que se constrói nos momentos mais dramáticos lembra aos sujeitos que eles participam de um destino comum e devem se sustentar coletivamente.

(Satafle, 2020)¹⁰⁴

Imaginar, no dicionário, se refere a faculdade de representar imagens, de criar a partir da combinação de ideias, é esse significado que foi colonizado para que não sejamos capazes de criar outras possibilidades, uma vez que a realidade está dada. Mas nós não devemos

nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais

(Krenak, 2022, p.20)

Ser desligada da capacidade de imaginar é uma violência características das formas de dominação colonial.

Um dos principais exemplos da violência do racismo consiste na criação de gerações do povo negro que não aprenderam a imaginar o futuro – e que agora não estão de posse da

¹⁰⁴ SATAFLE, Vladimir. Bem-vindo ao Estado suicidário. Texto disponível em:

<https://www.n-1edicoes.org/textos/23>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

educação e da imaginação que lhes permitem visualizar o futuro

(Angela Davis, 2017, p.106).

A imaginação – e a escrita – são ferramentas de emancipação e poder na mão das mulheres, ainda que não se possa generalizar.

Mas seria péssimo se apenas experimentarmos a opressão, e “*não pudéssemos imaginar um mundo diferente, sonhar com ele como projeto e nos entregar a luta por sua construção*” (Freire, 1987, p.60). A minha opção, e que pode ser a nossa, é “*alimentar o pensamento descolonial ao imaginar um mundo no qual muitos mundos podem coexistir*” (Mignolo, 2008, p. 296).

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.

(Carolina Maria de Jesus, 1992, p. 124).

A imaginação como ação capaz de criar e “*descolonizar a realidade consiste em*

desaprender a “realidade” consensual”¹⁰⁵

(Gloria Anzaldúa, 2015, p. 44). É, também aprender a desimaginar, como diz Débora Diniz (2022). Desimaginar o mundo neoliberal, violento e colonizado. Desimaginar é o sopro revolucionário que se contrapõe ao realismo capitalista que não nos apresenta alternativa. A “*imaginação não é procurar no nada uma forma de vida diversa, mas tentar encontrar inspiração, reconhecer e fortalecer o que já existe na busca do bem comum e da vivência democrática*” (Rosana Pinheiro Machado, 2019, p. 117).

Reivindicar a imaginação, é uma forma de encontro. Ao imaginar outros mundos e futuros, eu encontro a mim mesma e os desejos que me movem. Além disso, me prepara para o encontro com as outras pessoas, que, eu possa ter imaginado.

“A imaginação abre o caminho para a mudança pessoal e social — transformação do eu, da consciência, da comunidade, da cultura, da sociedade”¹⁰⁶

(Gloria Anzaldúa, 2015, p. 46).

Retomar a capacidade imaginativa é perceber o que está acontecendo no

¹⁰⁵ No original: “decolonizing reality consists in unlearning the consensual “reality”. Anzaldúa, Gloria. Light in the Dark/Luz en lo Oscuro: Rewriting Identity, Spirituality, Reality. Durham, Duke University Press Books, 2015.

¹⁰⁶ No original: “Imagination paves the way for personal and social change—transformation of self, consciousness, community, culture, society”. Anzaldúa, Gloria. Light in the Dark/Luz en lo Oscuro: Rewriting Identity, Spirituality, Reality. Durham, Duke University Press Books, 2015.

mundo, e compreender o que está acontecendo conosco, e como, minúsculos pontos entrecruzam nossa biografia e história dentro das sociedades (Mills, 1975). A imaginação, é uma de consciência que nos faz pensar, refletir sensibilizar diante de futuros possíveis. A imaginação é esperar e descolonizar.

Pensar o amanhã é um exercício de recuperação da imaginação. *“Cada realidade é apenas uma descrição, um sistema de percepção e linguagem. Quando você aprende a acessar outras “realidades”, você desfaz uma descrição ou plano/nível de realidade e reconstruir outro ou outros”*¹⁰⁷ (Gloria Anzaldúa, 2015, p. 46). Aqui, a escrita é uma das possibilidades de reivindicar a imaginação. Uma vez que uma grande transformação, de ESPERANÇA¹⁰⁸, pode nos deixar em ansiedade do porvir, já que, *“a maioria não foi à passeata, não se manifestou, não criou tópicos nas redes sociais, não quebrou janelas, não incendiou veículos, não gritou palavras de ordem, não usurpou arquibancadas. [...] A luta deles, a nossa luta, as lutas de baixo em geral, dependem da resistência. Não desistir, não se vender, não*

desistir.” (EZLN, 2015). Nesta tese-crônica, tese que também é um convite, eu proponho que a gente comece a imaginar pelas frestas. Resistir para construir, e fissurar

“o muro que refaz a si mesmo. Por isso devem seguir sem descanso. Não apenas para alargar a greta, sobretudo para que não feche [...]. Agora o importante é a greta”

(EZLN, 2015).

Minha proposta para começar a rachar o muro, é uma nova perspectiva sobre a imaginação. Uma imaginação decolonial e feminista, criando outras e novas relações com a imaginação na qual escrever é capaz de fender as imagens coloniais e derrubar as estátuas dos colonizadores¹⁰⁹. Põe em prática, o processo de cura das feridas coloniais, ao valorizar o processo criativo da escrita, da escrita desobediente, *“desafiando as premissas básicas sobre as quais conceitos são construídos”*¹¹⁰ (Gloria Anzaldúa, 2015, p. 49).

¹⁰⁷ No original: “Each reality is just a description, a system of perception and language. When you learn to access our “realities”, you undo a description or plane/level of reality and reconstruct another or others”. Anzaldúa, Gloria. *Light in the Dark/Luz en lo Oscuro: Rewriting Identity, Spirituality, Reality*. Durham, Duke University Press Books, 2015.

¹⁰⁸ Catherine Walsh (2019) refere-se a ESPERANÇA com maiúsculas, a mudar ou

transformar o sistema capitalista-moderno/colonial-patriarcal em seu conjunto e totalidade, e de crer que outro mundo a nível global.

¹⁰⁹ Desde 2019, em especial na América Latina, estátuas de escravagistas e colonizadores vem sendo derrubadas como atitude de denunciar que os preceitos colonialistas não nos servem mais. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57743744>. Acesso em ago. de 2023.

¹¹⁰ No original: “challenging the basic assumptions upon which concepts are built”. Anzaldúa, Gloria. *Light in*

Eu só escrevi essa tese, porque mesmo depois de tudo que já foi contado aqui, eu imaginei, eu imagino com esperança, as pequenas que vão indo devagarinho acendendo as fagulhas dos nossos corações com as batidas do esperar. Eu só escrevi, porque também, eu fiz em comunidade¹¹¹, que me fez capaz de perder o medo da desobediência¹¹². A imaginação que se pretende decolonial e feminista, é um exercício de deslocar a existência para outro contexto de respeito e afeto. bell hooks (2020) diz que a imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que as pessoas oprimidas podem usar. Ela pode garantir a sobrevivência pois nos dão capacidade de nos mover para um lugar de possibilidade. A imaginação “*é uma recriação simultânea do eu e uma reconstrução da sociedade*” (Gloria Anzaldúa, 2021, p. 85).

Escrevendo, imaginando e desobedecendo,

“transformei a mim mesma transformando o mundo”

(Gloria Anzaldúa, 2016, p.126).

Nesse caminho, ou nessa tarefa de rasgadura, esmurrando muros, “*cada aborrecimento é um grão de areia na ostra da imaginação. Às vezes, o que se acumula em torno de um desconforto ou lesão produz uma pérola de grande revelação, uma teoria*” (Gloria Anzaldúa, 2016 p.126). Nesta tese, a imaginação e a escrita, se pretendem decolonial e feminista, porque uma

“feminista não desiste, por isso sempre imagina. [...] A mim, interessa explorar como exercitamos a imaginação para a esperança- e escrita - feminista”

(Débora Diniz, 2022 p. 33 e 39).

the Dark/Luz en lo Oscuro: Rewriting Identity, Spirituality, Reality. Durham, Duke University Press Books, 2015.

¹¹¹ Aqui, me refiro a comunidade de escrita, acolhimento, partilha proporcionado pelo Grupo Mariposas – minorias sociais, resistências e práticas de transformação, do qual faço parte. O grupo se propõe a ser o que bell hooks (2017) chama de comunidade pedagógica e Paulo Freire (1987) de círculo de cultura. Essa prática desenvolve o sentido político da solidariedade a partir da prática do

diálogo, pensando outras formas de se fazer ciência, com afeto e acolhimento.

¹¹² Deixo registrado nesta tese- tese-crônica a importância da banca de qualificação do projeto que se pretendia tese, feita com respeito e amorosidade. Rompendo com a cultura acadêmica que adoce as pessoas no processo de produção dos trabalhos. Revolucionar o modo de fazer ciência é superar as vaidades e contribuir de maneira carinhosa com modos outros do fazer científico, com a educação. Uma banca composta de mulheres que se compreendem em comunidade.

Por uma escrita decolonial como prática

De todas as coisas, durante meus anos na vida acadêmica, sempre me incomodava com os textos ilegíveis. O conhecimento como um prêmio, para aqueles que chamam de iniciados. Não queria ser uma iniciada, eu queria entender o que estava escrito. Eu queria

“jogar fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e a bússola”

(Gloria Anzaldúa, 2021, p.61).

Mas, na academia e na ciência, eu preciso “falar a língua do opressor” (bell hooks, 2008) para me comunicar e para subverter. Para isso, não precisamos perder a nossa linguagem, a nossa escrita. O que precisamos é conseguir jogar o jogo e incluir nossos textos, nossas

reivindicações, como ação de desobediência¹¹³ e assim, possibilitar promover mudanças.

A desobediência deste texto é a escrita. Assumo aqui a escrita como opção decolonial capaz de criar brechas, lacunas e espaços em que possam emergir

“uma história das vozes torturadas, línguas rompidas e permanecer para falar com nossas vozes”

(Grada Kilomba, 2019)

para criar material a partir da vida cotidiana o qual podemos usar para (re)pensar as nossas vidas. É um movimento decolonial, uma vez que ao escrevermos, transformamos o silêncio em ação (Audre Lorde, 2019) Escrever, portanto, emerge como um ato político (Grada Kilomba, 2019).

Nesta tese, a escrita emerge como a brecha em que vamos assumir nossa posição de inconformidade diante da única história, colonial e dominadora que descreve nossas vidas como um todo. Elaborar e aceitar a autoria como próprio ato de escrever, assentar a nossa palavra e fazer (re)surgir das lacunas abertas, as escritoras que atravessadas pela vida,

¹¹³ A palavra desobediência aqui, se refere ao termo Desobediência epistêmica como opção decolonial proposta por Walter D. Mignolo (2008). Baseado em Anibal Quijano (1990), para o qual “desprenderse de las vinculaciones de la racionalidad-modernidad con la colonialidad, en primer término, y en definitiva con todo

poder no constituido en la decision libre de gentes libres”, Mignolo propõe iniciar esse movimento, não rompendo com a produção de conhecimento já institucionalizada, mas se desvincular “dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento” (MIGNOLO, 2008, p.290).

abrem caminhos para outras. Aqui, “*escrevo para a “ideiar” – a palavra espanhola que significa ‘formar ou conceber uma ideia, desenvolver uma teoria, inventar e imaginar’.* Meu trabalho é sobre questionar, afetar e mudar os paradigmas que regem noções predominantes de realidade” (Gloria Anzaldúa, 2015, p.2)¹¹⁴. Mesmo que,

“nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta numa tentativa”

(Clarice Lispector, 2010, p. 15).

A questão é que o silêncio não nos protege (Audre Lorde, 2019). Mais cedo ou mais tarde, vamos tentar e vamos escrever. Do nosso jeito, de diferentes formas, com nossa língua selvagem (Gloria Anzaldúa, 2009) como crítica ao eurocentrismo, contra a história dos vencedores¹¹⁵. Nesse processo de tentativa, de escrita que foge da dominação, que comunica sentimentos e, que nesta tese pretendeu ser escrita em crônicas, que “*por meio de assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta a sensibilidade do dia*”

(Candido, 1992). Nesse sentido, a escrita tem potencial para elaborar sensibilidades críticas, que podem nos permitir andar nas brechas (Silvia Rivera Cusicanqui, 2021) da decolonialidade, na qual,

a busca por uma outra ordem mundial, é a luta pela criação de um mundo onde muitos mundos podem existir, e onde, portanto, diferentes concepções de tempos, espaço e subjetividades possam coexistir e, também se relacionar produtivamente

(Maldonado-Torres, 2018, p.36).

Em uma breve digressão, minha formação como cientista social se deu na perspectiva de uma ciência eurocentrada, que se considerada clássica. Durante os anos de graduação, entre 2003 e 2010, apenas uma mulher foi leitura obrigatória: Argelina Cheibub Figueiredo, cientista política. E mesmo assim, descobri que era uma mulher anos depois, afinal, só líamos somente seu sobrenome nas referências. Qual o motivo de sempre pensarmos que estamos lendo textos de homens e quais homens? Provavelmente, brancos, europeus ou estadunidenses.

A escrita acadêmica, na minha formação, deviria ser “neutra”. Utilizando a norma

¹¹⁴ No original: “*Escribo para “idear — the Spanish word meaning “to form or conceive an idea, to develop a theory, to invent and imagine.”*

My work is about questioning, affecting, and changing the paradigms that govern prevailing notions of reality. Anzaldúa, Gloria. *Light in the Dark/Luz en lo Oscuro: Rewriting Identity, Spirituality, Reality.* Durham, Duke University Press Books, 2015.

¹¹⁵ Walter Benjamin (2012), propõe uma história que deve fazer justiça aos passados que se esconderam ou foram escondidos pela transmissão cultural do progressismo histórico, “o passado dos oprimidos”. Assim, para ele, é preciso resgatar a história dos esquecidos pela tradição da história, reconhecendo os sem nome, e fazendo justiça freando o cortejo dos vencedores, interrompendo o fluxo contínuo da história e reconstruindo o passado.

culta da língua portuguesa. Mesmo quando havia parágrafos críticos, eram escritos em terceira pessoa do plural. O que sempre me causou muita estranheza, afinal, quem estava escrevendo era eu, e na maioria das vezes, sem compartilhar com outras pessoas o entendimento sobre a leitura. Erro fatal! A escrita, a leitura e o conhecimento, são coletivos, mas a universidade é, também, um empreendimento colonialista. Colonizada e colonialista, reproduz a lógica dominante, verdades universais e dificilmente consegue romper com a lógica de produção do mundo capitalista¹¹⁶, em que a escrita, *“vincula-se à ideia de autoridade e exclusão sobre os que não acessam seus códigos”* (Mendes, 2023)¹¹⁷. Foi nesse movimento, que me dei conta que não era apenas ter um teto todo meu, uns trocados e tempo, como a subjetivação neoliberal nos faz crer¹¹⁸, com a promessa de um futuro melhor que nunca chega (Krenak, 2020). Apesar de Virginia Woolf nos alertar para as interrupções, apagamento, o trabalho demasiado de nós, mulheres, esperar as condições favoráveis

para a escrita, é quase que “esperar eternamente”. Além de ser uma reivindicação, de mulheres brancas assim como eu, que bastaria *“ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever”* (Virginia Woolf, 2014, p.12). Mas,

O texto não é um texto fixo. As palavras vão ser sempre as mesmas palavras, certo? Enquanto continuarem imprimindo o livro, as palavras permanecerão as mesmas. Mas o texto, esse vai ser diferente a cada leitora e cada leitura. O texto vai se mover e revelar algo novo cada vez que você lê-lo.

(Gloria Anzaldúa, 2021, p.158)

Relendo Virginia, e apesar de ela ser uma mulher branca, reivindicando uma demanda de mulheres brancas, ainda sim ela nos lembra que *“a escritora está viva em você e em mim, e em muitas outras mulheres [...] que estão lavando a louça ou colocando os filhos na cama”*. E insiste, *“ela virá, se trabalharmos por ela, e que esse trabalho, seja na pobreza, seja na obscuridade, vale a pena”* (Virginia Woolf, 2014, p. 158-159). Foi assim que, por exemplo, Carolina Maria de Jesus, disse *“o meu sonho é escrever”* já que

¹¹⁶ Para além de um sistema econômico, “se trata de um sistema hegemônico que transcende as relações econômicas e inclui relações raciais, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas, pedagógicas, epistemológicas, todas articuladas em uma matriz de poder colonial que estabelece a superioridade biológica e/ou cultural das populações de origem europeia construídas como “ocidentais”, sobre as populações não europeias construídas como “não ocidentais”” (Grosfoguel, 2012, p. 342).

¹¹⁷ Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/267/para-descolonizar-as-letras-na-america-latina-1>. Acesso em 05 de ago de 2023.

¹¹⁸ Subjetivação neoliberal, é o processo e o produto nosso tempo e compreende a individualização dos problemas sociais e coletivos, na qual a ideia de coletividade é substituída pelo indivíduo-empresa que é o único responsável pelo seu fracasso ou sucesso, e produz um mal-estar que muitas vezes não sabemos nomear (Dunker, 2020; Dardot; Laval, 2016, Wendy Brown, 2020).

**“não existe neste mundo,
quem não acalenta um
sonho intimamente”**

(Carolina Maria de Jesus, 2014, p.14).

E Carolina, escreveu.

Durante muito tempo, não foi possível contarmos outras histórias, legitimarmos nossa ciência porque precisamos conhecer a linguagem do opressor. Compreender seus signos, significados os quais utilizam como ferramentas de dominação.

**“E toda a gente pensa que fazer
literatura - e ciência - é falar ou
escrever bonito. Bonito entre
nós às vezes quer dizer difícil.
Às vezes tolo. Quase sempre
eloquente”**

(Machado, 2007).

“Para seguir viva e não ser massacrada na universidade, estratégias de contra-combate são necessárias, estratégias de sobrevivência e resistência” (Gloria Anzaldúa, 2021, p. 199).

Nesta tese, a escrita emerge nas brechas, como possibilidade de luta anticolonial (Silvia Rivera Cusicanqui, 2018). Exercício de imaginação e criatividade conta as *“ferramentas do opressor”* (Audre Lorde,

2019), uma vez que, por certo tempo elas até podem proporcionar estarmos a frente no jogo, mas nunca serão capazes de promover uma mudança efetiva.

**O dilema é como escrever (produzir) sem ser
inscrito (reproduzido) na estrutura branca
dominante e como escrever sem reinscrever
e reproduzir aquilo contra o qual nos
rebelamos¹¹⁹?**

(Gloria Anzaldúa, 2015).

Para superar esse dilema, devemos estar vigilantes para não cairmos na armadilha de criar outras estruturas de dominação, que se apropriem de saberes, narrativas, histórias de vida e de comunidades.

Precisamos estar atentas para não renovar a colonialidade, uma vez que *“sempre que a necessidade de uma suposta comunicação surge, os que lucram com a nossa opressão nos convidam a dividir com eles nosso conhecimento”* (Audre Lorde, 2019, p.158).

Assim,

**nós, que pensamos há décadas, podemos
correr o risco de virar matéria-prima para
depois nos devolverem, como produto
processado, e termos nossas próprias ideias
transformadas em jargões ininteligíveis por
alguns senhores cuja ética deixa muito a
desejar”**

(Silvia Rivera Cusicanqui, 2018).

Não deixaremos mais que produzam sobre nós. *“Que pessoas de classe média e alta, brancas e com poder nas universidades e no*

¹¹⁹ No original: “how to write (produce) without being inscribed (reproduced) in the dominant white structure and how to write without reinscribing and reproducing what we rebel against”. Gloria. **Light**

in the Dark/Luz en lo Oscuro: Rewriting Identity, Spirituality, Reality. Durham, Duke University Press Books, 2015.

mundo editorial e artístico” (Gloria Anzaldúa, 2021p.154), escrevam sobre nós. Produziremos. Mostraremos nossos valores, visões de mundo e realidades sobre nossas culturas. Criaremos e comunicaremos nossas teorias, uma vez que a forma de escrita acadêmica, logocentrada implica na nossa morte (Rita Segato, 2021). Escreveremos, já que a escrita é um tema central que devemos discutir de forma aberta, para entendermos seus dilemas e encontrar soluções (Rita Laura Segato, 2021), já que “não pode haver um discurso da descolonização, uma teoria da descolonização, sem uma prática descolonizadora” (Silvia Rivera Cusicanqui, 2021, p.101).

A escrita nesta tese, é entendida como prática. Como convite, em que

“escrever e falar funcionam como válvula de escape, mas também são ações políticas que brotam no impulso de subverter, resistir, educar e promover mudanças”

(Gloria Anzaldúa, 2021, p. 152).

A escrita é *“a própria possibilidade de mudança, o espaço do qual pode se lançar um pensamento subversivo, o movimento percursor de uma transformação das estruturas sociais e culturais” (Hélène Cioux, 2022, p. 49).*

Por uma escrita feminista

Quando em 1975, Hélène Cixous escreveu *“O riso da Medusa”*, uma górgona que não aceita mais decapitações. Ela ri e grita! Ela chama: vamos reivindicar a autoridade, escrever textos políticos, teóricos e poéticos. Ela propunha um ‘estilo feminino’ de escrita, para se dizer o que deve ser dito (Hélène Cixous, 2022). Para a Medusa, era só mostrar suas línguas para que todos – os homens – saíssem correndo, já que eram confundidas com serpentes. Mas tal como serpentes, as línguas selvagens, não podem ser domadas, apenas decepadas (Gloria Anzaldúa, 2009). E assim, durante séculos se decepavam mulheres, Medusas, serpentes e línguas, na tentativa que calarem as nossas vozes, e apagarem – ou nos proibirem – de escrever.

Aqui no Brasil, em 2018, ano de eleições para a presidência da república, Marielle Franco, na ALERJ no dia 8 de março de 2018, pronunciou

“não serei interrompida, não calarão a minha voz”.

Seis dias depois, sua voz foi calada e sua vida interrompida. Barulhenta, mal-educada, autoritária caracterizada como frequentemente se faz com as mulheres negras na sociedade em que reproduz discursos racistas e sexistas que as definem (hooks, 2019b). Executaram-na com três tiros na cabeça. Calaram sua voz. E, com isso, a voz de muitas mulheres negras, bissexuais, pobres e que já são silenciadas há muito tempo no Brasil, que disfarçado de país generoso não é capaz de reconhecer o racismo entranhado na sua cultura, disfarçada de democracia. Mas Marielle abriu um rasgo, e que nós podemos continuar.

Antes de Marielle, houve outras. Lélia Gonzales (2020), emprega o conceito do pretuguês, marca de africanização e que é falado no Brasil, como marca de amefricanidade¹²⁰. Eles – imaginem aqui quem são – que não reconhecem o quanto *“é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência européia, muito civilizado, etc e tal”* (Lélia Gonzales, 2020, p. 90), e,

gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente

¹²⁰ Termo cunhado por Lélia Gonzales em seu texto “A categoria político cultural de amefricanidade” no qual ela define como amefricanas/amefricanos toda uma

descendência: não só de africanos trazidos pelo tráfico negreiro como daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. (Lélia Gonzales, 2020, p. 135).

ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? [...] Não sacam que tão falando pretuguês.

(Lélia Gonzales, 2020, p. 90).

A escrita é a própria possibilidade de mudança, na qual lançar nossos pensamentos subversivos e desobedientes. Criamos nossa forma rebelde de desabafar nossos sonhos, e parar de calar nossos corpos, porque a escrita é um gesto de criar, mudar e questionar, que imaginando é capaz de desenvolver outros sentidos epistemológicos, uma vez que

a escrita é onde questiono a realidade, a identidade, a linguagem e as representações da cultura dominante e da dominação ideológica. [...] Minha postura metodológica emerge no processo de escrita, assim como minha teoria¹²¹

(Gloria Anzaldúa, 2018, sp.).

No gesto de escrever, a vida ganha existência através da rebelião, contra as opressões neoliberais, imperialistas, patriarcais, racistas. É preciso escrever para que possamos dar os nomes certos as violências que sofremos. É uma tarefa trabalhosa e dolorosa, que muitas vezes vai ser feita com raiva. Já que teremos que *“lidar com a falta de coerência e estabilidade na vida, bem como com o aumento das*

tensões e conflitos, me motiva a processar a luta. Angústia mental, emocional e espiritual aguda me motiva a escrever sobre minhas/nossas experiências”¹²² (Gloria Anzaldúa, 2018, sp.). O gesto da escrita, possibilita que possamos colocar nosso argumento e nossas premissas em ênfase. Então, vamos abrir as passagens, as brechas para acabar com a repetição ritual de coisas ditas, absolutas, para um movimento de coisas a dizer, as que foram inauditas (Hélène Cioux, 2022), superando a impossibilidade da nossa escrita (Lúcia Castelo Branco, 1985). Vamos abusar das nossas línguas de serpente, e dizer o que nos foi impedido. Vamos escrever para recontar e vamos dizer

“O meu sonho é escrever”

(Carolina Maria de Jesus, 2018)

e vamos rir, o riso da Medusa na cara do homem branco que nos chama de louca, que quer decepar nossas línguas e que nos obriga a usar a mão direita (Gloria Anzaldúa, 2000). Esta tese foi – e pretende continuar sendo – um convite, a leitura pelas brechas e a escrita, decolonial, feminista, desobediente. Que te chama para martelar as rochas, até que elas se

¹²¹ No original: “*es en la escritura donde cuestiono la realidad, la identidad, el lenguaje y las representaciones de la cultura dominante y la dominación ideológica. [...] Mi postura metodológica emerge en el proceso de escritura, así como mi teoría*”. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/escribir-para-lidiar-con-la-bestia-sombra/>. Acesso em ago. de 2023.

¹²² No original: “*Lidiar con la falta de coherencia y estabilidad en la vida, así como con crecientes tensiones y conflictos, me motiva a procesar la lucha. La angustia mental, emocional y espiritual aguda me motiva a escribir sobre mis/nuestras experiencias*”. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/escribir-para-lidiar-con-la-bestia-sombra/>. Acesso em ago. de 2023.

abram para a passagem das nossas esperanças pequenas.

A escrita feminista aqui, tem intenção de superar o feminismo que é entendido como estilo de vida, que introduziu ideia de posicionamento individual de mulheres acima da coletividade (bell hooks, 2019). Essa é uma das ideias neoliberais incorporadas ao feminismo. Noção que enfraquece a ação coletiva e a solidariedade. Essa lógica de pensamento, de que algumas pessoas, racializadas, mulheres, grupos oprimidos no capitalismo, conseguem alcançar lugares de destaque, nos colocando na perspectiva ideológica do fatalismo liberal (Freire, 1997). Daí a importância da imaginação como alternativa contra a dominação. A perspectiva decolonial assumida pelo feminismo, deve se comprometer em,

revisar e dialogar com o pensamento e as produções que vêm desenvolvendo pensadoras, intelectuais, ativistas e lutadoras, feministas ou não, afrodescendentes, indígenas, mestiças populares, camponesas, migrantes racializadas, assim como aquelas acadêmicas brancas comprometidas com a subalternidade na América Latina e no mundo¹²³

(Yuderkys Espinosa Miñoso, 2016, p.151).

¹²³ No original: “revisa y dialoga con el pensamiento y las producciones que vienen desarrollando pensadoras, intelectuales, activistas y luchadoras, feministas o no, de descendencia africana, indígena, mestiza popular, campesina, migrantes racializadas, así como aquellas académicas blancas comprometidas con la subalternidad en Latinoamérica y en el mundo” (Yuderkys Espinosa Miñoso, 2016, p.151).

¹²⁴ No original: “es guiar a lxs lectorxs y darles el espacio para co-crear, usualmente en contra de la cultura, familia y mandamientos del ego, en contra de las censuras internas y externas, en contra de lo que dictan

Assumir a postura de uma escrita feminista e decolonial, é uma ferramenta política na luta de mulheres de diferentes etnias e classes conta a injustiça social e cultural (Caroline Marim, 2020). Também, ler pelas entrelinhas, nas lacunas e brechas abertas por escritoras que são comprometidas com outro mundo, com o seu reencantamento, nos ajuda a despertar para a imaginação como tarefa de “*orientar os leitores e dar-lhes espaço para cocriar, geralmente contra os mandamentos da cultura, da família e do ego, contra a censura interna e externa, contra o que os genes ditam*”¹²⁴ (Gloria Anzaldúa, 2018, sp.).

O gesto da escrita, nesta tese, tese-crônica foi um exercício, uma prática. Essa ação de escrever, entendo, deve ser mobilizada por uma atitude decolonial (Maldonado-Torres, 2018) em que ao escrever eu

compreendo as línguas, emoções, pensamentos” [...] no qual devo “decifrar qual pessoa (eu, ela, você, nós, eles), que tempo (presente, passado, futuro), que língua e registro, de que voz ou estilo falar¹²⁵

(Gloria Anzaldúa, 2018, sp.)

Também é um gesto - particular - feminista, que vai se apoiar na luta

los genes”. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/escribir-para-lidiar-con-la-bestia-sombra/>. Acesso em ago. de 2023.

¹²⁵ No original: “Comprendo lenguajes, emociones, pensamientos” [...] en los que debo “descifrar qué persona (yo, ella, tú, nosotros, ellos), en qué tiempo (presente, pasado, futuro), en qué idioma y registro, de qué voz o estilo de hablar”. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/escribir-para-lidiar-con-la-bestia-sombra/>. Acesso em ago. de 2023.

anticolonial para criar um mundo mais potente, mágico e solidário.

“Agora, as mulheres vão escrever”

(Hélène Cioux, 2022, p.31).

Talvez, *“estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida”* (Conceição Evaristo, 2005, sp.).

A proposta é que ao escrever, ao nos escrevermos, ao imaginar o mundo e outros mundos, e *“ainda que não se possa falar em uma única escrita feminina, sob pena de generalizar tanto escrita quanto sujeito da escrita feminina”* (Isadora Ebersol, 2023, p. 67), vamos dar ênfase, dentro do universo de feminismos plurais, para uma escrita feminista – e decolonial, e assumir que a imaginação das mulheres é inesgotável, como a música, a pintura, a escrita. Na mulher se cruzam as histórias de todas as mulheres. A escrita que se pretende estar tão perto do dia a dia das pessoas comuns, sendo capaz de quebrar com a imagem nobre e etérea que envolve a literatura canônica, e acadêmica (Angélica Soares, 2007).

A poesia falada e inventada por mulheres *slamers* no contexto latino-americano, nos mostram uma possibilidade de combate a

colonialidade dos discursos que negam suas criações (Raffaella Fernandez, 2021).

“E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, racializadas, queers, periféricas - que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação” (Conceição Evaristo, 2005, sp.). Os *slam* é um grito de denúncia, *“gritam DIGNIDADE! E gritam VIDA!”* (Catherine Walsh, 2019, p.93). Para as mulheres do *slam*, a escrita parece fazer sentido através da oralidade e da expressão corporal. Uma escrita com o corpo, a escrita como gesto. *“O corpo é texto. Escrever não é estar na sua cabeça; é sobre estar em seu corpo. O corpo responde fisicamente, emocionalmente e intelectualmente a estímulos internos e externos, e a escrita armazena, ordena e teoriza essas respostas”*¹²⁶ (Gloria Anzaldúa, 2018, sp.).

Essa tese-crônica, assim como o *slam* de mulheres latino-americanas, se propôs a realizar um exercício feminista decolonial, rompendo com a lógica dominante da linguagem com vistas a produzir uma comunicação que não é valorizada na academia. As crônicas, surgiam no acaso da escrita pelo impulso, inconformidade e raiva. Também, o tempo

¹²⁶ No original *“El cuerpo es texto. Escribir no se trata de estar en tu cabeza; se trata de estar en tu cuerpo. El cuerpo responde física, emocional e intelectualmente a estímulos internos y externos, y el escribir guarda,*

ordena y teoriza estas respuestas”. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/escribir-para-lidiar-con-la-bestia-sombra/>. Acesso em ago. de 2023.

da escrita era um tempo de barbárie, e era impossível.

Eu não posso ignorar o fato de que milhares de pessoas vão dormir com fome todas as noites. As milhares que fazem trabalho de merda entorpecedor oito horas diárias de suas vidas. As milhares que são espancadas e mortas todos os dias. As milhões de mulheres que foram queimadas em fogueiras, as milhões que foram estupradas. Onde está a justiça para essas pessoas?

(Gloria Anzaldúa, 2021, p. 85).

Eu não consigo resolver isso dentro de mim. E eu não consigo resolver sozinha. Por isso, esta tese foi sobre a escrita, decolonial, feminista. Por isso ela é composta de crônicas ou textos outros, híbrida. Feita no fluxo do pensamento, uma abordagem narrativa que teoriza sobre a vida em que eu falo comigo mesma e com as vocês. E apesar de “parecem textos ligeiros, simples e superficiais, tamanha a facilidade de leitura. São pequenas obras-primas de emoção baseadas nos espantos e alegrias, decepções e surpresas do cotidiano” (Santos, 2007, p.18). “Principalmente porque elabora uma linguagem que fala perto do nosso modo de ser aís natural” (Candido, 1997, p.13).

Durante a escrita dessa tese, busquei referência teorizando experiências cotidianas, imaginando outros caminhos possíveis e às vezes, foi um processo doloroso (Gloria Anzaldúa, 2005). Assim, a escrita foi um gesto que mexeu com todo o meu corpo, com os

sentimentos mais profundos. Com as incoerências de ser humana, tentando ao máximo, praticar o que eu digo e escrevo. Quando eu apresentei a qualificação desta tese, eu prometi textos - crônicas - que imaginariam outros mundos possíveis. Talvez no texto -crônica, não tenha acontecido, mas imaginar, esperar e descolonizar é um processo. Como processo, pode demorar mais tempo que o tempo dos calendários acadêmicos. Pode parecer clichê, mas a escrita desta tese produziu a mim de uma forma que é impossível voltar a ser a de antes.

Mas, não acabou ainda, mesmo que não tenham crônicas de esperar, porque o horror nos assombrou nos últimos anos, e a barbárie insiste em vencer, a escrita da tese também ensinou que, não precisamos transformar o todo, em ESPERANÇA, a grande esperança. A escrita é um gesto e o gesto aqui é romper, fissurar e criar brechas para que possam passar as esperanças pequenas. Esta tese também é um movimento, e como tal, segue com sua tarefa de convidar outras para também abrir as rochas nomeando suas presenças como tática de sobrevivência. A tese não acaba, porque as leitoras e leitores, sempre poderão ter a possibilidade de reescrever e ressignificar pelas brechas, uma vez que, escrever é também um exercício de falta, porque não posso dizer sobre todas as coisas.

**Vocês são as profetisas com penas e tochas.
Escrevam com suas línguas de fogo. Não
deixem que a caneta lhes afugente de vocês
mesmas. Não deixem a tinta coagular em
suas canetas. Não deixem o censor apagar as
centelhas, nem mordanças abafar suas vozes.
Ponham suas tripas no papel. Contrárias.**

(Gloria Anzaldúa, p.235, 2000).

O nosso convite, meu, e daquelas que vieram antes de mim, é para que a gente se escreva, para que ao realizar a escrita e a leitura, compartilhando em solidariedade e comunhão, imaginar possibilidades de alargar as fendas das esperanças pequenas. Vamos escrever para que não arranquem as nossas línguas *mestizas*, para que as serpentes e a Medusa possam seguir vivas em nós. Nem mortas e nem decapitadas. Porque a nossa tarefa é, de olhos abertos, coração pulsando, coletivamente, imaginar como rasgaremos o muro que nos separa. Vamos escrever e construir outros mundos possíveis.

LA
ESPERANZA
ANDA SUELTA
POR LAS CALLES.

Referências

- AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. São Paulo: UBU Editora, 2022.
- ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ANZALDÚA, Gloria. **A Vulva é uma Ferida Aberta e Outros Ensaio**. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Spinsters/Aunt Lute, 2016.
- ANZALDÚA, Gloria. **Light in the Dark/Luz en lo Oscuro: Rewriting Identity, Spirituality, Reality**. Durham, Duke University Press Books, 2015.
- ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF**. Niterói, N. 39, p. 305-318, 2. sem. 2009.
- ANZALDÚA, Glória. Gestos del cuerpo, escribiento para idear. **Revista Anfíbia**, 2018. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/escribir-para-lidiar-con-la-bestia-sombra/>. Acesso em ago. de 2023.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. **Revista estudos feministas**, v. 13, p. 704-719, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: **Obras Escolhidas vol 1, Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012, pp. 241-252.
- BIROLI, Flavia; MACHADO, Maria das Dores Campos Machado, VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: Disputas e Retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luiz Felipe. **Feminismo e política**. São Paulo, Boitempo, 2014.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo, Boitempo, 2018.
- BRANCO, Lúcia Castello. A (im)possibilidade da escrita feminina. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, [S.l.], v. 4, p. 30-41, nov. 1985. ISSN 2358-9787. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/4172>. Acesso em: 14 set. 2022.
- BRASIL. **Lei das eleições**. Lei número 9.504 de 30 de setembro de 1997.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo:** a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

CANDIDO, Antônio *et al.* **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antônio *et al.* **A crônica:** o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antônio *et al.* **A crônica:** o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CASARA, Rubens. **Contra a miséria neoliberal:** racionalidade, normatividade e imaginário. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

CASTRO. Josué. **Documentário do Nordeste.** São Paulo: Brasiliense, 1959.

CASTRO. Josué. **Geografia da fome:** o dilema do brasileiro – pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CASTRO. Josué. **Homens e caranguejos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. “**Diálogo:** Silvia Rivera Cusicanqui y Silvia Fedrerici, Interstício Visual, 2019. Disponível em: < <https://vimeo.com/335774684> >. Acesso em: 10 de abril de 2023.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch’ixinakax utxiwa:** uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum:** ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante.** São Paulo, Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo, Boitempo, 2016.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong.** São Paulo: n-1 edições, 2016.

DINIZ, Débora. GERBARA, Ivone. **Esperança feminista.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

EVARISTO, Conceição. “Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita”. In: ALEXANDRE, Marco Antônio (Org.). **Representações performáticas Brasileiras:** Teorias, Práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EZLN. El Muro y la Grieta. Primer Apunte sobre el Método Zapatista. Participación de la Comisión Sexta del EZLN. Ciudad de México: EZLN, 2015. Disponível em: <<https://radiozapatista.org/?p=12929>>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução:** trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Efeante, 2019.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos:** a encruzilhada da esquerda brasileira. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FERNANDEZ, Raffaella. Comunhão decolonial no slam de mulheres latino-americanas. **Língua-lugar:** Literatura, História, Estudos Culturais, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 90-107, 2022. DOI: 10.34913/journals/lingualugar. 2021.e714. Disponível em: <<https://oap.unige.ch/journals/lingua-lugar/article/view/714>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

FISCHER, Mark. **Realismo capitalista:** é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **As fronteiras raciais do genocídio.** University of Brasília Law Journal (Direito. UnB), v. 1, n. 1, p. 705, 2016.

FRANCO, Marielle. **UPP – a redução da favela a três letras:** uma análise da política de segurança pública do estado do rio de janeiro. Orientadora: Joana D’Arc Fernandes Ferraz. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-graduação em Administração, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, Universidade Federal Fluminense, 2014.

FRANÇA, Julio. **O narrador ético:** experiências e sabedoria nas crônicas brasileiras do século XIX. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

FRED ZERO QUATRO. **Manifesto:** Caranguejos com cérebro. [s.d.]. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html> Acesso em 14 de abril de 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAGO, Verónica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo.** São Paulo: Elefante, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

- HARNECKER, Marta. **Ideias para a luta:** doze artigos para o debate militante. São Paulo, Expressão Popular, 2018.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Pensamento feminista hoje:** perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.
- hooks, bell. **Erguer a voz:** pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019b.
- hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. Revista Estudos Feministas, v. 16, p. 857-864, 2008.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Roda dos tempos, 2019a.
- hooks, bell. **Teoria feminista:** da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019c.
- IVÁNOVA, Adelaide. **O Martelo.** Rio de Janeiro: Edições Garupa, 2017.
- IVÁNOVA, Adelaide. **Performance Fruto Estranho.** Festa Literária de Paraty, Flip 2017. Disponível em: <<http://www.dobrasvisuais.com.br/2017/11/fruto-estranho-adelaide-ivanova/>>. Acesso em: 10 de março de 2023.
- JAMES, Selma; DALLA COSTA, Mariarosa. **El poder de la mujer y la subversión de la comunidad.** Bogotá: Siglo Veintiuno editores, 1975.
- JESUS, Carolina Maria de. **Meu sonho é escrever...contos inéditos e outros escritos.** Organização: Raffaella Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** Diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** Diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1992.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação.** Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Um futuro ancestral.** Companhia das Letras, 2022.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- LISPECTOR, Clarice. **Crônicas para jovens de escrita e de vida.** Pedro Karp Vasquez (org.), Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- Lorde, Audre. **Irmã outsider.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e ação.** Comunicação de Audre Lorde no painel “Lésbicas e literatura” da Associação de Línguas Modernas em 1977. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/>>. Acesso em 14 de set. de 2022.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade**: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

MARIM, Caroline. **Escrita Feminista, por uma escrita viva e que nos mantenha vivas**. In: VÁRIOS AUTORES. **Mulheres na História: inovações de gênero entre o público e o Privado**. Petrópolis: Editora Literar, 2020.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na psicologia**: estudos psicossociais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. **De por qué es necesario un feminismo decolonial**: diferenciación, dominación co-constitutiva de la modernidad occidental y el fin de la política de identidad. Solar | Año 12, Volumen 12, Número 1, Lima, 2016. Disponível em: <<http://revistasolar.org/wp-content/uploads/2017/07/9-De-por-qu%C3%A9-es-necesario-un-feminismo-decolonial...Yuderkys-Espinosa-Mi%C3%B1oso.pdf>> Acesso em 14 de set. de 2022.

NAÇÃO ZUMBI. Da lama ao caos. Rio de Janeiro: CHAOS: 1994. 50 min.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Editora Perspectiva SA, 2016.

OLIVEIRA, Niara de; RODRIGUES, Vaness. Histórias de morte matada contadas feito morte morrida. **Organicom**. [S. l.], v. 20, n. 41, p. 32-46, 2023. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2023.206716. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/206716>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

PAGES CAMARGO, Tamiê; LINO NETTO, Livian; COELHO DA SILVA, Diônvera; ALVES GUIMARÃES, Isabella; FARIAS BARRIOS, Andressa; ROCHA CLASEN, Julia; VEIGA JÚNIOR, Álvaro; ACCORSSI, Aline. Carta ao meu pai: em direção a uma consciência feminista. **Revista Feminismos**, v. 10, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/45575>>. Acesso em: 13 set. 2022.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: o** que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. En Los conquistados. y la población indígena de las América. In: BONILLA, Heraclio (compilador). **Quito: Tercer Mundo**, Libri Mundi Editors, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. in: SANTOS, Boaventura. MENESES, Maria Paula (org). **Epistemologias do Sul**. Almedina, Coimbra, 2009, p. 73-117.

SANTOS, Joaquim Ferreira. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SATAFLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SATAFLE, Vladimir. **Bem-vindo ao Estado suicidário**. Disponível em: <<https://utopiasposcapitalistas.com/2020/03/27/bem-vindo-ao-estado-suicidario-vladimir-safatle/>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

SEGATO, Rita. **Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial**. Bazar do Tempo, 2022.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Bazar do tempo, 2021.

SILVESTRE, Helena. **Notas sobre a fome**. São Paulo, Expressão Popular, 2021.

SOLANO, Ester. A bolsonorização do Brasil. In: ABRANCHES, Sérgio *et al.* **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TRIVIÑO, José Luis Pérez. **Los genocidios del siglo XX**. Editorial UOC, 2016.

WALSH, Catherine. Gritos, gretas e sementeiras de vida: entretences do pedagógico e do colonial. In: SOUZA, Sueli Ribeiro Mota; SANTOS, Luciano Costa (Orgs.). **Entre-linhas: educação, fenomenologia e insurgência popular**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 93-120.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.